

MANUAL DE LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

Formação de Professores do Ensino Primário
e Educação de Adultos



República de Moçambique

Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano

PROGRESSO



Ficha Técnica

TÍTULO	Manual de Línguas Moçambicanas Formação de Professores do Ensino Primário Educação de Adultos
COORDENAÇÃO GERAL	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (DNFP & INDE)
COORDENAÇÃO EDITORIAL	Associação Progresso Azevedo B. B. Nhantumbo & David Uassane Chinavane
AUTORES	Samima Patel, Atanásio Majuisse & Félix Tembe
EDIÇÃO	Associação Progresso ©2018 (Revisão - Março 2019)
REVISÃO LINGUÍSTICA	Aurélio Zacarias Simango
REVISÃO CIENTÍFICA	Feliciano Salvador Chimbutane
REVISÃO GÉNERO E TEMAS TRANSVERSAIS	Hubertina van Eys & Heloisa Modesto
REVISÃO PELA CODE	Ranilce Guimarães Iosif
COORDENAÇÃO GRÁFICA	Associação Progresso (Neide Pinto)
MAQUETIZAÇÃO	Associação Progresso (Neide Pinto e Cassamo Moiane)
ILUSTRAÇÃO	Associação Progresso (Cassamo Moiane)
IMPRESSÃO	
TIRAGEM	2500 exemplares
REGISTO	9822/RINLD/2018

Maputo - Moçambique



República de Moçambique
Ministério de Educação e
Desenvolvimento Humano



Canada 

PREFÁCIO

Caros formadores e formandos,

O Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano coloca nas vossas mãos, o **Manual de Línguas Moçambicanas** para a Formação de Professores do Ensino Primário e Educação de Adultos.

Este é um instrumento de trabalho que irá orientar as actividades diárias de formação destes professores. Resulta de um trabalho de cooperação entre os Governos de Moçambique e do Canadá, operacionalizado pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, pela Organização Canadiana para o Desenvolvimento através da Educação (CODE) e pela Associação Progresso, como parceiros de implementação.

A abordagem metodológica do ensino de diferentes temas constantes deste Manual privilegia um ensino centrado no aluno, que constitui alicerce para a aprendizagem efectiva.

Os usuários deste material devem assumí-lo como uma sugestão, devendo, portanto, com proactividade, explorar outros materiais didácticos, de acordo com o contexto e com base na sua experiência.

O Manual constitui uma ferramenta que visa dotar os formandos de habilidades em literacia nas suas línguas moçambicanas de trabalho, no contexto da Educação Bilingue, no Ensino Primário. Assim, o mesmo procura garantir uma correlação entre a formação de professores do Ensino Primário e as exigências do seu desempenho na prática pedagógica, através da correcta interpretação e implementação dos programas de ensino.

Trata-se de um Manual elaborado num contexto multidisciplinar que abrange competências profissionais de docência, a formação da cidadania planetária, a moçambicanidade, a interculturalidade, o respeito pela diversidade e pela equidade do género assim como outros valores que contribuam para que o professor assuma uma postura exemplar na sociedade.

A utilização correcta deste Manual contribuirá para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, apelamos para que todos os intervenientes na área de formação de professores usem o material como instrumento de garantia da qualidade de formação dos professores para o sistema educativo moçambicano.



Conceição Ernesto Xavier Sortane

Ministra da Educação e Desenvolvimento Humano

AGRADECIMENTOS

Não teria sido possível a concretização desta obra sem a participação de muitos intervenientes que contribuíram com a sua acção, as suas iniciativas e o seu saber na elaboração deste Manual.

O nosso maior agradecimento vai para a Equipa Técnica do MINEDH para a avaliação deste Manual, pela sua valiosa contribuição para a consolidação do conteúdo do mesmo: Eduardo Napualo (INDE); Laquene Laisse (INDE); Félix Langa (DNFP); Gervásio Chambo (UEM); Henrique Mateus (UEM); Inocêncio Monjane (IFP de Chibututuine) e Paulino Fumo (UP).

Um agradecimento especial é extensivo aos técnicos das diversas unidades orgânicas do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano aos diversos níveis, em particular aos da DNFP, da DINEP, da DGGQ, da DAT, das DPEDH de Cabo Delgado, Niassa, Tete e Maputo Província; dos SDEJT da Cidade de Pemba, Distrito de Cuamba, Distrito de Cahora Bassa, Distrito da Manhiça e Cidade da Matola e aos formadores e formandos dos IFP Alberto Joaquim Chipande, Belmiro Obadias Muianga, Chitima, Chibututuine e Matola que, nas sessões de socialização, das induções e no processo de testagem, contribuíram com as suas ideias para o enriquecimento do Manual.

A todos quantos leram o draft deste Manual, fizeram observações e deram sugestões para o seu melhoramento, vai o nosso muito obrigado.

CONTEÚDOS

LISTA DE TABELAS E MAPAS	7
LISTA DE ABREVIATURAS	8
LISTA DE ÍCONES	9
INTRODUÇÃO	11
1.1. Linguagem adoptada no Manual	13
1.2. Como usar este Manual	13
1.3. Organização do Manual	13
1.4. Estratégias de aprendizagem auto-instrucionais	14
CAPÍTULO I: PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE	17
1.1 Língua, dialecto/variante linguística e comunicação	20
1.2 Línguas Bantu, diversidade e multiculturalidade	24
1.3 Línguas Bantu	27
1.4 Importância das línguas moçambicanas na educação e no desenvolvimento	33
Bibliografia	37
CAPÍTULO II: SISTEMA DE SONS E ORTOGRAFIA DAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS	39
2.1 Princípios básicos de leitura e de escrita das línguas moçambicanas	42
2.2 Todas as línguas do mundo podem ser escritas?	44
2.3 Vogais e consoantes das línguas moçambicanas	45
2.4 Representação gráfica das línguas moçambicanas	47
2.5 O sistema de escrita nas línguas moçambicanas: escrita conjuntiva e disjuntiva	54
Bibliografia	61

CAPÍTULO III: O NOME NAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS	63
3.1. O nome nas línguas Bantu de Moçambique	66
3.2. Formação de novas palavras nas línguas moçambicanas	72
3.2.1. Derivação nominal	73
3.2.2. Empréstimos nominais e critérios de sua integração nas línguas moçambicanas	75
Bibliografia	79
CAPÍTULO IV: O VERBO E A FRASE NAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS	81
4.1. Características do verbo nas línguas Moçambicanas	84
4.2. Derivação verbal	86
4.3. A reduplicação verbal como processo derivacional nas línguas moçambicanas	88
4.4. Flexão e afixos verbais	93
4.5. A frase nas línguas moçambicanas	94
4.6. Sistema de concordância	96
Bibliografia	98
CAPÍTULO V: A LEITURA E SUA PRÁTICA NAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS	99
5.1. Conceitos de leitura	102
5.1.1. As habilidades, etapas e tipos de leitura	103
5.1.2. As habilidades, etapas e tipos de leitura	103
5.1.3. Actividades práticas para desenvolvimento da leitura em línguas moçambicanas	104
Bibliografia	114
CAPÍTULO VI: ESCRITA E A SUA PRÁTICA NAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS	115
6.1. Tipos de escrita	119
6.2. Textos administrativos	123
6.3. Textos literários	124
6.4. Textos multiuso	128
6.5. Textos de chamada de atenção	131
Bibliografia	134
CHAVES DE CORRECÇÃO	
CAPÍTULO I	136
CAPÍTULO II	138
CAPÍTULO III	141
CAPÍTULO IV	143
CAPÍTULO V E VI	145

LISTA DE TABELAS E MAPAS

TABELA		PÁGINA
Tabela 1	Línguas moçambicanas e as suas variantes/dialectos.	21
Tabela 2	Vocabulário para exercitação das características das línguas Bantu	29
Tabela 3	Línguas moçambicanas, com ortografia padronizada, usadas no ensino bilingue (Compilação a partir de Ngunga e Faquir (2011) & MINEDH: Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue 2020-2029).	32
Tabela 4	Exercício de escrita do vocabulário básico.	43
Tabela 5	Quadro comparativo do alfabeto de Português e das línguas moçambicanas	46
Tabela 6	Vogais breves	48
Tabela 7	Vogais longas	48
Tabela 8	Vocabulário para exercício de indução	67
Tabela 9	Resumo dos prefixos e classes nominais das línguas bantu moçambicanas.	70
Tabela 10	Exercício de aplicação sobre a derivação verbal	87
Tabela 11	Exercício de aplicação sobre a frase nas línguas moçambicanas	94
Tabela 12	Exercício de aplicação em grupo sobre o sistema de concordância	97
MAPAS		PÁGINA
Mapa 1	Zonas e grupos de línguas Bantu (Guthrie 1971-1976)	28

LISTA DE ABREVIATURAS

CD	Disco Compacto
CV	Curriculum Vitae
DIU	Dispositivo Intra-uterino
IFP	Instituto de Formação de Professores
ITS	Infecção de Transmissão Sexual
L1	Língua Primeira
L2	Língua Segunda
LB	Língua Bantu
LM	Língua Moçambicana
LIT.	Tradução Literal/Tradução Palavra por Palavra
MISAU	Ministério da Saúde
PC	Prefixo de Concordância
PCEP	Plano Curricular do Ensino Primário
SSR	Saúde Sexual Reprodutiva
TIC's	Tecnologias de Informação e Comunicação
TV	Televisão

LISTA DE ÍCONES

	CAPÍTULOS		EXERCÍCIO DE AUTO-AVALIAÇÃO
	RESULTADOS ESPERADOS		TRABALHO EM GRUPO DE LÍNGUAS
	TEXTO		COMPREENSÃO
	ESTUDO INDEPENDENTE		RESUMO
	REFLEXÃO		BIBLIOGRAFIA
	DRAMATIZAÇÃO		TEATRO DO LEITOR
	CHAVE DE CORRECÇÃO DOS EXERCÍCIOS		TRABALHO AOS PARES
	JORNAL DA TURMA		LEITURA PARA GRAVAÇÃO
	LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA FLUÊNCIA		PRÁTICA DA LEITURA SILENCIOSA
	DEBATE		RODA DE LEITURA

INTRODUÇÃO

O presente Manual de Línguas Moçambicanas faz parte de uma série de cinco manuais, a saber: Psicopedagogia, Língua Portuguesa, Línguas Moçambicanas, Didáctica de Língua Portuguesa e Didáctica de Língua Primeira. Todos eles destinam-se à formação de professores para o ensino primário e educação de adultos. Os mesmos foram elaborados pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, com o financiamento do Governo do Canadá, no âmbito do Projecto BETTER.

Estes manuais, para além de obedecerem à Lei do Sistema Nacional de Educação, aos Planos Curriculares do Ensino Primário e de Formação de Professores para o Ensino Primário e Educação de Adultos, aos programas de ensino e aos demais documentos normativos da educação em Moçambique, respeitam os princípios estabelecidos para a promoção de um ensino centrado no aluno, na inclusão, na equidade de género e outros temas transversais.

À luz do Plano Curricular de Formação de Professores para o Ensino Primário e Educação de Adultos, com este Manual pretende-se desenvolver, nos formandos do curso de formação de professores do Ensino Primário e Educação de Adultos, as competências e atitudes seguintes:

- ◆ O domínio da oralidade, da leitura e da escrita da sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ O domínio dos conteúdos científicos sobre as línguas moçambicanas;
- ◆ O domínio dos conteúdos do Ensino Primário e Educação de Adultos e a sua relação intra e interdisciplinar;
- ◆ A planificação, a mediação e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem de modo criativo, reflexivo, autónomo e em colaboração com os outros, tendo em conta as necessidades, interesses e progressos dos aprendentes (crianças e adultos);
- ◆ O conhecimento de Ciências da Educação, relacionados com o Ensino Primário e Educação de Adultos;
- ◆ Uma cultura científica, que promova o auto-desenvolvimento profissional.
- ◆ O reconhecimento dos direitos humanos e da criança, da cidadania responsável e democrática, dos valores universais e patrióticos;
- ◆ Os princípios ético-deontológicos associados às relações do género e à profissão docente.

O presente Manual de Línguas Moçambicanas constitui uma ferramenta que visa dotar os formandos de habilidades de literacia nas suas línguas moçambicanas de trabalho, no contexto da Educação Bilingue no Ensino Primário.

A construção da leitura e da escrita das e nas línguas moçambicanas orienta-se numa dinâmica educativa inserida num país real, linguística e culturalmente diverso e heterogéneo, como ilustra a seguinte citação:

A visão da relevância do currículo fundamenta-se na percepção de que a educação tem de ter em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos sociais, para que se torne num factor, por excelência, de coesão social e não de exclusão. Efectivamente, muitas vezes, acusam-se os sistemas educativos formais de impor aos educandos os mesmos modelos culturais e intelectuais, sem prestar atenção suficiente à diversidade dos talentos, da imaginação, atitudes, predilecções, fobias, dimensão espiritual e habilidade manual. (PCEP)¹

O currículo de formação de professores não é alheio a esta realidade. Isto significa que os(as) professores(as) devem ser preparados para fazer face a este contexto, o que requer estratégias pedagógicas e metodologias apropriadas. Para o efeito, são introduzidos dois módulos, designadamente, o de Línguas Moçambicanas e o de Didáctica de Língua Primeira, nos Institutos de Formação de Professores (IFP's).

Nesse sentido, na elaboração do presente Manual parte-se dos seguintes pressupostos: (i) os(as) formadores(as) e os(as) formandos(as) dos IFP's, os futuros professores primários, são falantes nativos de, pelo menos, uma língua moçambicana (LM ou L1); (ii) a sua escolarização foi feita apenas na língua portuguesa, o que significa que devem aprender a ler e escrever na sua LM, futura língua de trabalho; (iii) falam o Português como língua segunda (L2) e não possuem uma literacia robusta nesta língua; (iv) a maior parte dos beneficiários provém de contextos rurais orais com uma cultura de literacia fraca, tanto na L1, como na L2.

Assim, dois desafios se colocam na formação dos futuros professores, a saber: incidir na literacia das suas línguas moçambicanas e na literacia do Português como L2. Estes são considerados desafios porque: (i) os formandos deverão especializar-se no ensino de e numa língua moçambicana da qual são falantes, bem como no ensino de Português, sem que tenham aprendido formalmente a ler e a escrever na língua moçambicana e sem que tenham alcançado níveis satisfatórios de uso da norma padrão do Português; (ii) os formandos têm, também, o desafio de ensinar estas línguas como disciplina, para ajudar os alunos a desenvolverem as suas habilidades linguísticas, e usá-las como meio de ensino de outras disciplinas curriculares.

Tendo em conta que o presente Manual se destina à formação inicial de professores para o ensino primário e educação de adultos, os capítulos foram estruturados por forma a desenvolver, no formando, as quatro habilidades linguísticas, nomeadamente: ouvir, falar, ler e escrever, respondendo, deste modo, ao perfil de saída destes profissionais. Estas habilidades serão desenvolvidas a partir de recursos de aprendizagem de matiz linguística, de cultura geral e de temas transversais do currículo do Ensino Primário, de Formação de Professores e de Educação de Adultos.

¹PCEP - Plano Curricular do Ensino Primário: Objectivos, Política, Estrutura, Planos de Estudo e Estratégias de Implementação (INDE/MIDEH), 2018

Os temas transversais serão abordados de forma integrada em práticas de produção oral, de leitura e escrita. Por exemplo, nos vários capítulos, os temas transversais serão abordados através de diferentes géneros textuais, tais como anúncios, cartazes, contos, poemas, canções e outros que despertem a atenção dos formandos para o seu futuro trabalho, o Ensino Primário e Educação de Adultos. Assim, abordaremos temas como: cultura, paz, diversidade, diferença, unidade nacional, cidadania, democracia, ambiente, desenvolvimento, género e saúde sexual reprodutiva. Outros temas poderão ser sugeridos pelos(as) formandos(as). Enfoque especial coloca-se na promoção dos valores respeitantes às questões do género, que irão ser observadas na abordagem dos conteúdos do Manual.

1.1. LINGUAGEM ADOPTADA NO MANUAL

A abordagem linguística adoptada neste Manual observa os princípios de género, preconizados no Currículo de Formação de Professores para o Ensino Primário e Educação de Adultos. No entanto, para não sobrecarregar o layout do texto escrito, as marcas de género (o/a) não serão morfologicamente destacadas. Igualmente, adoptou-se uma linguagem clara e menos tecnicista, daí que os poucos termos técnicos são apresentados, ao longo do Manual, em forma de Ficha Informativa. Do mesmo modo, o Manual não adoptou uma terminologia específica para se referir às línguas bantu, o que se traduz no uso dos termos (i) Línguas Bantu de Moçambique, (ii) Línguas Moçambicanas, (iii) Língua Bantu ou Língua Moçambicana de Trabalho, como sinónimos do termo língua moçambicana, mais familiar ao formando. Além disso, é uma maneira de o formando conhecer a diferente terminologia usada para se designar estas línguas.

1.2. COMO USAR ESTE MANUAL

Por ser auto-instrucional, o presente Manual foi concebido e estruturado por forma a permitir uma fácil exploração. Assim, cada capítulo apresenta: (i) os conteúdos em aprendizagem, seguindo-se os exercícios de indução e de consolidação; (ii) o resumo dos conteúdos tratados; (iii) uma ficha informativa, principalmente, de termos técnicos integrados em cada um dos capítulos; (iv) exercícios de aplicação e avaliação, de prática individual ou colectiva; (v) os exercícios de auto-avaliação serão resolvidos por escrito; e (vi) no final de cada capítulo, propõe-se uma lista bibliográfica para leitura complementar sobre os conteúdos desenvolvidos ao longo do mesmo.

1.3. ORGANIZAÇÃO DO MANUAL

O Manual estrutura-se em capítulos como se apresenta a seguir:

Capítulo I: Panorama sociolinguístico de Moçambique – Neste capítulo, introdutório do Manual, você vai, fundamentalmente, familiarizar-se com os aspectos do contexto social e linguístico de África, em geral, e de Moçambique, em particular.

Capítulo II: Sistema de sons e ortografia das línguas moçambicanas – Neste capítulo, você vai adquirir os fundamentos sobre a leitura e a escrita das e nas línguas moçambicanas.

Capítulo III: O nome nas línguas moçambicanas – Neste capítulo, você vai aprender que, nestas línguas, o nome ou substantivo é organizado em classes, que são conjuntos de palavras que apresentam o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância.

Capítulo IV: O verbo e a frase nas línguas moçambicanas - Um aspecto importante do funcionamento de uma língua tem a ver com o verbo na frase. Neste capítulo, você vai aprender as características do verbo e da frase nas línguas moçambicanas. Estes aspectos são abordados de forma integrada e sistemática.

Capítulo V: A leitura e sua prática nas línguas moçambicanas – Neste capítulo, você vai desenvolver as suas habilidades de leitura na língua moçambicana que já fala, aplicando as regras aprendidas através de diferentes exercícios práticos e interactivos.

Capítulo VI: A escrita e sua prática nas línguas moçambicanas – A escrita, assim como as outras habilidades já desenvolvidas, é muito importante na aprendizagem de uma língua. Enquanto habilidade linguística, a escrita é o culminar das aprendizagens que vem adquirindo. Assim, este capítulo oferece-lhe conhecimentos e práticas que visam fortalecer as suas habilidades de escrita na sua língua moçambicana de trabalho.

Ainda que as diferentes habilidades linguísticas sejam tratadas em capítulos diferentes, neste Manual adopta-se uma abordagem de ensino e aprendizagem integrada, considerando a natureza complementar das diferentes habilidades. A aprendizagem de uma língua em contextos escolares segue uma ordem natural, ou seja, ouvir, falar, ler e escrever. No entanto, em determinados momentos, você poderá ter, por exemplo, actividades que iniciam com a escrita, passando pela leitura e terminando com a oralidade.

1.4. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM AUTO-INSTRUCIONAIS

A proficiência numa determinada língua alcança-se pelo desenvolvimento sistemático de quatro habilidades linguísticas: ouvir, falar, ler e escrever. Estas habilidades estão ligadas à vivência cultural, no caso específico, à experiência linguístico-cultural do formando, de modo a que ele possa desenvolver as habilidades necessárias para usar a língua, de acordo com as suas necessidades comunicativas, como futuro professor do Ensino Primário.

Tratando-se de um Manual auto-instrucional, as actividades sugeridas têm igualmente em conta o dinamismo característico do ensino e aprendizagem de uma

língua no Ensino Primário. Deste modo, as actividades sugeridas foram concebidas de modo a permitir uma participação activa dos formandos, tornando o ensino divertido e frutífero, dando mais relevo às interacções entre os actores do processo educativo. Esta abordagem torna os sujeitos activos da aprendizagem, e não meros receptores das matérias curriculares, cabendo ao formador o papel de facilitador deste processo de aprendizagem. A seguir apresentam-se e desenvolvem-se os capítulos que compõem o Manual.

CAPÍTULO I
PANORAMA
SOCIOLINGUÍSTICO
DE MOÇAMBIQUE



Ao terminar este capítulo, você será capaz de caracterizar o panorama sociolinguístico de Moçambique, com enfoque na educação, posicionando-se em relação à diversidade linguística e cultural do país e ao direito à diferença. Também aprenderá sobre a importância das línguas moçambicanas para lidar com aspectos que envolvem, por exemplo, o HIV/SIDA. Assim, estará mais preparado para lidar com a inclusão em contextos educacionais e sociais e, também, para desenvolver acções de interajuda.



No final deste capítulo, você deverá:

- ◆ Reconhecer Moçambique como um país multilingue e multicultural;
- ◆ Valorizar o papel das línguas moçambicanas na educação, na cultura e no desenvolvimento do país;
- ◆ Conhecer as características das línguas moçambicanas;
- ◆ Reflectir sobre o papel assumido por mulheres e homens no contexto familiar de aprendizagem das línguas moçambicanas.



Espera-se que, no final deste capítulo, você:

- ◆ Relacione os conceitos de língua e comunicação, exemplificando com base no contexto moçambicano;
- ◆ Componha o mapa sociolinguístico de Moçambique e identifique as línguas mais faladas em cada província;
- ◆ caracterize as línguas moçambicanas;
- ◆ Elabore um texto resumo sobre as características básicas das línguas bantu de Moçambique;
- ◆ Elabore textos sobre a importância das línguas moçambicanas para a Unidade Nacional;
- ◆ Crie textos e represente peças teatrais sobre a importância das línguas moçambicanas na sua zona, distrito, província e país;
- ◆ Reflecta sobre o papel historicamente assumido por mulheres e homens na valorização das línguas moçambicanas;
- ◆ Faça um projecto de mapeamento das principais línguas ou variantes faladas no seu distrito de origem.



O PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE

O panorama sociolinguístico de Moçambique é o primeiro conteúdo a ser explorado neste capítulo. Desenvolve-se aqui, por um lado, as especificidades do contexto sociolinguístico de Moçambique, com particular incidência para as línguas do grupo bantu faladas no país, explorando os conceitos de língua, dialecto/ variante linguística, multilinguismo, multiculturalismo e multietnicidade. Por outro, mostra-se, a partir de evidências, a importância das línguas moçambicanas nas diversas áreas de conhecimento e desenvolvimento do país, particularmente na educação. Começemos por falar de língua e comunicação.

1.1. Língua, dialecto/variante linguística e comunicação

Já deve ter ouvido falar de língua, dialecto e comunicação. Discuta estes conceitos com o seu colega e, numa folha A4, tentem defini-los. Depois comparem as vossas definições com o texto abaixo

Língua

A língua é vista, por um lado, como um sistema de signos que correspondem a ideias distintas que se constituem como um sistema gramatical no cérebro de cada indivíduo. Por outro, ela é vista como um produto social da linguagem, reunindo um conjunto de acordos aceites pela sociedade, para permitir o exercício da fala pelos falantes.

Dialecto/Variante linguística

Os termos dialecto e variante linguística são frequentemente usados para se referir à mesma entidade. Assim, considera-se variante de uma língua a variedade linguística característica de uma determinada zona. Não se deve confundir língua com dialecto/variedade linguística. Cada um dos termos tem um estatuto diferente. Por exemplo, não é correcto dizer-se que o Emakhuwa, o Xichangana, entre outras

línguas moçambicanas, são dialectos. Elas são línguas, como tantas outras faladas no mundo e possuem seus dialectos ou variantes. Por exemplo, a tabela a seguir mostra dialectos/variantes de dezanove línguas moçambicanas.

Línguas e seus dialectos ou variantes e onde se falam

Tabela 1: Línguas moçambicanas e as suas variantes dialectos. Adaptado de Ngunga e Faquir (2011)

Língua	Dialectos/ variante	Referência	Província	Locais onde se falam
				Distrito/cidade/ outros locais
1. Kimwani	Não tem muita variação dialectal	Kimwani também denominado de Kiwibu	Cabo Delgado	Mocímboa da Praia, Macomia, Quissanga, Ibo, Quirimbas e Pemba
2. Shimakonde	Shindonde Shimwaalu Shiyanga Shimwambe Shimakonde	Shimakonde	Cabo Delgado	Palma, Nangade, Mueda, Messalo, Mocímboa da Praia, Macomia e Meluco
3. Ciyaawo	Não tem muita variação dialectal	Ciyaawo	Niassa e Cabo Delgado	Sem especificações.
4. Emakhuwa	Emakhuwa Enahara Esaaka Esankaci Emarevoni Elomwe Emeetto Exirima	Emakhuwa (conhecido por Wamphula)	Nampula, Niassa, Zambézia e Cabo Delgado	Nampula - cidade, Mecubúri, Muecate, Meconta, Murrupula, Mogovolas, Ribáue, Lalaua, Malema Mossuril, Ilha de Moçambique, Nacala-Porto, Nacala-a-Velha, Memba, Eráti, Nacarôa, Angoche, Moma, Mogincual. Montepuez, Pebane, Metarica, Cuamba, Namuno, Mecanhelas, Maúa, Mandimba, Marrupa, Nipepe, Balama, Meluco,

				Pemba, Macomia, Ancuabe, Quissanga, Mocimboa da Praia, Meluco, Chiúre e Mecufi
5. Ekoti	Não tem muita variação dialectal	Ekoti	Nampula	Angoche
6. Elomwe	Não tem muita variação dialectal	Elomwe	Nampula e Zambézia	Malema, Murrupula, Ribáue Gurué Gilé, Alto Molócue, Ile
7. Echuwabu	Echuwabu Ekarungu Marendje	Echuwabu	Zambézia e Sofala	Quelimane, Inhassunge, Milange, Mocuba, Morrumbala, Lugela, Mopeia, Maganja da Costa, Namacurra e Beira
8. Cinyanja	Cinyanja Cicewa (ou Cimang'anga) e Cingoni	Cinyanja	Tete, Niassa e Zambézia	Tsangano, Moatize Mecanhelas, Mandimba, Lago, Milange, Angónia, Furancungo, Macanga, Zumbo
9. Cinyungwe	Cinyungwe	Cinyungwe	Tete	Moatize, Changara, Cahora Bassa e Marávia
10. Cisena	Sena tonga Sena bangwe Sena phodzo Sena gombe Sena gorongozi	Sena caia	Sofala, Manica, Tete e Zambézia	Cidade da Beira, Caia, Chemba, Cheringoma, Dondo, Gorongoza, Maringwe, Marromeu, Muanza, Nhamatanda, Changara, Moatize, Mutarara, Chinde, Inhassunge, Mocuba, Mopeia, Morrumbala e Nicoadala
11. Cindau	Cimashanga Cidanda Cigova Cidondo Cibangwe Ciqwaka, Cinyai Cindau	Cidondo	Sofala, Inhambane e Manica	Machanga, Búzi, Machaze, Cibabava, Cidade da Beira, Gorongoza, Mussorize, Chimoio e Govuro

12. Ciwute	Sem muita variação dialectal	Ciwute	Manica	Cidade de Chimoio
13. Cimanyika	Sem muita variação dialectal	Cimanyika	Manica	Sussundenga, Mossurize, Barwe, Manica
14. Gitonga	Gitonga, (Gikhoga), Ginyambe, Gikhumbana, Girombe e Gisewi	Gitonga gya Khogani	Inhambane	Cidade de Inhambane, Maxixe, Morrumbone, Jangamo e Distrito de Inhambane
15. Citshwa	Xikhambani Xihlengwe Ximhandla Xidzhonge ou Xidonge Xidzivi Xirhonga	Xidzivi	Inhambane Gaza Manica Sofala	Panda, Massinga, Morrumbene, Inhassoro Inharrime, Homoíne, Mambone Funhalouro, Vilanculo, Mambone
16. Cicopi	Cindonje Cilenge Citonga Cilambwe Cikhambani	Cicopi	Inhambane e Gaza	Inharrime, Chidenguele, Chongoene, Zavala, Homoíne, Panda, Manjacaze, Chibuto
17. Xichangana	Xihlanganu Xidzonga Xin'walungu Xibila Xihlengwe	Xidzonga	Maputo, Gaza, Inhambane e Sofala	Namaacha, Moamba, Magude Bilene, Massingir, Limpopo, Chibuto Xai-Xai, Guijá, Chicualacuala, Govuru Panda, Morrumbene, Massinga, Vilankulo
18. Xirhonga	Xinondrwana Xilwandle Xizingili Xihlanganu	Xinondrwana	Maputo	Marracuene, Maputo, Matola, Boone Catembe, Matutuíne, Moamba-Sede, Namaacha e Manhiça

Adaptado de Ngunga e Faquir (2011)

Nota: Os locais indicados no quadro acima como sendo onde as línguas se falam são aqueles em que as referidas línguas têm maior número de falantes.

Comunicação

A palavra **comunicar** vem do latim *communicare*, que significa pôr em comum. A essência da palavra comunicar está associada à ideia de convivência, relação de grupo, sociedade, troca de informação. O mundo da comunicação é muito vasto, mas a ideia da comunicação verbal, falada ou escrita, é prevalecente. Existem, contudo, muitos outros meios de comunicação, como os gestos, as imagens, os sons, o telefone, o computador, a TV e muito mais, que estão a ganhar cada vez mais espaço na vida das pessoas.

Actividade 1



Trabalho em grupos de língua

Formem grupos de 4 elementos de ambos os sexos e façam os exercícios que se seguem:

1. Haverá alguma relação entre língua e comunicação? Se sim, que tipo de relação é? De dependência ou de complementaridade?
2. Listem as semelhanças e as diferenças entre língua e variante linguística.
3. Quais são os meios de comunicação que conhecem?
4. Quais são os mais comuns na vossa zona de origem?
5. Qual é a língua que as mulheres usam mais na sua comunicação? E os homens?
6. Na sua língua, as mulheres pronunciam as palavras como os homens? Quais são as consequências das diferenças de pronúncia na comunicação?
7. Enriqueçam o trabalho fazendo perguntas uns aos outros sobre as vossas línguas moçambicanas.

1.2. Línguas moçambicanas, diversidade e multiculturalidade



Texto

Quem sou eu? Seguramente que esta pergunta está sempre presente em todos nós! Primeiro leia o texto que se segue:

Quem sou eu?

Chamo-me Tanayi Miquidade, sou de Nampula, tenho 11 anos e estudo na 6ª classe. Vivo com os meus pais, Carlos Miquidade e Amina Miquidade, e com os meus irmãos, Omar, Antonieta, Zarina e Murilo.

Eu sou a terceira filha da casa. Os manos Omar e Antonieta são os mais velhos. A Zarina e o Murilo nasceram depois de mim. O meu irmão mais novo, o Murilo, tem 6 anos e é surdo. Ele está na 1ª classe, tem uma professora muito boa, chamada Mariana, que também ensina na língua de sinais. O Murilo aprende a língua de sinais todos os dias com o Sr. professor Albino, que ensina muito bem. O Murilo gosta muito dos professores dele. Os colegas do Murilo apoiam-no nas tarefas da escola. Eles também o ajudam a atravessar as ruas, porque ele não pode ouvir nenhum som.

Os meus avós paternos são o Nacir Miquidade e a Isabel Cassuende e os meus avós maternos chamam-se Pedro Cumbe e Cacilda Chiconela. Tenho muitos avós e avós, tios, tias, primos e primas, do lado materno e paterno.

A minha mãe é de Lindela, em Inhambane, e o meu pai é da Ilha do Ibo, em Cabo Delgado. Eles conheceram-se em Namaacha, no Instituto de Formação de Professores, onde estudavam para serem professores primários. Quando terminaram o curso, começaram a namorar e casaram-se quatro anos depois, em Manica. Eles trabalharam muito tempo nesta província. Os meus irmãos mais velhos nasceram lá.

Três anos depois, os meus pais foram transferidos para a Zambézia. A minha mãe era Directora da EPC 25 de Junho, em Mocuba. Eu e os meus irmãos mais novos nascemos em Mocuba. Afinal de onde sou eu? Quem somos nós? Eu acho que sou de várias partes de Moçambique, é por isso que quero conhecer mais o meu lindo país e fazer muitos amigos.

Como podem ver, a minha família é alargada, diversa, por isso é multicultural. Quando estamos todos juntos, ouvem-se tantas línguas, mas o Português é a língua que nos une. Todos nós falamos Português. É verdade que os meus avós não falam tão bem como nós, mas eles sabem o suficiente para comunicarmos.

Patel, S.A.; Tembe, F. e Majuisse, A.

Actividade 2



Compreensão: Pensar, partilhar, apresentar

Em grupos de 4 formandos, respeitando-se a equidade de género, discutam e respondam às questões que se seguem sobre o texto acima:

1. De que trata o texto que acabou de ler?
2. Que línguas falam os personagens do texto?
3. Como caracteriza a família da Tanayi?
4. E a sua família, como é?
5. Que línguas se falam na sua família?
6. Conforme leu no texto, a Tanayi tem um irmão com necessidades educativas especiais.
 - a. Como é a rotina escolar dele?
 - b. Quando você estudou tinha colegas com necessidades educativas especiais? Quais?
 - c. Como é que vocês ajudam os colegas com necessidades educativas especiais?
7. Afinal, de onde é a Tanayi? Por que ela se interroga sobre a sua origem?

Actividade 3



Trabalho em grupo

1. Formem um grupo de 4 colegas, formandos e formandas.
2. Cada colega diz de onde é que língua ou línguas fala.
3. Cada um esboça um mapa linguístico da sua família.
4. Todos apresentam ao grupo o seu mapa linguístico.
5. Todos fazem perguntas uns aos outros sobre os seus mapas linguísticos.

Enriqueçam o trabalho fazendo perguntas uns aos outros sobre a vossa família e as línguas ou dialectos/variantes que falam.

Actividade 4



Debate: Inclusão educacional

No texto “*Quem sou eu?*”, aborda-se a inclusão educacional relacionada às necessidades educativas especiais. Organizem-se em grupos, de acordo com os posicionamentos em A, B e C.

Grupo A – É a favor de escolas inclusivas que albergam alunos com necessidades educativas especiais em turmas regulares;

Grupo B – NÃO concorda com escolas inclusivas, sendo a favor de escolas especiais para alunos com necessidades educativas especiais;

Grupo C – É a favor de escolas regulares com turmas especiais para alunos com necessidades educativas especiais.

1. Qual é a sua posição?
2. Discutam nos grupos e apresentem os vossos argumentos, em plenário.
3. Conquistem os outros grupos a aderirem ao vosso, pelos vossos argumentos.
4. Divirtam-se em debate, assegurando a equidade de fala e participação de formandas e formandos na exposição e defesa de ideias! Caso queira mais informações sobre educação inclusiva em Moçambique, favor consultar o Capítulo V do Manual de Psicopedagogia.

A história lida no texto “Quem sou eu?” deve-lhe ter despertado uma grande curiosidade sobre que línguas são faladas nas várias províncias de Moçambique! Afinal, como são chamadas essas línguas? Preste atenção ao que se explica a seguir!

1.3. Línguas Bantu

A palavra **Bantu** significa pessoas ou povos. Inicialmente, foi usada para se referir às línguas da África Sub-Sahariana que exibem um sistema comum de concordância por prefixo. Actualmente, o termo **Bantu** é usado para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por perto de 220 milhões de pessoas numa vasta região da África contemporânea, que se estende a sul da linha que vai desde os montes Camarões, junto à costa atlântica, até à foz do rio Tana, no Quênia, abrangendo os seguintes países: África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões, Congo, Gabão, Guiné Equatorial, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Moçambique, Namíbia, Quênia, República Democrática do Congo, Ruanda, Swazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbabwe.

1.3.1. Breve historial

Como é que essas línguas se expandiram? Agora acompanhe!

Existem várias hipóteses sobre a dispersão dos Bantu. A partir de um estudo feito em cerca de 300 línguas bantu, das quais foram seleccionadas 28 consideradas mais documentadas de cada área, os estudiosos sugerem que os falantes das línguas bantu teriam inicialmente emigrado dos Camarões em direcção ao sul. Julga-se que um importante centro de dispersão bantu deve-se ter estabelecido na região de Shaba, na actual República Democrática do Congo. Uma evidência destas constatações é o facto de que as línguas faladas nesta região - por exemplo, Bemba, Kasai e Luba - possuem um alto índice do vocabulário bantu.

Guthrie (1971-1976) fez uma classificação das línguas bantu, agrupando-as em 15 zonas codificadas em letras maiúsculas (A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S) conforme mostra o mapa abaixo. Internamente, cada zona divide-se em vários grupos de línguas estabelecidos conforme a aproximação e distanciamento linguístico e geográfico. De acordo com esta classificação, as línguas bantu de Moçambique distribuem-se por quatro zonas diferentes, a saber: G, P, N e S.

O mapa abaixo mostra as zonas geográficas onde se falam as línguas bantu.



Mapa 1: Zonas e grupos de línguas Bantu (Guthrie, (1971-1976)

1.3.2. Quais são, então, as características linguísticas das línguas Bantu?

Vamos fazer uma pequena experiência. Como se diz, no singular e no plural, cada palavra que vem no quadro abaixo. Preste atenção ao que acontece na estrutura morfológica das palavras!

Em Português	Na sua língua moçambicana	
	Singular	Plural
Pessoa		
Água		
Carro		
Gato		
Mesa		
Sapato		
Elefante		
Casa		

Tabela 2: Vocabulário para exercitação das características das línguas Bantu.

1. O que notou com a tradução das palavras do Português para a sua língua moçambicana?
2. Peça a um(a) colega que fala uma língua moçambicana diferente da sua, para lhe dizer como se diz 'pessoa/s.' O que notou?

As línguas Bantu, no geral, e as de Moçambique, em particular, são por excelência prefixais, com um sistema de géneros gramaticais em número não inferior a cinco. O género nestas línguas não é a oposição entre o feminino e o masculino. É sim, uma referência a pares de classes de nomes que se opõem entre si em singular e plural

As principais características das línguas Bantu de Moçambique são resumidamente apresentadas a seguir.

- ◆ Os indicadores de género devem ser prefixos, através dos quais os nomes podem ser distribuídos em classes cujo, número varia, geralmente, entre 10 e 20;

Exemplos:

Emakhuwa: Osoma “estudar/ler” mwalapwa “cão” / ihopa “peixes”

Gitonga: Sanana “crianças” muhevbudzi “professor” guhodza “comer”

- ◆ As classes devem associar-se regularmente em pares que opõem o singular ao plural de cada género. Todavia, há géneros de uma classe, em que não se verifica a oposição entre o singular e o plural e há géneros tripartidos, em que há oposição entre o singular, plural e o colectivo ou coisas incontáveis.

Exemplos:

Xichangana: munhu vs vanhu “pessoa vs pessoas”

sokoti vs tisokoti vs vusokoti “formiga/formigas/colónia”

Shimakonde: ng’avanga vs vang’avanga “cão vs cães”

- ◆ Não há correlação entre o género e a noção sexual ou qualquer outra categoria semântica claramente definida;

Exemplos:

Xichangana: yena “ele/ela” / mujondzi “aluno/aluna

Cinyungwe: iye “ele/ela” / mpfundzi “aluno/aluna”

- ◆ Têm um vocabulário comum, a partir do qual se pode formular uma hipótese sobre a possível existência de uma língua ancestral comum.

Exemplos:

Xirhonga: mhunu, mati, nyama “pessoa, água, carne”

Emakhuwa: muthu, maasi, enama “pessoa, água, carne”

Cisena: munthu, madzi, nyama ‘pessoa, água, carne’

Cicopi: nthu, mati, nyama ‘pessoa, água, carne’

O que observou na tradução das palavras da Tabela 2 corresponde ao que se apresenta como as características das línguas Bantu? De que forma? Discuta com os seus colegas.

1.3.3. As línguas bantu de Moçambique

Quantas e quais são as línguas faladas em Moçambique? Leia o texto que se segue!

Geograficamente, Moçambique situa-se na África Sub-Sahariana. Esta região continental é linguisticamente caracterizada pela coexistência de várias línguas, na sua maioria de origem Bantu, o que faz de Moçambique, um país com uma grande diversidade étnica, linguística e cultural, como a maior parte dos países africanos. O multilinguismo de Moçambique é caracterizado pela coexistência entre línguas de origem africana, europeia, principalmente a língua portuguesa, a língua oficial do país, também considerada a língua de unidade nacional. Neste mosaico linguístico encontramos, ainda, algumas línguas de origem árabe e asiática, usadas em contextos familiares e religiosos.

Existem, no país, cerca de vinte e quatro línguas moçambicanas, também conhecidas como línguas locais ou línguas bantu. Dezanove destas línguas têm a ortografia padronizada e são usadas na educação bilingue. Nas zonas rurais, as interações diárias desenvolvem-se quase que unicamente nestas línguas.

Distribuição das Línguas Moçambicanas por Províncias

Ordem	Língua	Província
1	Kimwani	Cabo Delgado
2	Shimakonde	Cabo Delgado
3	Ciyaawo	Niassa e Cabo Delgado
4	Emakhuwa	Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia
5	Ekoti	Nampula
6	Elomwe	Zambézia
7	Echuwabu	Zambézia e Sofala
8	Cinyanja	Niassa, Zambézia e Tete
9	Cinyungwe	Tete
10	Cisena	Manica, Sofala, Tete e Zambézia
11	Cibalke	Manica
12	Cimanyika	Manica
13	Cindau	Sofala, Manica e Inhambane
14	Ciwute	Manica
15	Gitonga	Inhambane
16	Citshwa	Inhambane, Gaza, Manica e Sofala
17	Cicopi	Gaza e Inhambane
18	Xichangana	Maputo, Gaza, Manica e Sofala
19	Xirhonga	Maputo, Gaza e Inhambane

Tabela 3: Línguas moçambicanas, com ortografia padronizada, usadas no ensino bilingue (Compilação a partir de Ngunga e Faquir (2011) & MINEDH: Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue 2020-2029).

Actividade 5



Estudo independente

1. Elabore um texto expositivo - 300 palavras - relacionando os conceitos de língua e comunicação, exemplificando com base no contexto moçambicano.
2. Será que a sua língua moçambicana possui dialectos? Se sim, indique-os!
3. Faça o mapa linguístico do seu distrito e província.
4. Faça um quadro resumo sobre as características das línguas bantu, apresentando exemplos da sua língua.



Resumo

Como vimos, onde há comunicação há língua e linguagem. Língua e dialecto são conceitos distintos e com estatutos diferentes. Vimos também que Moçambique é um país multilingue e multicultural, resultado da migração de povos de origem bantu, europeia e de outras origens como árabe e asiática. Geograficamente, as línguas bantu ocupam a maior parte da África Austral, a sul da linha divisória que vai desde os montes Camarões - África Ocidental - até à foz do rio Tana - África Oriental.

1.4. A importância das línguas moçambicanas na educação e no desenvolvimento

Para estudar a importância das línguas moçambicanas, tem que se recordar das línguas faladas em Moçambique. Quais são e onde são faladas? Agora leia silenciosamente o texto que se segue e partilhe os aspectos importantes com o/a seu/sua colega de carteira!

1.4.1. Importância das línguas moçambicanas no desenvolvimento nacional e global

POR QUE AS LÍNGUAS SÃO IMPORTANTES?

Num discurso sobre a importância das línguas para a sociedade, Kohichiro Matsuura, Director Geral da UNESCO (1999 – 2009), referiu que as línguas são essenciais para a identidade de grupos e indivíduos e para a sua coexistência pacífica. São um factor estratégico para o desenvolvimento sustentável e para uma relação harmoniosa entre os contextos global e local.

Continuando, ele disse que as línguas asseguram uma educação culturalmente apropriada, que capacita os membros da comunidade a organizarem as suas actividades de desenvolvimento e os ganhos que obtêm, além de gozarem de uma boa qualidade de vida. Os pais cuidam melhor de si mesmos e de sua família quando sabem ler e escrever na sua língua materna e têm acesso à informação sobre saúde numa língua que entendem melhor.

As comunidades etnolinguísticas são, por exemplo, muito vulneráveis à malária, cólera e outras doenças, em parte por falta de informações essenciais na sua língua materna. A leitura de materiais sobre higiene, nutrição, prevenção e combate a doenças em línguas locais demonstrou ser efectiva para melhorar a saúde das comunidades e aumentar a esperança de vida. A disponibilidade de informação culturalmente relevante desfaz os conceitos errados e tabus normalmente associados a várias doenças.

As línguas são um factor determinante para o desenvolvimento sustentável, ajudando a aliviar a pobreza e a fome, a fazer o ensino básico, a promover a igualdade de género e a autonomia das mulheres, a reduzir a mortalidade infantil, a melhorar a saúde materna, a combater o HIV/SIDA, a malária e outras doenças.

OPENSOURCE, 2008

Actividade 6



Trabalho aos pares

O texto que acabou de ler mostra o papel determinante que as línguas têm para o indivíduo, a comunidade e o país. Em pares, respondam, por escrito, às perguntas que se seguem:

1. “ ...as línguas são essenciais para a identidade de grupos e indivíduos e para a sua coexistência pacífica.”

- a) Comentem a citação em 1, à luz do que aprenderam sobre as línguas moçambicanas.
- b) Dêem dois exemplos sobre a relação entre língua e identidade de grupos e de indivíduos.
- c) Será que a língua pode influenciar a identidade entre homens e mulheres?

2. “ ... as línguas são um factor estratégico para o desenvolvimento sustentável e para uma relação harmoniosa entre os contextos global e local. ”

- a) De que forma as línguas moçambicanas constituem um factor de desenvolvimento sustentável do país.
- b) Como é que se faz a relação entre o local e o global através de línguas?

Sustentem a vossa resposta com base no papel das línguas moçambicanas e do Português na sociedade.

Actividade 7



Trabalho em grupo

Formem cinco grupos com representantes de ambos os sexos e elaborem uma redacção de 250 palavras sobre como as línguas moçambicanas podem contribuir para o desenvolvimento do país nos seguintes domínios:

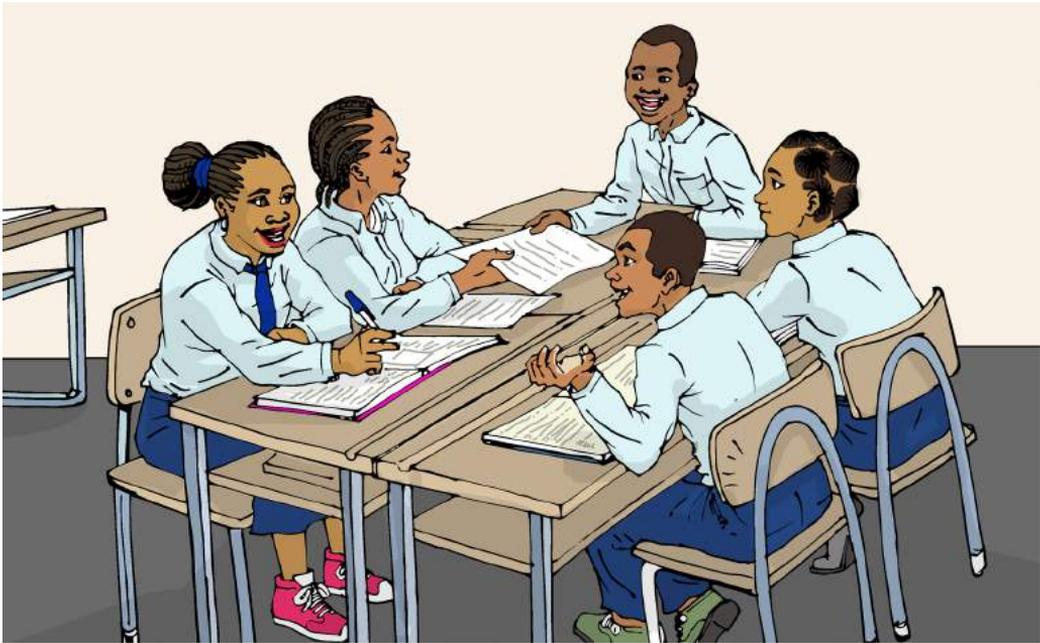
Grupo 1: Unidade nacional;

Grupo 2: Paz e cidadania;

Grupo 3: Diversidade cultural;

Grupo 4: HIV e ITS e prevenção da sua feminização;

Grupo 5: Direitos humanos e linguísticos.



Podem formar os grupos usando figuras de animais ou nomes de países. Usem a vossa imaginação e criatividade! Usem a técnica de redacção conjunta: Numa folha o primeiro colega escreve uma frase relacionada com o tema do grupo; o segundo colega continua, com base no que o primeiro escreveu e assim sucessivamente, até todos completarem e fecharem a vossa redacção. No fim, façam a edição da redacção e dêem um título à vossa escolha, mas que esteja relacionado com a mesma.

Nestas actividades, escrevam apenas em Português. Façam-no com correcção ortográfica e frásica. Evitem escrever períodos e parágrafos longos. Leiam atentamente as vossas respostas antes de partilharem com o formador e com os outros colegas.

Bom trabalho! Divirtam-se!

1.4.2. Importância das línguas moçambicanas na educação

Já se referiu, neste capítulo, que a língua não é apenas um meio de comunicação. Ela está presente em todas as esferas do desenvolvimento das sociedades. Como é na educação? O processo de ensino e aprendizagem baseia-se na comunicação entre o professor e os alunos e entre alunos. Um dos principais meios dessa comunicação é a língua, apoiada por outros meios como imagens, gestos, mímica, TIC e mais.

Estudos que analisam a relação entre língua e educação mostram que o aluno tem melhores resultados pedagógicos se o ensino for conduzido na sua língua materna ou na língua que melhor domina. Em Moçambique, a língua portuguesa não é conhecida pela maioria da população, apesar de ser a língua oficial e ser falada em quase todo o território nacional. Por isso, faz todo sentido, a introdução de línguas moçambicanas no ensino. Dados estatísticos, sobretudo do Censo de 2007, indicam que perto da metade da população moçambicana (50.4%) fala a língua portuguesa, sendo que uns a falam como língua primeira (10.7%) e outros como língua segunda (cerca de 40%). Em contraste, cerca de 85%, portanto, a maioria, da população tem uma língua moçambicana como materna (L1) e 90% dos moçambicanos fala, pelo menos, uma língua moçambicana.

Sobre a condição do conhecimento da língua portuguesa entre homens e mulheres, embora se registre alguma melhoria, os dados estatísticos dos três últimos censos populacionais realizados no país apontam para uma situação desprivilegiada da mulher em relação ao homem. Por exemplo, no censo de 1997, 50% dos homens recenseados sabiam falar a língua portuguesa, contra apenas 29% de mulheres. No censo de 2007, os dados indicam que 59.8% dos homens recenseados sabiam falar a língua portuguesa, contra 41.2% de mulheres. Por sua vez, o último censo realizado em 2017 constatou que, dos cerca de dez milhões e quinhentos mil moçambicanos que declararam ter conhecimento da língua portuguesa, 54.4% são homens, sendo que as mulheres ficaram nos 45.6%.

O uso das línguas moçambicanas no ensino não é visto apenas sob o ponto de vista linguístico pedagógico. Também é visto como um direito da criança e do(a) adulto(a) de aprender na sua língua materna, de acordo com a carta das Nações Unidas dos direitos humanos, nos quais se incluem os direitos linguísticos.

As línguas são, também, um factor de manifestação, preservação e manutenção das identidades culturais e étnicas, como já estudou neste capítulo. Assim, o uso de línguas moçambicanas na educação responde à necessidade de valorização da língua da criança e do adulto para o desenvolvimento da sua afirmação, auto-estima, identidade, justiça e uma forma de cultivar atitudes mais positivas em relação ao valor da educação.

Actividade 8



Reflexão

1. Um grupo de activistas sociais pretende realizar uma campanha de consciencialização, prevenção e combate ao consumo de álcool nas escolas. O grupo seleccionou 3 escolas: uma na zona urbana, uma na zona suburbana e outra na zona rural. Você é convidado a fazer parte da preparação da actividade.

- ◆ Que sugestões daria ao grupo sobre que língua usar?
 - ◆ Partilhe as suas ideias com três colegas da turma.
2. Os dados estatísticos comparativos sobre o domínio da língua portuguesa, entre homens e mulheres, apontam para uma situação desprivilegiada da mulher em relação ao homem.
- ◆ Como é que a escola e os professores devem agir para incluir as crianças falantes de diferentes línguas maternas no ensino de forma a promover a equidade de género?



Bibliografia

- Guthrie, M. (1967-71). *Comparative Bantu*. Vols I-VI. Claredon: Oxford University Press
- Hamel, R. (1995). *Derechos Lingüísticos como parte de los Derechos Humanos*. Barcelona: Santilana.
- MINEDH. (2019). *Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue, 2020-2029*. Maputo: MINEDH.
- INDE/MINED. (2003). *Programa do Ensino Básico: Programas das Disciplinas do Ensino Básico – II Ciclo*. Moçambique: INDE/MINED.
- INDE/MINED. (2003). *Programa do Ensino Básico: Programas das Disciplinas do Ensino Básico – II Ciclo*. Moçambique: INDE/MINED.
- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, A. (2014). *Introdução à Linguística Bantu*. 2ª Edição. Maputo: Imprensa Universitária.
- Patel, S. A. (2012). *Um Olhar para a Formação de Professores de Educação Bilingue em Moçambique: Foco na Construção de Posicionamentos a partir do Lócus de Enunciação e Actuação*. Tese de Doutoramento. Campinas: Unicamp.
- Saussure, F. (1986). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Sitoe, Bento (2011). *Dicionário Changana – Português*. Maputo: Texto Editores.
- Sitoe, Bento (2017). *Dicionário Português – Changana*. Maputo: Texto Editores.

CAPÍTULO II

**SISTEMA DE SONS
E ORTOGRAFIA
DAS LÍNGUAS
MOÇAMBICANAS**

No final deste capítulo, deverá ser capaz de aplicar correctamente as regras ortográficas das línguas moçambicanas, no geral, e da sua língua moçambicana de trabalho, em particular, na escrita de palavras, de frases e de diferentes tipos de texto.



Ao terminar este capítulo, você deverá:

- ◆ Reconhecer as particularidades e as regras da ortografia das línguas moçambicanas;
- ◆ Diferenciar os grafemas da língua portuguesa e da sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Escrever diferentes textos, aplicando a ortografia padronizada das línguas moçambicanas.



Espera-se que, no final deste, capítulo você:

- ◆ Identifique as características específicas das vogais e consoantes das línguas moçambicanas;
- ◆ Produza um quadro dos grafemas da sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Produza um quadro comparativo dos grafemas da língua portuguesa e da sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Leia correctamente na sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Escreva correctamente na sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Elabore e/ou traduza textos na sua língua moçambicana de trabalho, aplicando a ortografia padronizada.

ORTOGRAFIA DAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

Entre os vários conteúdos abordados no capítulo anterior, você aprendeu a diferença entre língua e dialecto. A língua é o meio pelo qual uma comunidade linguística realiza as suas interações, ao passo que dialectos/variantes são as diferentes formas de realização de uma mesma língua. Portanto, não é correcto dizer que o Emakhuwa ou o Xichangana são dialectos. O Emakhuwa e o Xichangana são línguas e, tal como quaisquer outras línguas, estas também possuem as suas variantes ou dialectos.

Você aprendeu também que o multilinguismo, o multiculturalismo e a multietnicidade são as principais características do panorama sociolinguístico de Moçambique. Ademais, as línguas moçambicanas, a par da língua portuguesa, são úteis e necessárias para o desenvolvimento do país. Sendo a Educação o motor do desenvolvimento, ela deve tomar em consideração as línguas moçambicanas.

Neste capítulo, você vai aprender as regras de leitura e escrita das diversas línguas moçambicanas, incluindo a sua.

2.1. Princípios básicos de leitura e escrita das línguas moçambicanas

Os termos ortografia e escrita não constituem novidade para si. O que pode ser novo é se há uma relação entre ambas e como se concretiza em cada língua particular. Para iniciar com essa reflexão, faça o exercício que se segue:

Actividade 1



Trabalho aos pares

Preste atenção ao quadro seguinte:

1. Traduza para a sua língua moçambicana as palavras nele contidas ou escreva os nomes das imagens conforme os casos;
2. Partilhe o que escreveu com o/a seu/sua colega que fala a mesma língua que a sua ou uma que seja próxima.



Em Português	Na sua língua moçambicana	
	Singular	Plural
Pessoa		
		
Sonhar		
Direito		
		
Mulher		
		
Dia		

Tabela 4: Exercício de escrita do vocabulário básico.

Acha que escreveu bem as palavras pedidas? Ao partilhar com o seu colega, houve alguns contrastes na forma de escrever de uma ou várias palavras? Chegaram a um acordo sobre quem realmente escreveu bem nessa língua? Qual é o sistema ortográfico de referência que usaram na escrita das palavras na língua moçambicana seleccionada?

2.2. Todas as línguas do mundo podem ser escritas?

A escrita é um sistema de representação gráfica de uma língua por meio de sinais gravados ou desenhados num suporte. Noutros termos, é um método de comunicação humana que se realiza através de sinais visuais que constituem um sistema. Geralmente, quando representamos as palavras da nossa língua na escrita, usamos um certo número de sinais gráficos, que são as letras.

Ao conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada, denomina-se alfabeto. Portanto, cada língua particular tem o seu alfabeto, resultado de uma convenção e de entendimento entre os falantes dessa língua. Mas, por si só, não basta para se estabelecer o sistema de escrita de uma língua. Deve haver regras ou normas que orientam essa representação gráfica da fala humana. Assim, ao conjunto de sinais gráficos (letras e sinais de pontuação) e das normas sistematizadas que regem a sua combinação para a representação dos sons da fala, denomina-se ortografia.

Há várias estratégias que se usam para estabelecer a ortografia de uma língua. Para o caso das línguas moçambicanas, adoptou-se uma estratégia de base fonética, em que, em princípio, cada som da fala é representado unicamente por um grafema. Ou seja, as vogais e as consoantes das línguas moçambicanas não mudam os seus valores fónicos independentemente dos contextos em que ocorrem. O mesmo já não acontece com algumas línguas como a portuguesa, em que um grafema (letra) pode, dependendo do contexto de ocorrência, representar vários sons. Por exemplo, a letra 's' pode ter vários sons, como ilustram as seguintes palavras: (i) teste, (ii) trânsito, (iii) sapato, entre outras. Para um entendimento prático sobre as diferentes formas de escrita das línguas do mundo, façam a actividade a seguir.

Actividade 2



Trabalho em grupo

1. Individualmente ou em pares, procurem, na biblioteca da escola, na comunidade, na internet ou noutro lugar, textos escritos nas línguas moçambicanas e em Português;
2. Em grupos de 3 a 4 formandos e formandas, comparem os sistemas ortográficos entre os textos escritos que os membros do grupo trazem;
3. Partilhem as vossas conclusões com os restantes colegas da turma.



Resumo

O princípio básico na escrita das línguas moçambicanas é: um grafema representa um e um único som. Independentemente do ambiente de ocorrência, as vogais e as consoantes são pronunciadas como elas são. Essas particularidades são quase idênticas para todas as línguas bantu, exceptuando casos específicos em que podem ser o resultado de adoções e convenções em cada língua.

2.3. Vogais e consoantes das línguas moçambicanas

Depois de ter algumas noções sobre os conceitos de escrita e ortografia, sobretudo em termos de especificidades no estabelecimento da ortografia das línguas moçambicanas, agora vai conhecer, com mais detalhe, as vogais e as consoantes (o alfabeto) das línguas moçambicanas, particularmente da sua língua. Para tal, irá iniciar com uma actividade desafiadora de comparação entre o alfabeto da língua portuguesa e o da sua língua moçambicana.

Actividade 3



Trabalho em grupo

Formem um grupo de falantes da mesma língua moçambicana ou de línguas próximas. O grupo deve ser composto por no máximo 4 ou 5 elementos de ambos os sexos. Observem atentamente o quadro a seguir e encontrem as semelhanças e as diferenças entre o alfabeto da língua portuguesa e da vossa língua moçambicana de trabalho.

Ordem	Grafemas do Português	Grafema de -----com a mesma escrita em Português	Grafema de -----com a mesma escrita em Português, mas com som diferente	Grafema que so existe em -----	L i s t a g e m de todos os grafemas de -----
1	a				
2	b				
3	c				
4	d				
5	e				
6	f				
7	g				
8	h				
9	i				
10	j				
11	k				
12	l				
13	m				
14	n				
15	o				
16	p				
17	q				
18	r				
19	s				
20	t				
21	u				
22	v				
23	x				
24	w				
25	y				
26	z				

Tabela 5: Quadro comparativo do alfabeto de Português e das línguas moçambicanas

O que acharam do exercício? Que semelhanças e diferenças encontraram entre os grafemas do Português e da vossa língua moçambicana? Podem partilhar os aspectos particulares que constatarem nesta actividade?

Afinal, como é que se representam graficamente os sons das línguas bantu de Moçambique?

Antes de entrarmos na representação gráfica destas línguas, é importante que conheça o significado de alguns termos técnicos para entender o processo de escrita destas línguas. Observe a ficha que se segue:

Ficha informativa

Morfema – É a partícula mais pequena de uma palavra e portadora de sentido.

Flexão – São as diferentes formas em que uma determinada palavra se pode apresentar.

Flexão verbal – São as diferentes formas em que o verbo pode ser conjugado (tempo, modo, aspecto, pessoa, número, etc.)

Morfemas flexionais (no contexto verbal): São partículas que ocorrem dentro da estrutura do verbo para indicar o tempo, o modo, a concordância, pessoa, número, entre outros. Estes podem ser classificados em:

- ◆ **Temporais** – São os que indicam o tempo (tempo gramatical), nomeadamente passado, presente e futuro;
- ◆ **Modais** – São os que indicam o modo, (indicativo, conjuntivo, condicional, potencial, etc.) De referir que, nas línguas moçambicanas, o modo é um aspecto ainda pouco estudado;
- ◆ **Aspectuais** – São os que indicam o aspecto, ou seja, a forma como uma dada acção aconteceu/acontece/acontecerá num dado intervalo de tempo;
- ◆ **De negação** – É a partícula que indica a negação. Nas línguas moçambicanas, a negação pode ser feita lexicalmente (usando uma palavra) ou morfológicamente (usando-se um morfema/partícula de negação) acoplado ao verbo;
- ◆ **De concordância com o sujeito** – É a partícula que, geralmente, indica o número (singular ou plural) do sujeito. Esta está directamente ligada à natureza do nome (classe nominal) que constitui o sujeito;
- ◆ **De objecto** – É a partícula que indica o(s) complemento(s) de um verbo (directo ou indirecto);
- ◆ **Reflexivo** – É a partícula que dá a ideia de que a acção praticada pelo sujeito recai sobre si mesmo.

2.4. Representação gráfica das línguas moçambicanas

Como já referimos, nas línguas moçambicanas adopta-se a escrita fonémica, em que um grafema é representado por um único som. As vogais, independentemente do ambiente da sua ocorrência, sempre serão lidas como elas são. Por exemplo, as vogais [o] e [e] serão lidas como elas são em qualquer contexto onde ocorrem. Veja-se as seguintes palavras:

Exemplos 1:

Xichangana: tolo “ontem” [e não tou, como seria em Português]

ntete “gafanhoto” [e não nteti, como seria em Português]

Xiphamanini “bairro/mercado” [lê-se i em todos os contextos]

buluku “calças” [lê-se u em todos os contextos]

Cindau: masoko “notícias” [e não mazoku, como seria em Português]

shamwari “amigo” [lê-se i em todos os contextos]

ruwa yedu “nossa flôr” [lê-se u em todos os contextos]

Shimakonde: madodo “pernas” [e não madodu, como seria em Português]

Ainda sobre as vogais, há uma particularidade nas línguas bantu. Algumas destas línguas possuem dois tipos de vogais, as breves e as longas. As breves (ou não alongadas) são representadas na escrita por uma letra, ou seja, são escritas normalmente.

u		i
o		e
	a	

Tabela 6: Vogais breves

Exemplos 2:

Xirhonga: mabomu “limões” ndlala “fome”

Cinyungwe: manja “mãos” tsomba “peixe”

Em contrapartida, as vogais longas são escritas duplicando a letra correspondente.

uu		ii
oo		ee
	aa	

Tabela 7: Vogais longas

A representação destas vogais na escrita de algumas línguas moçambicanas é de extrema importância, pois através delas se pode distinguir o significado entre duas ou mais palavras. A sua representação é obrigatória em línguas como Emakhuwa, Ciyawo, Echuwabu, Ciwute, onde duas palavras distinguir-se pelo alongamento da vogal, o que quer dizer que elas têm uma função contrastiva.

Exemplos 3:

Emakhuwa:	omala	“acabar”	vs.	omaala	“calar-se”
	omela	“germinar”	vs.	omeela	“repartir”
Ciyaawo:	kusoma	“picar”	vs.	kusooma	“estudar/ler”
	kupata	“obter/adquirir”	vs.	kupaata	“sacudir/limpar”
Echuwabu:	bala	“queimadura/bala”	vs.	baala	“gazela”
	otela	“casar-se”	vs.	oteela	“alegrar-se”

As consoantes

Certamente que na actividade que realizou em grupo, comparando o alfabeto do Português e da sua língua moçambicana, encontrou algumas semelhanças e diferenças entre elas. Boa parte das diferenças refere-se às particularidades da representação gráfica das consoantes das línguas moçambicanas que, de modo geral, segue os seguintes princípios:

(i) Cada consoante representa o mesmo som em qualquer ambiente de ocorrência.

Exemplos 4:

Citshwa:	kukuma	“encontrar”	kukatekisiwa	“ser abençoado/a”
Shimakonde:	lupapa	“asa”	kwigwilila	“escutar”
Xichangana:	kusaseka	“ser bonito/a”	kucincana	“trocar um ao outro/trocar-se”

(ii) Geralmente, as consoantes podem sofrer algumas alterações/modificações. Estas podem ser por:

a) Pré-nasalização

A nasalização, que na língua portuguesa é geralmente marcada em vogais, como em *acção*, *também*, *funções*, etc. nas línguas bantu ocorre frequentemente nas consoantes. Nas línguas moçambicanas, ela é marcada antepondo **m/n** antes de uma dada consoante ou grupo de consoantes. As especificidades ortográficas de cada língua ditam em que circunstâncias e que tipo de nasalização deve ser marcada.

Exemplos 5:

Cicopi:	ngoma	“batuque”	nkondo	“pé”
Ndau:	mbutu	“lugar”	mvura	“chuva”
Kimwani:	mainsha	“vida”	mumbu	“escroto”

b) Aspiração

A aspiração, que na escrita é marcada por **h**, é um processo fonológico muito presente em todas as línguas moçambicanas. A aspiração é, em muitos casos, contrastiva, ou seja, pode servir para distinguir o significado entre duas ou mais palavras em uma dada língua.

Exemplos 6:

Cinyungwe:	kutota “molhar-se” vs.	kutho th a	“expulsar”
Xichangana:	kupakela “carregar” vs.	kup h akela	“distribuir”

c) Labialização

Nas línguas bantu, há um princípio segundo o qual não é regular que duas ou mais vogais sejam escritas seguidamente em uma dada palavra, como acontece na língua portuguesa, em que podemos encontrar a sequência de duas ou três vogais, denominadas por ditongos e tritongos, respectivamente. Assim, para se evitar a sequência das vogais u, a, e, i na escrita de uma determinada palavra recorre-se a dois processos, nomeadamente a labialização e a palatalização.

Exemplos 7:

Cisena:	kugwesa	“deixar cair”	cf: [kug ues a]
Cibalke:	hwinga	“matrimónio”	cf: [hu ing a]
Cimanyika:	imbwa	“cão”	cf: [im bu a]

d) Palatalização

A palatalização é uma estratégia para evitar a sequência de vogais, principalmente de **i, a, e, o**. Ela é marcada por inserção de **y**.

Exemplos 8:

Gitonga:	gyanana “criança”; wupy a “novo/a”	cf: [gianana, wup ia]
Cinyanja:	kup y a “queimar-se”; kud y a “comer”	cf: [kup ia , kud ia]

IMPORTANTE

A labialização e a palatalização são estratégias para se evitar a sequência das vogais na ortografia das línguas moçambicanas. Contudo, em algumas línguas moçambicanas, onde ainda não existem muitos estudos linguísticos, persistem algumas incoerências na escrita, como é o caso de *ndaenda* em Cibalke, em que, obedecendo à regra anunciada anteriormente, a escrita correcta desta palavra seria *ndayenda*.



Trabalho em grupo

1. Observando o critério de equidade de género, formem grupos de falantes da mesma língua ou de línguas inteligíveis/próximas. O grupo deve ter 4 a 5 formandos. Individualmente, tentem ler os dois textos que a seguir vos são apresentados;
2. Caso haja um/a falante de cada uma das línguas dos textos abaixo (ou outro/a que entende), lê em voz alta para a turma, quantas vezes necessárias. A seguir traduz para Português, oralmente;
3. Nos vossos grupos, procurem identificar as modificações que ocorrem nos dois textos, assim como as diferenças entre as vogais;
4. Partilhem vossas constatações com um dos grupos mais próximo do vosso, sistematizem-nas e as apresentem para a turma;
5. Elaborem um pequeno texto, de aproximadamente 300 palavras, sobre uma das danças tradicionais típicas da zona onde é falada a vossa língua. Respeitem as formas de escrever nessa língua.;
6. Partilhem o vosso texto com grupos de falantes de línguas próximas. Corrijam em pares os erros de escrita e depois rescrevem o texto;
7. Apresentem o vosso texto, lendo e o traduzindo oralmente, para a turma. Se o grupo achar melhor e as circunstâncias permitirem, pode representar o modelo da tal dança descrita no texto.

Texto 1: Emakhuwa

ETUUFU

Etuufu eri nisoma na ofayi. Ela eniiniwa ni athiyana

Nisoma na etuufu niniiniwa ni makhata. Etuufu eniiniwa Wamphula, oKhaapu Telekaatu ni oSampeesiya. Ofuntti wa anamwane a etuufu onikhala woottittimihiwa.

Nihaana olaleya etuufu mulaponi mu. Nisoma na etuufu olokiha eruttu.



[in MINEDH e Vamos Ler (coord) (2017)]

Texto 2: Cinyanja

NGOMA

Galu akalira keke.

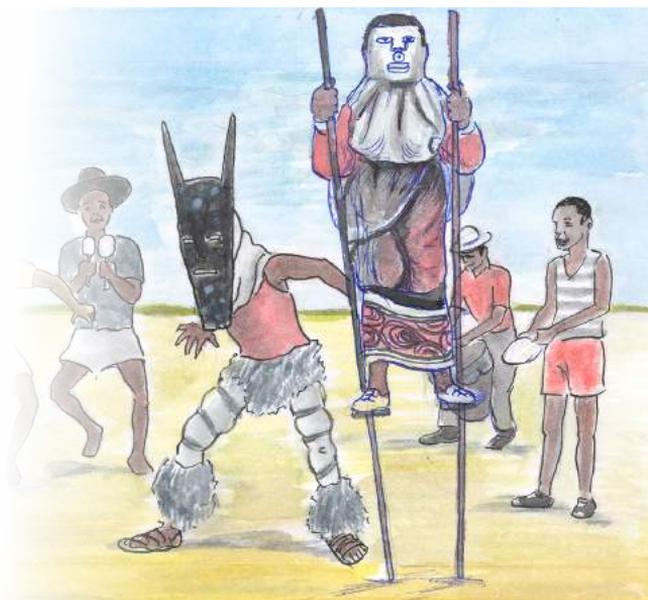
Galu akalira keke palinyama.

Atakhala kholwa?

Atakhala kholowa! Galu sangalile (2x)

Galu akhalira keke palinyama.

(Dança popular de Angónia, Província de Tete)



(iii) Consoantes especiais ou raras

Nas línguas moçambicanas, há um conjunto de consoantes que são típicas de cada língua. São as chamadas consoantes especiais ou raras, cujo tratamento requer o conhecimento da língua em questão, razão pela qual este assunto não pode ser tratado de forma generalizada. Porém, tomemos Xichangana como exemplo.

Exemplos 9:

Xichangana: xiqamelo “almofada”; mugqhivela “sábado”; n’qolo “carroça”

As consoantes marcadas são denominadas cliques. Nesta língua, há um número considerável de vocábulos de uso corrente, muitos deles que surgiram por empréstimos vindos de outras línguas bantu sul-africanas como o Zulu e o Xhosa. Existem outras tantas consoantes especiais que aqui não foram mencionadas. Se quiser conhecê-las com mais detalhes, consulte, por exemplo, a separata sobre a padronização da ortografia do Xichangana.

(iv) Combinações de grafemas/consoantes

Uma das particularidades das consoantes das línguas moçambicanas é poderem combinar entre si para formar/representar um determinado som. Estas combinações não são aleatórias, mas estabelecidas conforme as convenções de escrita de cada língua.

Exemplos 10:

Xirhonga: hlolana “milagre” ; dzolonga “distúrbio” ; trolo “joelho”

Cindau: padhuze “perto” ; pfuma “riqueza” ; zvakanaka “bom”

Importante

Há uma preocupação em se harmonizar a ortografia das línguas moçambicanas para que a mesma letra represente o mesmo som existente nas diferentes línguas. Por exemplo, o grafema /c/ representa o mesmo som em línguas Cicopi, Ciyaawo, Cisena, daí a escrita dos nomes destas línguas ser Cicopi, Ciyaawo, Cisena, respectivamente. Contudo, em alguns casos, esses consensos não foram ainda conseguidos. Por exemplo, /x/ e /sh/, em Xichangana e Shimakonde, têm a mesma pronúncia nas duas línguas, mas representadas de formas diferentes.



Resumo

Tal como as vogais, qualquer consoante nas línguas bantu de Moçambique representa um e único som, independentemente do ambiente em que ocorre. As consoantes podem ser modificadas por pré-nasalização, aspiração, labialização e palatalização. Duas ou mais consoantes podem ser combinadas para representar um determinado som na língua. Em algumas línguas moçambicanas existem consoantes especiais ou típicas.

Actividade 3



Trabalho aos pares

Parte 1: Com o/a seu/sua colega, falante da mesma língua moçambicana que a sua, procurem o maior número possível de palavras com consoantes combinadas. A seguir, confrontem os resultados da vossa busca com o que vem estabelecido nas regras sobre a padronização da ortografia da vossa língua;

Parte 2: Com o/a mesmo/a colega, elaborem um pequeno texto sobre paridade entre rapazes e raparigas no acesso à educação primária. Se for necessário, podem incluir outras palavras que não tenham consoantes combinadas. Na sequência, visitem a biblioteca do IFP ou da Escola para consultarem, nos livros infantis escritos em línguas locais/moçambicanas, algumas das palavras que tenham consoantes combinadas;

Parte 3: Dois a dois ou em grupo de três colegas, procurem encontrar o maior número de palavras que ilustrem os casos de modificação de consoantes na vossa língua moçambicana. A seguir, discutam a leitura e a escrita dessas palavras com os restantes falantes dessa língua ou em plenário com a turma.

2.5. O sistema de escrita nas línguas moçambicanas: escrita conjuntiva e disjuntiva

As secções anteriores serviram de base para chegarmos aqui. Nesta serão abordados os princípios gerais do sistema de escrita nas línguas moçambicanas. Não se apresentarão os sistemas de escrita das 19 línguas moçambicanas padronizadas, mas dar-se-á uma visão geral de como se deve escrever nestas línguas. O aprofundamento da escrita de uma língua particular será feito por você, com o apoio dos materiais existentes e muita prática. Para iniciar com este assunto, faça a actividade que se segue:

Actividade 6



Trabalho independente

Traduza, para a sua língua moçambicana, o texto que se segue e responda as questões apresentadas.

Saúde da mulher e da criança!

A saúde das mulheres e das crianças pode melhorar muito se o intervalo entre um e outro parto for, de pelo menos, dois anos.

A mulher deve evitar a gravidez antes dos 18 anos. Antes desta idade, o corpo da mulher ainda não está suficientemente desenvolvido para suportar a gravidez. Também, a mulher deve limitar os partos a apenas quatro para ter boa saúde.

(Adaptado de "As Dez Mais", de UNICEF, OMS e UNESCO, in Ngunga e Faquir: 2011, p.33)



1. O que achou desta actividade? Acha que traduziu bem e usou bem as regras de escrita da sua língua moçambicana? Porquê? Qual é o sistema ortográfico de referência que usou na sua tradução?
2. Partilhe o texto que traduziu com um ou dois colegas. Que aspectos ortográficos lhe chamaram atenção no texto do colega?

2.5.1. Afinal, como é que se escreve correctamente nas línguas moçambicanas?



Uma das características particulares destas línguas é serem aglutinantes, o que quer dizer que há elementos que se vão juntando a uma base morfológica. Neste caso, significa que são línguas em que a maior parte dos elementos morfossintácticos são escritos juntando-se/aglutinando-se, principalmente, ao verbo. Esta característica fez com que, de um modo geral, se

adoptasse a escrita conjuntiva para se escrever nestas línguas. Contudo, em certos casos recorre-se à escrita disjuntiva, a oposta à conjuntiva, porque separa unidades, para opor significados e/ou funções. A seguir, apresentam-se os contextos em que se usa a escrita conjuntiva e a escrita disjuntiva.

(i) Usa-se a escrita conjuntiva nas seguintes situações:

a) Na conjugação verbal

Geralmente, junta-se ao verbo todos os morfemas flexionais (temporais, modais, aspectuais, de negação, de concordância com o sujeito, de objecto, de reflexividade).

Exemplos 11:

Shimakonde: Luciya *andincumila* Lukaxi ximbayambaya. “A Lúcia comprou um tractor para o Lucas.”

Emakhuwa: Miyo *kihomutumihelra* enaama mulopwana. “Eu vendi a carne ao homem.”

Xichangana: Tate *angatasvikota* kusveka wusva. “A mana não conseguirá cozinhar xima.”

b) Nos verbos reduplicados

Os verbos reduplicados são, na sua maioria, escritos na forma conjuntiva. Dependendo do estabelecido na ortografia de cada língua particular, estes podem ser separados por meio de um hífen.

Exemplos 12:

Xirhonga: *ku*trutura**trutura** “correr de um lado para o outro”

Kimwani: *kufyoma***fyoma** “estudar, estudar (estudar repetidas vezes)”

Cinyungwe: *kunemba-***nemba** “escrever, escrever (escrever repetidas vezes)”

c) Nas locuções – na maior parte das línguas moçambicanas, as locuções são escritas conjuntamente. Esta estratégia serve para opor significados de algumas frases.

Exemplos 13:

Xichangana: hambilesvi “embora/ ainda que” vs. hambilesvi ; Lit “mesmo estes”

(ii) Usa-se a escrita disjuntiva nas seguintes situações:

a) Nas partículas genitivas, associativas, nos locativos que não indicam nomes de lugares, instrumentais, causais, agentivas e temporais.

Exemplos 14:

Cibalke: Ine ndaenda kuya lirira. “Eu fui ao funeral.”

Citshuwa: Ngwana yidelwe **hi** ngwenya. “o e cão foi morto por um crocodilo.”

b) Nas cópulas verbais, **partículas com funções sintáticas de verbos copulativos.**

Exemplos 15:

Xichangana: **Hi** yena mujondzisi. “É ele o professor.”

Ciyaawu: Saadimu **ni** muundu. “Salimo é (boa) pessoa.”

Cibalke: Aiwe **ndiwe** wani? “Quem és tu?”

(iii) Uso da maiúscula

Usa-se a inicial maiúscula para a escrita de nomes próprios, nomes de lugares e de instituições, de títulos honoríficos, de nomes dos meses do ano, início de um parágrafo e a seguir a um ponto continuado.

Exemplos 16:

Ciyaawo: CeeNd’ala “Senhor Nd’ala”

Cisena: Buku ya kufundzisa malembero “Livro de ensinar a escrever”

Cinyanja: Olemezeka Mulauzi “Excelência Mulauze”; Malichi “Março”

(iv) Uso do hífen e do apóstrofe

Algumas línguas adoptaram o hífen e o apóstrofo no seu sistema de escrita. As circunstâncias de uso destes sinais gráficos são ditadas pelas regras estabelecidas nas línguas que os adoptaram.

Exemplos 17:

Cimanyika:	n'ombe	"boi"
Shimakonde:	ng'avanga	"cão"
Cicopi:	civhika-nduku	"tipo de insecto"; Tsula-ka! "vai, então!"

(v) Sinais de pontuação.

Os sinais adoptados nas línguas moçambicanas são os universalmente conhecidos e com a mesma função. São eles:

- O ponto final, para marcar o fim de uma frase (.);
- O ponto de interrogação, para indicar uma frase interrogativa (?);
- O ponto de exclamação, para exprimir admiração ou outras emoções fortes (!);
- As reticências, para marcar interrupção ou descontinuidade de uma frase (...);
- A vírgula, para indicar uma pausa curta (,);
- O ponto e vírgula, para marcar uma pausa relativamente longa ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia (;);
- Os dois pontos, para anunciar o discurso directo, introduzir uma explicação ou para indicar o início de uma listagem (:);
- As aspas, para indicar a reprodução exacta de um trecho textual ou para destacar uma palavra ou expressão (" ");
- Os parênteses, para indicar, dentro de um texto, uma ideia acessória ().

Para melhor aprofundamento das especificidades das normas e/ou regras de escrita estabelecidas nas línguas moçambicanas, consulte as separatas ou os relatórios sobre a padronização da ortografia destas línguas.



No dia em que os sinais de pontuação se conheceram

Era uma vez, uns sinaizinhos muito bonitos e interessantes que resolveram encontrar-se para conversar sobre como os meninos e as meninas da 6ª classe os usavam nos seus trabalhos. Eles não estavam felizes porque alguns meninos e meninas não os usavam bem ao escrever. Eles sabiam da existência uns dos outros, mas nunca se tinham encontrado. O que será que vai acontecer?



Ponto de Interrogação: - Olá, quem és tu? O que é que fazes?

Ponto: - Olá, eu sou o Ponto (.), umas vezes sou continuado outras vezes sou final. Trabalho muito. Toda a gente que escreve usa-me sempre. Sem mim como é que iam terminar as ideias e as frases? Quando as pessoas querem escrever palavras abreviadas também me usam. E tu, quem és?

Ponto de Interrogação: – Eu sou o Ponto de Interrogação (?). É através de mim que as pessoas fazem perguntas e satisfazem a sua curiosidade. Como é que ias fazer perguntas se não fosse eu?

Ponto: – Olha que tens razão, Ponto de Interrogação! Olha, chegou mais um colega, quem será?

Ponto de Interrogação: – Deixa-me perguntar quem é ele, afinal, é a minha função!

Ponto: – Está bem, podes perguntar.

Ponto de Interrogação: – Olá, quem és tu? Eu sou o ponto de interrogação e este é o nosso colega, o Ponto Final.

Ponto de Exclamação: – Olá, eu sou o Ponto de Exclamação (!). Muito prazer em vos conhecer! Eu sirvo para as pessoas que escrevem mostrar admiração, surpresa, dor e prazer.

Ponto: – Bem-vindo ao grupo!

Ponto de Exclamação – Obrigado! Vejam, está uma colega a chegar. Ela é mais pequenina que nós!

Ponto de Interrogação: – Olá, quem és tu? Eu sou o ponto de interrogação, estes são os nossos colegas Ponto Final e Ponto de Exclamação.

Vírgula: – Eu sou a vírgula (,), tenho muito prazer em vos conhecer!

Ponto de Interrogação: – O que é que fazes? – Perguntou o Ponto de interrogação, sempre curioso!

Vírgula: – Eu faço muita coisa como vocês, mas tenho três funções principais: marco as pausas curtas; separo o nome de lugar na indicação de datas; listo coisas dentro das frases.

Ponto de Exclamação: – Ena! Tanta coisa!

Vírgula: – É verdade, mas, muitas vezes, trabalho com o amiguinho do ponto e meu também.

Ponto de Interrogação: – Ai é? Quem é?

Vírgula: – Adivinhem! Quem quer adivinhar?

Ponto Final: – Eu, eu! É o ponto e vírgula! – Nisso estava a chegar o ponto e vírgula.

Ponto e Vírgula: – Ouvi o meu nome? Quem são vocês?

Todos – Queremos ser os teus amiguinhos. O que fazes tu?

Ponto e Vírgula: – Eu sou o ponto e vírgula. Como diz o meu nome, estou entre o ponto e a vírgula. Ajudo o ponto a separar orações coordenadas grandes.

Todos: – A partir de hoje vamos fazer tudo juntos!

Ponto e Vírgula: – Que maravilha! Há muito tempo que queria ter amiguinhos com quem trabalhar e brincar.

Ponto: – Parece que vem mais alguém.

Ponto de Interrogação: – Ai é? Quem será?

Ponto de Exclamação: – Humm, estou a ver dois pontinhos!

Dois Pontos: – Olá, eu sou o dois pontos (:). Estão todos aqui! Que bom!

Ponto de Interrogação: – É verdade! O que é que tu fazes? Gostarias de trabalhar connosco?

Dois Pontos: – Claro que sim, obrigado pelo convite. Eu introduzo a fala dos personagens, também a listagem de temas ou assuntos.

Travessão: – Oh, que bom! Eu também inicio a fala de personagens. De cada vez que um de vocês fala, na escrita usa-se um travessão (–), eu!

Todos: – Vivaaaa, agora estamos todos juntos, já nos conhecemos! Vamos poder trabalhar juntos para ajudarmos as pessoas a escrever bem!

Patel, S.A.; Tembe, F., e Majuisse, A.

Actividade 7



Teatro do leitor

Formem um grupo de 5 elementos. Observem o equilíbrio de género na formação do grupo.

- ◆ Cada elemento faz uma leitura silenciosa e atenta do texto acima sobre os sinais de pontuação.
- ◆ A seguir, cada elemento fica com o turno de um sinal de pontuação
- ◆ O turno de **todos** será feito por todos os elementos do grupo.
- ◆ Ensaiem o suficiente a leitura dramatizada para apresentação na sala
- ◆ Todos os grupos apresentam à turma.

Lembrem-se que os sinais de pontuação marcam o tom e a entoação com que nós falamos!

Actividade 8



Trabalho Independente

- Traduza para a sua língua moçambicana o texto “No dia em que os sinais de pontuação se conheceram”;
- Respeite as regras de escrita (escrita conjuntiva e disjuntiva) na sua língua, aplicando correctamente os sinais de pontuação no texto traduzido.
- Troque o texto traduzido com um(a) colega da turma para correcção e sugestões;
- Faça a reescrita do seu texto, inserindo as correcções e as sugestões dos colegas.



Resumo

O sistema de escrita nas línguas moçambicanas baseia-se no princípio da escrita conjuntiva. Casos há em que se recorre à escrita disjuntiva. Há línguas que adoptaram o hífen e o apóstrofe no conjunto de sinais gráficos, à semelhança do uso da letra maiúscula e dos sinais de pontuação. Embora haja similaridades, cada língua moçambicana tem o seu sistema de escrita padronizado e independente.



Exercícios de auto-avaliação

Com base no quadro comparativo que você preencheu sobre o alfabeto da língua portuguesa e das línguas moçambicanas, responda, no seu caderno às questões que se seguem:

1. Que relação existe entre a fala e a escrita? Use exemplos da sua língua bantu para sustentar a sua resposta.
2. Quais as principais diferenças entre a ortografia do Português e da sua língua moçambicana quanto a:
 - a) Vogais
 - b) Consoantes
3. Indique, pelo menos, 4 pares de palavras em que o significado é distinguido a partir da aspiração (se ocorrer na sua língua moçambicana).
4. Elabore um texto expositivo argumentativo, de, pelo menos, 250 palavras sobre língua e género ou sobre linguagem sexista.

O texto deve ser escrito na sua língua moçambicana, respeitando os princípios e normas de escrita estabelecidas para essa língua. Pode usar a separata sobre a padronização da ortografia da sua língua, como referência. Use devidamente os sinais de pontuação na elaboração do seu texto.



Bibliografia

- NELIMO (1989). *Relatório do Primeiro Seminário sobre a Padronização das Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO/INDE.
- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Siteo, B. & Ngunga, A (orgs). (2000). *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO – Universidade Eduardo Mondlane.
- Ngunga, A & Faquir, O. (orgs). (2011). *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Coleção As Nossas Línguas III. Maputo: CEA
- Wilkes, A. (1985). *Words and Word Division: A Study of some Orthographical Problems in the Writing Systems of the Nguni and Sotho Languages*. Pretoria: University of Pretoria.

CAPÍTULO III

**O NOME NAS
LÍNGUAS
MOÇAMBICANAS**

No final deste capítulo, você vai ser capaz de conhecer a estrutura do nome nas línguas moçambicanas, apresentar exemplos ilustrativos de nomes e classificá-los, usando o mecanismo de derivação nominal e aplicar em textos escritos e em trabalhos de carácter didáctico e pedagógico.



No fim deste capítulo, você deverá:

- ◆ Conhecer a estrutura do nome nas línguas Bantu;
- ◆ Enquadrar os nomes em classes nominais da sua língua moçambicana de trabalho e nas demais línguas bantu;
- ◆ Aplicar os mecanismos de derivação nominal, diminutivização e integração dos empréstimos nominais nas línguas moçambicanas, em geral, e na sua língua de trabalho, em particular;
- ◆ Escrever com correcção ortográfica na sua língua moçambicana.



Espera-se que, ao terminar este capítulo, você:

- ◆ Identifique os constituintes básicos do nome nas línguas moçambicanas;
- ◆ Apresente exemplos ilustrativos da estrutura do nome na sua língua de trabalho;
- ◆ Aplique as regras de derivação nominal;
- ◆ Enquadre e adeque novas palavras à ortografia da sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Elabore um projecto pedagógico sobre um dos subtemas da morfologia do nome e apresente-o à turma para debate.

O NOME NAS LÍNGUAS BANTU

Como já deve ter notado, os assuntos tratados nos capítulos estão interligados de forma a estabelecer-se um continuum entre si. O estudo do nome surge na sequência das temáticas anteriores e visa, fundamentalmente, explorar o funcionamento interno da sua língua moçambicana de trabalho. Uma vez que já conhece as regras de escrita destas línguas, aqui vai aplicar esse conhecimento na análise, leitura e escrita. Vamos, então, ver como se comporta o NOME nas línguas moçambicanas.

3.1. O nome nas línguas Bantu de Moçambique

Formem grupos de 3 formandos e formandas. Em cinco minutos reflectam sobre as seguintes questões:

1. Já deve ter dito ou ouviu alguém a dizer: meu nome é...ou chamo-me...! Tem alguma ideia do porquê destas expressões?
2. Qual será a razão disso?
3. Como se caracteriza o nome na língua portuguesa? (consultem o Manual de Língua Portuguesa, pp, 17 – 19).

Agora vamos perceber um pouco sobre como o nome se comporta nas línguas moçambicanas. Prestemos atenção ao que se diz a seguir:

Quando ouvimos a palavra nome, temos logo a ideia de identidade. Isso é porque o nome é uma palavra atribuída a pessoas, animais, eventos, coisas e objectos, para os distinguir dos demais seres ou objectos semelhantes, atribuindo-lhes uma identidade própria. Assim, quando atribuído aos seres humanos, por exemplo, a uma criança ao nascer, esse nome denomina-se de nome próprio, apelido, nome de casa, nome tradicional, entre outras denominações.

Em Linguística, particularmente na gramática, o nome é um substantivo, isto é, uma palavra que se usa para indicar uma classe (conjunto) de coisas, pessoas, animais, um lugar, um acidente geográfico, um astro, entre outros referentes.

Tendo em conta o seu uso e forma, o nome pode ser categorizado em próprio, comum, concreto, abstracto, colectivo, simples, composto, primitivo e derivado. Nas secções subsequentes, trataremos, de forma mais detalhada, a natureza do nome, com particular atenção para o primitivo e o derivado nas línguas moçambicanas.

3.1.1. Estrutura do nome nas línguas Bantu de Moçambique

Como se referiu anteriormente, o nome/substantivo pode ser classificado usando-se vários critérios e daí surgir a sua categorização. Um dos principais critérios para

a classificação do nome é a sua estrutura. Nas línguas moçambicanas e noutras do mundo, o nome varia em classe, género e número. Nas línguas moçambicanas, o nome chama atenção pela forma como se organiza de acordo com os prefixos que indicam, tanto o número gramatical, como o género, ao contrário da oposição feminino e masculino ou neutro, dos quais estamos habituados na língua portuguesa. Aliás, uma das características principais que vimos é que as línguas moçambicanas são, por excelência, prefixais. Afinal, o que isso significa? Vamos fazer o exercício que se segue:

Actividade 1



Trabalho independente

1. Atente ao quadro seguinte e traduza as palavras dadas para o singular e para o plural na sua língua moçambicana.

Em Português	Na sua língua moçambicana	
	Singular	Plural
Professora		
Aluno		
Livro		
Escola		
Galinha		
Vento		

Tabela 8: Vocabulário para exercício de indução

- a) O que notou na forma como estes nomes se apresentam na sua língua?
- b) O exercício desperta atenção sobre algo abordado anteriormente?
- c) A que conclusões chegou?
- d) Partilhe suas conclusões com a turma.

Com o exercício acima, verificou que o nome na sua língua moçambicana apresenta duas partes muito bem destacadas e que ocupam lugares distintos e estáveis. Essas partes têm características específicas, sendo que a primeira, denominada por *prefixo* que, geralmente, mostra a distinção entre o singular e o plural, é variável, ao passo que a segunda, designada tema, é constante, excepto em situações em que os segmentos do prefixo ocasionam alterações morfofonológicas. Veja-se os exemplos seguintes:

Exemplos 1:

Emakhuwa:	kharumu vs. akharumu		“leão vs. leões”
	mwalapwa vs. alapwa	cf.[mu-alapua]	“cão vs. cães”
Cinyungwe:	mwezi	cf.[mu-ezi]	“lua/mês”
Citshwa:	cimanga vs. zvimanga		“gato vs. gatos”

Resumidamente, o nome nas línguas Bantu é constituído por um **prefixo**, que pode estar presente ou não e que é variável (singular vs. plural), e um **tema**, que é invariável.

3.1.2. Classes Nominais

Na secção anterior viu que o nome apresenta duas partes, nomeadamente o **prefixo variável** em função da classe e o **tema nominal**, geralmente, **invariável**. Esta composição é de extrema importância para a conceptualização do que é uma *classe nominal*.

Diz-se que duas ou mais palavras pertencem à mesma classe nominal quando estas exibem o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância. Veja-se os exemplos a seguir:

Exemplos 2:

Ciyaawo: Cipula ca muumbele cila cijaasiice .	“Aquela faca que me deste perdeu-se.”
cigaayo ca cikulungwa	“moagem grande”
Citshwa: Mugondzisi avhumele muholo.	“O professor não teve seu salário.”
Josiyani avitanilwe hi kokwani.	“O Jossias foi chamado pela vovó.”

Nos exemplos de Ciyaawo e Citshwa, observamos o que se disse anteriormente. Em Ciyaawo, temos nomes cipula e cigaayo, que exibem os mesmos prefixos, e, por conseguinte, o mesmo padrão de concordância. Em contraste, nos exemplos em Citshwa, o nome Josiyani não exhibe nenhum prefixo como acontece com mugondzisi, embora os mesmos nomes pertençam à mesma classe. Com efeito, ambos desencadeiam o mesmo padrão de concordância **avhumele** e **avitanilwe**, cujo morfema de concordância é **a-**, respectivamente.

Actividade 3



Trabalho de grupo

1. Organizem-se em grupos linguísticos. Elaborem uma lista de palavras que pertençam à mesma classe, à vossa escolha, tendo em conta o princípio de padrão de concordância;

2. Debatam em grupo e podem trocar a vossa lista com outros grupos.

A partir do exercício acima, aperceberam-se de aspectos sobre as classes nominais nas vossas línguas moçambicanas. Isso se deve ao facto de o léxico destas línguas encontrar-se organizado em grupos de palavras com características semelhantes - as tais classes nominais - que, segundo alguns estudos, variam entre 19 a 20, dependendo da língua. Esta disposição do léxico dá origem ao que já se referiu: **a noção de género.**

Nas línguas moçambicanas, fala-se de género, não na mesma perspectiva de género (masculino/feminino) usado na descrição morfológica do Português.

No caso das línguas moçambicanas, o género é a associação regular de nomes em pares que opõem o singular do plural (exemplo, Gitonga “muhevbudzi/vahevbudzi” “professor/a, professores/as”); Além desta combinação, podemos encontrar géneros de uma classe, em que não se verifica a oposição entre o singular e o plural (exemplo, Ciyawo: njete “sal”). Há ainda géneros tripartidos, em que, para além da oposição singular/plural há também o colectivo (por exemplo, Xirhonga: “nsokoti” “formiga”; “tinsokoti” “formigas”; vusokoti “formigueiro/colónia”).



No que concerne à organização lexical, estudos indicam que a organização das palavras em classes tem, historicamente, uma base semântica, uma vez que (i) em muitos casos ainda persiste a ocorrência de nomes pertencentes ao mesmo grupo semântico e (ii) existem também outras classes onde há predominância de nomes que, facilmente, podem ser agrupados em conjuntos mais gerais. Porém, independentemente desta realidade, é quase impossível encontrar uma classe nominal que seja constituída apenas e, exclusivamente, por nomes da mesma classe semântica.

Por exemplo, em Emakhuwa, mwalapwa /alapwa “cão /cães” encontram-se nas classes 1 e 2, respectivamente, predominantemente, referentes ao ser humano.

A seguir, apresenta-se uma tabela ilustrativa de prefixos e classes nominais das línguas moçambicanas.

Classes nominais	Prefixos do Proto-Bantu	Alomorfes dos prefixos do Proto-Bantu nas línguas bantu de Moçambique	Categorias semânticas predominantes
1 2	*mu- *ba-	mu-, mwa-, n’-, n’wa-, m’-, ø- va-, a-	Nomes que se referem a seres humanos, basicamente
3 4	*mu- *mj-	mu-, n’-, ø- mi-	Nomes que se referem a plantas, predominantemente
5 6	*j *ma-	li-, lu-, ni-, ri-, di-, ø- ma-, ø-	Nomes que se referem a animais e frutas, basicamente, e a substâncias e coisas incontáveis
7 8	*ki- *bj-	xi-, ci-, e-, shi-, ki-, gi- svi-, zvi-, i-, si-, vhi-, vi-, pi-, bzi-, yi-	Nomes que se referem a coisas, objectos, basicamente.
9 10	*N- *N-	ø-, ya-, m-, n- ø-, dza-, ti-, di-, zi-	Nomes que se referem a alguns seres do reino animal e outros
11	*du-	lu-, li-	Nomes que se referem predominantemente a coisas longas
12 13	*ka- *tu-	ka- tu-	Nomes que se referem predominantemente ao diminutivo no singular Nomes que se referem ao diminutivo no plural

14	*bu-	wu-, vu-, u-, o-	Nomes que se referem predominantemente a coisas abstractos, incontáveis
15	*ku-	ku-, gu-, o-	Formas infinitivas verbais
16	*pa-	pa-, ha-, va-	Locativos situacionais
17	*ku-	ku-, gu-, o-	Locativos direccionais
18	*mu-	mu-	Locativos de interioridade
19	*pj-		

Tabela 9: Resumo dos prefixos e classes nominais das línguas bantu moçambicanas.

Ficha informativa

Léxico - Conjunto de palavras existentes e aceites numa dada língua, ou seja, é o vocabulário de um idioma.

Prefixo – Parte da palavra que se antepõe à base ou morfema que se coloca antes dos radicais para lhes modificar o sentido.

Alomorfes – São diferentes formas em que um morfema se apresenta, tendo em conta o contexto morfológico em que ocorre.

Diminutivização – Processo gramatical que consiste na redução do que a palavra refere (preferencialmente substantivos) em tamanho, volume, número.

Ideofones – Palavras icónicas que, quando pronunciadas, dão ideia de dor, cor, estado, acção. São mais frequentes no grupo das línguas bantu.



Resumo

O nome nas línguas bantu apresenta características pouco comuns relativamente a outras línguas do mundo. Ele é constituído por duas partes distintas, nomeadamente o prefixo, a parte variável do nome, e o tema, a parte invariável.

Nestas línguas, os nomes estão organizados em classes, que são conjuntos de duas ou mais palavras que apresentam o mesmo prefixo ou que exibem o mesmo padrão de concordância. Dependendo da língua, as classes nominais variam entre 10 e 20, sendo que as classes nominais de 1 a 11 e 15 são as mais produtivas.

Actividade 3



Trabalho em grupo: pesquisa

1. Leiam atentamente a Tabela 9 sobre as classes nominais das línguas moçambicanas;
2. Formem grupos de falantes da mesma língua ou de línguas próximas. Tentem estabelecer o maior número de classes nominais possíveis na vossa língua moçambicana;
3. Para tal, terão que usar os conhecimentos que já têm sobre a estrutura do nome nas línguas moçambicanas e os conceitos de classe nominal e de padrões de concordância.

Para melhor realizarem a vossa actividade, podem recorrer a documentos já escritos sobre esta temática nas línguas moçambicanas, como por exemplo, o Relatório de Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas em <http://www.letras.ufmg.br/laliafro/PDF/Ngunga,%20Armando%20Padronizacao%20ortografica%20-%203nd%20correcao.pdf> ou na sua versão impressa, os Relatórios de Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas 1 e 2 na sua versão impressa; Ngunga (2014) versão impressa.

3.2. Formação de novas palavras nas línguas moçambicanas

Tal como em muitas outras línguas do mundo, o vocabulário das línguas moçambicanas evolui e é enriquecido através de processos atinentes à própria língua, ao contexto e ao desenvolvimento. Destes processos, destacam-se a derivação, a composição, o empréstimo e a neologia.

Os processos de composição e neologia, embora menos desenvolvidos neste Manual, são de extrema importância na criação da terminologia científica. A título ilustrativo, a composição, que consiste na junção de duas palavras, já existentes na língua para formar uma nova palavra com sentido independente, é frequente nas línguas moçambicanas. Por exemplo, em Shimakonde, palavras como *natumbamavi* “escaravelho”; *nantumbula-shilongo* “louva-a-deus”; *ndiva-mena* “pronome”, *jalula-mena* “adjectivo” e em Xichangana, *xitimela xa mati* “navio”, *xihaha mpfhuka* “avião” e *lihlanga kususa* “sinal de subtração” são o resultado dos processos de composição e de neologia.

A seguir trataremos um pouco mais dos processos de derivação e de empréstimo por serem especiais nas línguas moçambicanas.

3.2.1. Derivação nominal

A *derivação* é um dos processos mais produtivos nas línguas moçambicanas, se não mesmo o mais importante. Com este processo, pode-se derivar nomes a partir de nomes, de verbos, de *ideofones*, dentre outras categorias lexicais. O nome derivado, diferentemente do nome primitivo, tem características semânticas específicas. Os derivados a partir de verbos e de *ideofones*, para além de apresentarem o prefixo nominal, o tema tem a particularidade de conter uma parte da informação do derivante. Vamos tomar estas três categorias e mostrar como se processa a derivação nominal:

a) Derivação do nome a partir de outro nome

Partindo de um nome primitivo, um nome normal, pode-se derivar um outro que toma o nome de nome derivado. Veja-se os seguintes exemplos:

Exemplos 3:

Xichangana: mbilu “coração” < vumbilu < “bondade”
vachangana “grupo étnico” < vuchangana < “modus vivendi/
forma de viver dos
vachangana”

Emakhuwa: muteko “trabalho” < namuteko “trabalhador”

Cinyanja: Cinyanja “língua” < n’nyanja “falante de nyanja;
pessoa de etnia nyanja”

b) Derivação do nome a partir de verbos

O verbo constitui uma das categorias lexicais mais permeáveis para a derivação nominal. Dele pode-se derivar nomes de diferentes funções semânticas (agentivo, instrumental, inventivo, resultativo). Veja-se os exemplos a seguir.

Exemplos 4:

Cinyungwe: kufamba “andar” < mufambi “viajante”
kufamba “andar” < cifambi “o que se usa para circular”

Cicopi: kudota “pescar” < mdoti “pescador”
kutsimbila “andar/
caminhar” < tsimbilelo “forma/estilo de andar”

c) Derivação do nome a partir de ideofones

Conforme referido anteriormente, os *ideofones*, uma das categorias lexicais mais produtivas nas línguas moçambicanas é um potencial gerador de nomes nas línguas. O *ideofone* é uma associação icónica entre um som e uma ideia que se constrói na mente dos falantes dessa língua.

Exemplos 5:

Xirhonga: psiyooo! “ideofone de assobiar” < mupsiyoti “assobiador”

Elomwe: khokhokhoo! “ideofone de bater à porta” < namakhoma “aquele que bate à porta”

d) A locativização

Nas línguas bantu, para além do uso dos advérbios, existem formas particulares para indicar circunstância de lugar, de tempo, de direcção, etc. Estas formas consistem em agregar, por meio da prefixação ou sufixação, pequenas partículas (morfemas) a nomes de qualquer classe, surgindo, desta forma, uma nova palavra. Por exemplo, entre os falantes das línguas do grupo Shona, as palavras como *pacikoro*, “na escola” *kucikoro* “(lá) na escola” e *mucikoro* (dentro da escola) dão ideias de situação/proximidade, direcção/distância e interioridade, respectivamente, através da prefixação de **pa-**; **ku-** e **mu-**, ao nome *cikoro* “escola”

Exemplos 6:

Shona: Mwana alikuyenda pacikoro. “A criança vai à escola”. (perto da escola)

Mwana ali kuxikoro. “A criança está na escola”.

Mwana ali muxikoro. “A criança está na escola. (dentro)

Estas estratégias também são usuais em Emakhuwa, Ciyao, Shimakonde, entre outras. Na maior parte das línguas da zona sul do país, embora a prefixação, usando *ka-*, seja presente, a estratégia mais produtiva é da sufixação, usando *-eni/-ini*, principalmente para dar a ideia de interioridade ou localização/situação. Vejamos alguns exemplos:

Exemplos 7:

Gitonga: Eni nyiwomo tsetshini. “Estou na igreja”. (dentro da igreja)

Xichangana: Phembelani a kusvekeni “O Phembelani está cozinhando”.

Xirhonga: Mini nimpfa hi kaTembe “Sou natural kaTembe”. (zona)

Tendo em conta as especificidades da locativização em cada língua moçambicana, apresentou-se aqui informações gerais para que se tenha em consideração este assunto. Caberá ao formando/a desenvolver este tema na sua língua moçambicana específica, de modo a encontrar as particularidades e as estratégias específicas da locativização nessa língua.

Ficha informativa

Os nomes mupsiyoti e namakhoma, dos exemplos 5, não derivam directamente do *ideofone*, como acontece nos exemplos 4, que derivam directamente do verbo. Isso se deve ao facto de estes derivarem de *ideofones* verbalizáveis, isto é, *ideofones* que dão origem a verbos através de um processo denominado de verbalização.

3.2.2. Empréstimos nominais e critérios de sua integração nas línguas moçambicanas

Conforme foi observado, os empréstimos constituem uma forma de enriquecimento do vocabulário de uma dada língua e estas línguas não são uma excepção. Os empréstimos são, em geral, palavras vindas de outras línguas, próximas ou distantes, para incrementar o vocabulário da língua de chegada ou para designar uma realidade nova entre os falantes dessa mesma língua.

Nas línguas moçambicanas, os falantes de cada língua acomodam as novas palavras de tal forma a serem usadas normalmente tal como as restantes da língua. Para perceber como isso se processa, faça o pequeno exercício que se segue.

Actividade 5



Estudo independente

1. Traduza cada uma das palavras dadas abaixo na sua língua moçambicana de trabalho.

- | | |
|--------------------|----------------|
| (i) Bispo | (vii) Hospital |
| (ii) Congelador | (viii) Gravata |
| (iii) Geleira | (ix) Óculos |
| (iv) Colher | (x) Telefone |
| (v) Chapa de zinco | |
| (vi) Carro | |

2. Qual é a língua que serviu de base para a entrada de cada uma destas palavras na sua língua moçambicana de trabalho?

3. Faça o enquadramento dessas palavras nas classes nominais da sua língua bantu de trabalho.

Como se apercebeu, os substantivos de (i) a (x) são maioritariamente nomes que não constituíam realidades da sua cultura moçambicana. Até pode não aceitar isso, mas com mais atenção irá perceber que estes nomes vêm de outras línguas, mas que foram acomodados na sua língua moçambicana de tal forma que funcionam como se fossem originariamente Bantu. Essa percepção resulta do facto de existirem, em cada língua, estratégias próprias para a integração desses nomes, comumente conhecidas por estratégias de integração e acomodação de empréstimos. Para o efeito, pode usar-se os seguintes critérios: (i) *semântico*, (ii) *fonético* e (iii) de *prefixo zero*.

Veja a seguir como cada critério é aproveitado pelos falantes para acomodar palavras vindas de outras línguas.

a) Critério semântico

Quando uma palavra de uma língua qualquer entra para uma língua bantu, a primeira preocupação dos falantes dessa língua é procurar o significado da palavra em questão por forma a encontrar a classe semântica onde integrá-la. Veja-se os seguintes exemplos do **Xichangana** e do **Ciyaawo**.

Exemplos 8:

Xichangana:	bixopo	"bispo",	<(do Ing. bishop)
	vabixopo	"bispos"	
Ciyaawo:	m'puluungama	"eucalipto"	<(do Ing. bluegum)

A razão de ser do enquadramento destes nomes recém-adoptados nestas classes, parece residir na sua semântica. Com efeito, a palavra *bixopo*, de 'bishop', em Inglês, é semanticamente relativa a pessoas. Por isso, ela foi integrada na classe 1, referente a seres humanos. Por conseguinte, o seu plural acede, automaticamente, ao prefixo nominal da classe 2, *va-*. A mesma interpretação se pode fazer para os casos do **Ciyaawo**, em relação ao critério adoptado para a integração do nome *m'puluungama*, "*bluegum*" em Inglês, nas classes 3 e 4 (*mu-* e *mi-*), que semanticamente alojam predominantemente nomes de plantas.

b) Critério fonético

As línguas indo-europeias não organizam o léxico tal como o fazem as línguas moçambicanas. As palavras nessas línguas não apresentam prefixos de classe, daí que, quando uma palavra proveniente destas línguas entra para uma língua moçambicana e os falantes dessa língua não encontrarem uma classe semântica na qual a possam enquadrar, recorrem à possível semelhança entre o som inicial dessa palavra e o som de um prefixo de uma das classes nominais existentes na língua. Assim, o critério fonético observa a semelhança fonética entre o som inicial da nova palavra (vinda de outra língua) e o som inicial do prefixo de uma das classes nominais existentes na língua moçambicana de chegada.

Exemplos 9:

Gitonga: xinelí “chineló” **dzixineli** “chinelos” < (do Port. **ch**inelo)
Xichangana: xipuni “colher” **svipuni** “colheres” < (do Ingl. **s**poon)

c) Critério de prefixo zero

Em certos casos, quando uma nova palavra entra numa língua moçambicana, os falantes podem não encontrar uma classe semântica na qual a possam enquadrar e nem uma possível semelhança entre o som inicial dessa palavra e o som de um prefixo de uma das classes nominais existentes na língua. Assim, a hipótese mais comum é a de incorporar a nova palavra em classes onde os prefixos não estão expressos. São, geralmente, os casos das classes 5, 9 e 10 (nas línguas em que existem) e são as mais propensas para alojar nomes vindos de outras línguas não prefixais. Vejam-se os seguintes exemplos de Gitonga e Ciwute:

Exemplos 10

Gitonga: Øthayi “gravata” **mi**-thayi “gravatas” < (do Ing. **t**ae)
Citewe: Øgaradi “grade” **ma**-garadi “grades” < (do Ing. **g**rade)
Øbora “bola” **ma**-bora “bolas” < (do Port. **b**ola)

Actividade 6



Estudo independente: Projecto académico

Quando duas ou mais línguas entram em contacto, normalmente há troca de vocabulário/palavras entre elas. E quando a palavra chega na língua-alvo, os falantes encontram mecanismos para que ela seja usada tal como as outras palavras da língua, ou seja, tentam adequá-la à sua língua.

1. Tendo em conta o conhecimento que você tem sobre este tema, elabore um projecto académico, no qual:
 - a) Procure entre os falantes da sua língua, o maior número possível de palavras vindas de outras línguas;
 - b) Organize as palavras recolhidas em categorias/grupos tendo em conta as suas semelhanças semânticas;

- c) Indique as estratégias/critérios que os falantes usaram para acomodar essas palavras na sua língua moçambicana.
2. No seu projecto, não se esqueça de mencionar (i) como recolheu as palavras, (ii) local de recolha e (iii) as características dos informantes (idade, sua língua materna).
3. O trabalho deve conter: (i) uma introdução (ii) o desenvolvimento, (iii) as conclusões e (iv) as referências bibliográficas.

NB: Dependendo da realidade da turma, este trabalho pode ser usado para aprofundamento e consolidação da temática dos empréstimos nominais, o que significa que depois pode ser partilhado entre os formandos, ou pode servir para avaliação.



Resumo

Existem vários mecanismos para o enriquecimento do vocabulário de uma língua, dentre as quais *a derivação, a composição, o empréstimo e a neologia*. A derivação é o processo mais produtivo na formação de nomes nas línguas moçambicanas. A derivação nominal pode ser feita a partir de nomes, verbos e ideofones. Os empréstimos, que são palavras vindas de outras línguas, constituem também um processo de enriquecimento do vocabulário de uma língua. A integração dos empréstimos nas línguas moçambicanas é feita por meio de três critérios, nomeadamente (i) **semântico**, (ii) **fonético** e (iii) de **prefixo zero**.



Exercício: Auto -avaliação

1. A derivação é um processo de formação de palavras observável em quase todas as línguas do mundo. Nas línguas moçambicanas é muito produtiva e concorre para o alargamento do léxico destas línguas.
 - a) Indique as principais categorias lexicais para a derivação de nomes na sua língua.
 - b) Apresente exemplos elucidativos de derivação nominal a partir dessas categorias, na sua língua moçambicana.

- c) Quais podem ser as outras categorias passíveis de serem as bases para a derivação de um nome na sua língua Bantu?
- d) Enquadre os nomes derivados nas classes nominais da sua língua Bantu.
- e) Qual é a principal característica do nome derivado?

Ficha informativa

Sintagma nominal – é um conjunto de palavras organizadas de tal maneira a funcionar como uma unidade sintáctica, cujo núcleo é um nome.

Sintagma verbal – é um conjunto de palavras organizadas de tal maneira a funcionar como uma unidade sintáctica, cujo núcleo é um verbo.

Ideofone – é uma associação mental de um determinado som a uma realidade, que pode ser cor, dor, estado, intensidade, entre outras.

Flexão – é a modificação de uma palavra para expressar diferentes categorias gramaticais, como modo, tempo, aspecto, voz, pessoa, número, género, classe, e caso. A conjugação é a flexão dos verbos; a declinação é a flexão de substantivos, adjectivos e pronomes.

Afixos – são partículas gramaticais anexas a palavras de categorias principais como verbo, nome, adjectivo. Eles podem ser flexionais ou derivacionais.



Bibliografia

Ngunga, A. (2014). *Introdução à Linguística Bantu*. 2ª Edição. Maputo: Imprensa Universitária.

Sitoe, B. & Ngunga, A. (orgs). (2000). *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO – Universidade Eduardo Mondlane.

Wilkes, A. (1985). *Words and Word Division: A Study of some Orthographical Problems in the Writing Systems of the Nguni and Sotho Languages*. Pretoria: University of Pretoria.

CAPÍTULO IV

O Verbo e a Frase nas Línguas Moçambicanas



No final deste capítulo, você vai ser capaz de analisar e descrever a estrutura do verbo e da frase e aplicar as estratégias de concordância gramatical em frases gramaticalmente correctas, com referência para a sua língua moçambicana de trabalho.



No final deste capítulo, você deverá:

- ◆ Dominar a estrutura e as características nucleares do verbo nas línguas moçambicanas;
- ◆ Aplicar as estratégias de concordância verbal na elaboração de frases e textos na sua língua moçambicana;
- ◆ Caracterizar a frase quanto ao número e função dos argumentos internos.



Espera-se que, no final deste capítulo, você:

- ◆ Identifique os constituintes do verbo nas línguas moçambicanas e na sua língua de trabalho;
- ◆ Elabore frases e textos, aplicando as várias estratégias de concordância gramatical da sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Aplique, correctamente, os diferentes verbos derivados em exercícios gramaticais da sua língua moçambicana;
- ◆ Elabore trabalhos científicos, individualmente ou em grupos linguísticos, sobre o comportamento do verbo na sua língua moçambicana;
- ◆ Identifique a natureza e os argumentos da frase nas línguas moçambicanas.

O verbo e a frase nas línguas moçambicanas

Quando pretendemos comunicar algo, oralmente ou por escrito, recorremos com frequência ao verbo. A razão disso reside no facto de o verbo ser a palavra que comumente existe em todas as línguas humanas e que serve para fazer afirmações, relatar factos, acções, descrever estados, seres, situações, e muito mais. Eis a razão de o verbo ser, geralmente, conhecido como a palavra mais variável de uma dada língua.

Nas línguas moçambicanas de origem bantu, tipicamente aglutinantes, a complexa natureza da estrutura verbal faz com que, quando conjugado, o verbo possa apresentar marcas portadoras de informações sobre o sujeito, o tempo, o aspecto, a pessoa, o número, o objecto, a negação, o reflexivo, entre outras. Na forma verbal, estas marcas, incluindo as marcas derivacionais, são agregadas à raiz, designada núcleo morfológico do verbo.

4.1. Características do verbo nas línguas moçambicanas

Antes de ir para as características do verbo na sua língua moçambicana, leia o pequeno texto a seguir e resolva o exercício dado.



Texto

Uma jovem foi escalada para fazer recenseamento numa aldeia rural. Durante o trabalho, ela enfrentou dificuldades na recolha de informações, pois falava apenas a língua portuguesa. Muito inteligente, a jovem resolveu aprender palavras e algumas frases da língua falada localmente, que lhe facilitassem obter a informação de que necessitava. Listava as palavras e as frases num caderno e sempre que fosse ao terreno, o caderno era o seu fiel companheiro. Das palavras que constavam do caderno, o destaque vai para as seguintes: *Eu, pedir, filhos, andar, trabalhar, idade, comer, escrever e obrigado.*

No final do seu trabalho, a jovem tinha muitas palavras e podia produzir algumas frases nessa língua. Ela decidiu aprendê-la e hoje fala-a com muita fluência.

Patel, S.A.; Tembe, F. e Majuisse, A.



Actividade 1



Trabalho em grupo

Formem grupos de 5 membros falantes da mesma língua bantu ou de línguas bantu mais próximas, observando a equidade de género.

1. Atribuem um título ao texto que acabaram de ler.
2. Acham que a estratégia encontrada pela jovem foi boa? No vosso lugar, o que fariam?
3. Será que, ao resolver aprender palavras e frases da língua falada no local, a jovem estava a reconhecer o direito que o cidadão tem de obter e dar informação na sua língua materna? Porquê?
4. Imaginem que a comunidade para onde a jovem foi trabalhar fala a sua língua moçambicana. Traduzam as palavras que a jovem anotou nos vossos blocos, conforme apresentadas no texto, usando a ortografia padronizada das vossas línguas bantu de trabalho.
5. O que constataram em relação às palavras pedir, trabalhar, andar, comer e escrever?
6. Construam frases com as palavras que traduziram.
7. Partilhem as vossas constatações com a turma

Preste atenção ao que se diz a seguir!

Conforme se afirmou anteriormente, o verbo nas línguas moçambicanas apresenta características especiais. O motivo principal é a natureza da sua estrutura que é complexa e muito produtiva. Assim, quando conjugado, o verbo traz-nos muita informação, desde a da entidade sobre a qual se faz a afirmação até à descrição da acção praticada e que recai sobre essa mesma entidade.

O número 5 do exercício anterior já é uma base para perceber a estrutura do verbo na sua língua moçambicana. Ele exhibe duas partes muito distintas, nomeadamente, um prefixo verbal (Cl.15) e um tema verbal. Esta estrutura desdobra-se em formas particulares para cada língua, podendo ser **prefixo + raiz verbal + vogal final**. Qualquer palavra que apresentar esta estrutura é sempre um verbo no infinitivo. Tomemos como exemplos as línguas a seguir:

Exemplos 1:

Xichangana:	kuyala	“negar”;	kujondza	“estudar/aprender”
Ciyaawu:	kuteleka	“cozinhar”	kulokota	“apanhar”
Emakhuwa:	osoma	“estudar”	okothomola	“tossir”
Gitonga:	guhimbila	“andar/caminhar”	guhodza	“comer”

Como se pode verificar nos exemplos acima, os verbos apresentam sempre um prefixo, a parte em negrito, e outra que é o tema verbal. Este, por sua vez, é constituído por uma *raiz verbal* e a *vogal final*. É importante conhecer muito bem a natureza da raiz verbal. É esta a parte mais significativa do verbo, aquela que transporta a semântica do verbo e é dela que se derivam outras palavras. Por exemplo, em Xichangana podemos ter o verbo *kujondza* “aprender” e dele derivarmos outro verbo como *kujondzisa* “fazer aprender/ensinar”. A parte destacada corresponde à raiz do verbo e é dela onde extraímos o campo semântico dos verbos *kujondza* e *kujondzisa*.



Resumo

A estrutura do verbo nas línguas moçambicanas é muito complexa. Quando conjugado, o verbo pode conter partículas/marcas que indicam o tempo, o aspecto, a negação, o sujeito, o objecto, o reflexivo. Esta é a principal razão por que se afirma que as línguas moçambicanas são aglutinantes.

4.2. Derivação verbal

Na secção sobre o nome nas línguas moçambicanas, apresentou-se duas categorias de nome, nomeadamente, o primitivo e o derivado. A razão destas categorias é o facto de a derivação constituir uma das formas mais produtivas para a expansão do vocabulário de uma dada língua, e as línguas bantu são o exemplo disso.

Neste grupo de línguas, o verbo pode derivar outros verbos a partir da anexação, na raiz verbal, de elementos derivacionais denominados extensões ou por meio de um processo morfológico que consiste na repetição da raiz e/ou do tema verbal, denominado **reduplicação**.

O verbo pode derivar, também, nomes com funções de *agentivos*, *instrumentais*, *eventivos*, *resultativos*; pode ainda derivar novas palavras com funções de ideofones e de diminutivos.

Nesta secção vamos tratar destes processos com alguma atenção. Iniciaremos com o processo de **reduplicação**, mas, como sempre, começaremos com uma pequena actividade.

Trabalho aos pares



Um/a colega que fale a mesma língua que a sua. Procurem saber um do outro se diz o expresso no quadro abaixo na vossa língua moçambicana.

Em Português	Na sua língua moçambicana
Trabalhador	
Pessoa amada	
Porta	
Profecia	
Forma de viver	
Forma de andar	
Passear	

Tabela 10: Exercício de aplicação sobre a derivação verbal

1. O que acharam de interessante no exercício que acabaram de fazer?
2. Agora leiam e traduzam o texto a seguir.
3. Encontraram na vossa língua moçambicana, algumas palavras semelhantes ou iguais às que existem no quadro anterior? Se sim, quais são?
4. Em que consiste a semelhança entre essas palavras?



Texto

A dificuldade não obriga a desistir

Danisa é uma menina que gosta de ler. Ela anda na 4ª classe. Nos tempos livres, a Danisa gosta de passear pela machambinha da avó, que fica junto à casa dela. Marikhele é o pai da Danisa. Ele foi trabalhador nas minas da África do Sul. Sempre que chegasse, Marikhele comprava livros de leitura para a filha.

Certo dia, voltando da escola, a Danisa tropeçou e caiu. Madalena, sua mãe, viu-a a chegar. A sua forma de andar chamou-lhe atenção. Foi logo ter com ela e viu que Danisa se aleijara no joelho. A mãe levou-a imediatamente ao hospital. Por sorte, não era grave. A Danisa não perdeu nenhum dia de aulas pelo incidente!

Patel, S.A.; Tembe, F.; Majuisse, A.

4.3. A reduplicação verbal como processo derivacional nas línguas moçambicanas

Como já se fez referência, a reduplicação verbal permite aos falantes de uma dada língua alargar o seu vocabulário. Este processo consiste em repetir uma parte ou todo o tema verbal para formar um novo verbo. Quando se repete todo o tema, estamos, então, perante a reduplicação total, mas quando se repete apenas parte dele, trata-se, então, de reduplicação parcial.

Dado importante sobre a reduplicação é referente às implicações semânticas das formas reduplicadas, isto é, o seu significado. Assim, nas línguas moçambicanas, a reduplicação pode, semanticamente, exprimir a ideia de interacção, frequência e repetição de uma acção. Tomemos como exemplo o Gitonga e o Cinyungwe.

Exemplos 2:

Gitonga: gukhokhotela “pregar” guyemayema (cf. guyema) “passear”

Cinyungwe: kufafanidza “apagar sinais” kuyendayenda (cf. kuyenda) “caminhar frequentemente”

Nas duas línguas acima, temos as formas reduplicadas “gukhokhotela” e “kufafanidza”, que são denominadas de parciais e indicando interactividade, e guyemayema e “kuyendayenda”, que são exemplos de reduplicação total, com o sentido de repetição da acção. A seguir vamos tratar especificamente de cada tipo de reduplicação.

4.3.1. Reduplicação total ou completa normal

A reduplicação total ou completa é aquela em que a parte que se repete é idêntica à base. Quase que sempre, o verbo reduplicado expressa o sentido de repetição, interactividade, frequência de acções, factos e estados. Dado importante é que, em quase todas as línguas moçambicanas, os verbos reduplicados totalmente têm formas não reduplicadas correspondentes na língua e que são parte do vocabulário de cada uma dessas línguas, como ilustram os exemplos abaixo, retirados do relatório de padronização da ortografia das línguas moçambicanas

Exemplos 3:

Xichangana: kufambafamba “andar repetidamente” <(cf. kufamba “andar”)

kukhomakhoma “pegar repetidamente” <(cf. kukhoma “pegar”)

Cisena: kufungula-fungula “abrir frequentemente” <(cf. kufungula “abrir”)

kulangira-langira “tentar a sorte várias vezes” <(cf. kulangira “tentar a sorte”)

Cimanyika:	kucema- cema	“chorar frequentemente”	<(cf.kucema “chorar”)
	kukosora- kosora	“tossir frequentemente”	<(cf.kukosora “tossir”)
Ciyaawo:	kupata- pata	“obter frequentemente”	<(cf. kupata “obter”)

4.3.2. Reduplicação total fossilizada

À semelhança da reduplicação total normal, a fossilizada consiste na repetição da base verbal. Todavia, as partes reduplicadas já não possuem sentido autónomo quando separadas, o que não acontece na reduplicação total normal, como se viu anteriormente. Para melhor compreensão deste processo, veja-se os seguintes exemplos:

Exemplos 4

Cidema:	kulewalewa	“falar”	cf. *kulewa
Ciyaawu:	kulavalava	“ser malandro/a”	cf. *kulava
Cicopi:	kuwombawomba	“falar”	cf. *kuwomba

Portanto, na reduplicação fossilizada, a palavra constituída não pode ser desagregada. Se assim acontecer, as partes separadas não possuem nenhum significado válido na língua ou o seu significado não tem nenhuma relação com a palavra reduplicada.

4.3.3. Reduplicação parcial

Como o próprio nome diz, a reduplicação parcial consiste na repetição parcial da base do verbo. Uma vez repetida, as partes que constituem a palavra formada não podem ser separadas. A reduplicação parcial tem as mesmas características da fossilizada. Em termos de significado, a reduplicação parcial dá a ideia de pequenas repetições de uma determinada acção ou evento. Veja-se os exemplos seguintes:

Exemplos 5

Ekoti:	kufufuwa	“ressuscitar”	kukokotha	“raspar (comida na panela)”
Cinyungwe:	kujejera	“ser frio”	kupswepswenga	“beber pombe”
Xirhonga:	kutrutru	“correr”	kuphepherha	“peneirar”

4.3.4. Reduplicação de verbo de duas sílabas.

Para dar a interpretação de repetição, interactividade, frequência, aos verbos dissilábicos são agregados algumas partículas linguísticas, denominadas morfemas. Este assunto será abordado com algum detalhe nos pontos seguintes, todavia, veja-se alguns exemplos:

Exemplos 6

Shona: kundayida “amar frequentemente” <(cf. kuda “amar”)
kubayiba “roubar frequentemente” <(cf. kuba “roubar”)

Elomwe: kudyadyasha “comer repetidas vezes”

Xirhonga: kuny**etetela** “defecar frequentemente” <(cf. kunya “defecar”)
kub**etetela** “bater repetidas vezes” <(cf. kuba “bater”)

No caso dos exemplos em Xirhonga, deve-se notar que a parte pintada (-etete-) não é necessariamente uma reduplicação em si, mas sim uma extensão verbal interactiva (-ete-) que se aplica a qualquer verbo, não apenas aos verbos dissilábicos. Acontece é que como nesta língua e outras, tais como, Xichangana, Gitonga e Citshwa, os verbos dissilábicos não são reduplicáveis por si, os falantes recorrem a esta partícula para dar a ideia de repetição da acção.

Exemplos 7

Xirhonga: kuwa “cair” (*kuwakuwa) ku**vetetela** “cair frequentemente”

Xichangana: kufa “morrer” (*kufakufa) kuf**etetela** “mortes/ chacina”

As formas reduplicadas dentro de parênteses e com estrela são tidas como agramaticais, ou seja, não são reconhecidas semanticamente na língua pelos falantes.

Há, no entanto, outras formas de se formar verbos a partir de palavras de outras categorias, nomeadamente *ideofones*, nomes, adjectivos e advérbios. Estas estratégias são também comuns nas línguas moçambicanas, porém a sua produtividade varia de língua para língua. Por essa razão, não foram aqui tratadas com detalhe. Nas suas actividades, individuais ou em grupo, poderá explorar estas estratégias em forma de trabalhos de desenvolvimento contínuo.



Resumo

O verbo nas línguas moçambicanas pode derivar outros verbos a partir de um processo denominado reduplicação. Há três tipos de reduplicação: (i) reduplicação total ou completa, (ii) reduplicação fossilizada e (iii) reduplicação de verbos dissilábicos. Os verbos reduplicados trazem a interpretação de repetição, interactividade ou frequência dos eventos ou acções.

Actividade 3



Trabalho em grupo

Em grupos de línguas inteligíveis, elaborem um projecto de pesquisa sobre as estratégias de formação de novos verbos. Não se esqueçam de indicar:

- i) Como cada estratégia se realiza;
- ii) As estratégias mais comuns;
- iii) As estratégias que mais despertam curiosidade;
- iv) As estratégias menos usadas pelos falantes dessa língua.

4.3.5. Derivação de verbos através de extensões

Nas línguas moçambicanas, há partículas simples, mas muito produtivas, usadas para a formação de novos verbos a partir dos já existentes. Essas partículas são denominadas extensões verbais. Os verbos formados a partir das extensões, embora o seu campo semântico seja o mesmo do do verbo mãe, têm significados diferentes do sentido inicial.

Algumas dessas extensões são comuns em quase todas as línguas moçambicanas, mas outras são menos frequentes, ocorrendo em algumas destas línguas. Ademais, estas extensões podem co-ocorrer na mesma estrutura verbal, formando um novo verbo, com sentido diferente do verbo de base. Apresentamos a seguir alguns exemplos de algumas línguas moçambicanas.

Exemplos 8

Cisena:	kugonera	“dormir sobre/para...”	<(kugona	dormir”)
	kugonesa	“fazer dormir/deitar”		
Citshwa:	kuwonisa	“fazer ver algo”	<(kuwona	“ver”)
	kuholela	“dar vencimento”	<(kuhola	“receber vencimento”)
	kuholelana	“dar o vencimento um ao outro” (de forma recíproca)		

Xichangana: kuvutiselana “fazer-se perguntas um ao outro” <(kuvutisa “perguntar”)

Dado importante sobre as extensões verbais é o efeito que estas causam sobre a regência verbal. Cada uma ou sequência delas pode mudar o número de argumentos de um determinado verbo. Os exemplos anteriores (*exemplos 8*) mostram a influência das extensões verbais na manutenção, diminuição ou aumento do número de argumentos regidos por um verbo. Por exemplo, em **Cisena**, o verbo **kugona** “dormir” tem apenas um argumento que é o sujeito. Por outras palavras, é um

verbo intransitivo. Porém, **kugonesa** “fazer dormir ou deitar” que deriva de *kugona* passa a ter dois argumentos, nomeadamente um sujeito e um objecto. Por outras palavras, *kugona* que era um verbo intransitivo, ao ser agregado uma extensão verbal (-es-) passou a *kugonesa*, um verbo transitivo. Vejamos os exemplos do uso de verbos extensos em contextos frásicos.

Exemplos 9:

Cindau:

- a) Mayi vabika nyama. “A mamã cozinhou carne.”
b) Mayi vabikira vana nyama. “A mamã cozinhou carne para as crianças.”

Cicopi:

- a) Mami abhikite nyama. “A mamã cozinhou carne.”
b) Mami abhikete nyama vanana. “A mamã cozinhou carne para as crianças.”

Emakhuwa:

- c) Mama ohapiha enama. “A mamã cozinhou carne.”
d) Mama ohapihela anamwane enama. “A mamã cozinhou carne para as crianças.”

Os exemplos anteriores servem apenas para demonstrar o que as extensões podem causar ao nível dos argumentos do verbo. Aqui usou-se apenas a extensão applicativa (-el-). Porém, como se frisou anteriormente, nas suas actividades individuais, ou em grupo, você poderá explorar esta temática em forma de trabalhos de desenvolvimento individual contínuo.

Actividade 4



Estudo independente:

Como já se fez referência, o tema das extensões verbais não foi aprofundado neste Manual. Aqui faz-se uma introdução para que você continue aprofundando este tema. Agora, recorrendo a Manuais e outros livros sobre a estrutura das línguas moçambicanas:

1. Faça o levantamento das extensões verbais predominantes na sua língua;
2. Escolha 10 verbos na sua língua moçambicana e forme outros tantos, usando as extensões verbais;
3. Apresente os resultados da sua actividade ao seu grupo linguístico e à turma;
4. Dos verbos normais e dos derivados por extensões, elabore um texto na sua língua

moçambicana de trabalho. No texto pode incluir outras categorias gramaticais (classes de palavras). O texto deve respeitar os princípios de escrita da vossa língua (escrita conjuntiva e disjuntiva), a pontuação e coerência.

4.4. Flexão e afixos verbais

Antes de entrarmos na gramática da sua língua, faça o exercício que lhe propomos a seguir.

Actividade 5



Trabalho independente

1. Escreva, no seu caderno, três frases: uma no passado, outra no presente e a última no futuro.
2. Passe as mesmas frases para a forma negativa. O que notou?
3. Troque o seu caderno com um colega que fale a mesma língua que a sua. O que ele escreveu é correcto na sua língua? Ele usou a ortografia que se estabeleceu nessa língua?
4. Juntem as vossas frases e, a partir delas, elaborem um pequeno texto. O tema é à vossa escolha. Não se esqueçam de usar a ortografia correcta da vossa língua.

O ponto número 1 do exercício que acabou de fazer mostrou-lhe o poder que o **verbo** tem de aglutinar muita informação. Se estiver recordado, o verbo é a palavra que mais varia no contexto das palavras que existem numa determinada língua. Como se referiu, nas línguas moçambicanas, quando conjugado, o verbo apresenta vários afixos flexionais, marcando **o sujeito, a negação, o tempo, o aspecto**, entre outros.

Nas secções subsequentes, vai, com mais precisão, desenvolver estes aspectos na sua componente prática. Porém, para um breve esclarecimento, vejamos os exemplos a seguir:

Exemplos 10

Xichangana:	Nimuvutisile svaku aya kwini.	“Perguntei-lhe para onde ia.”
	Angahihembelanga Mujondzisi!	“O professor não nos mentiu!”
Echuwabo:	Ddawuvaya nama	“Entreguei-te a carne”

4.5. A frase nas línguas moçambicanas

Depois do estudo do comportamento do nome e do verbo nas línguas moçambicanas, vai agora aprender como usar estes elementos para produzir frases na sua língua moçambicana. Veja, primeiro, algumas definições sobre a mesma:

Frase é uma palavra ou conjunto de palavras dispostas de uma dada maneira, de acordo com certas regras, para exprimir um determinado sentido. Pode-se definir ainda como um enunciado de sentido completo, unidade mínima de comunicação, que pode ser constituída por uma única oração (frase simples), por mais do que uma oração (frase complexa), ou apenas por um verbo (frase elíptica), onde os restantes constituintes são subentendidos.

A partir destas breves definições do que é frase, podemos assumir, então, que o que dizemos, para que seja constituído como uma frase, tem que estar de acordo com as regras estabelecidas numa determinada língua. Mesmo que respeite as regras, se dentro da língua não se constituir um significado lógico e completo, pode não ser frase. Significa isso que aquilo que, por exemplo, é considerado frase na língua portuguesa, pode não ser em Kiswahili ou em Cindau.

Para certificar na prática como isso se materializa, resolva o pequeno exercício a seguir.

Actividade 6



Estudo independente

Preste atenção ao quadro abaixo. No seu caderno, traduza as frases dadas para a sua língua moçambicana.

Em Português	Na sua língua moçambicana
A Luísa ofereceu um cão ao João.	
O Manuel comeu o bolo.	
O sol está vermelho.	
Há um silêncio absoluto.	
A Rafaela é boa pessoa.	
Estão aqui cem galinhas.	
Eu vou passear .	

Tabela 11: Exercício de aplicação sobre a frase nas línguas moçambicanas.

1. O que achou da tradução que fez?
2. Que particularidades encontrou na tradução das frases?
3. Escreva mais três frases em português e traduza para a sua língua moçambicana de trabalho.

4.5.1. Frase verbal e frase não verbal

O ponto de partida para a nossa discussão é a frase simples. Tal como notou durante a tradução, nem sempre o núcleo da frase é uma forma verbal. O núcleo pode ser uma cópula, um nome ou um ideofone. Portanto, nas línguas moçambicanas, a frase simples pode ser verbal ou não verbal, dependendo da natureza do núcleo.

4.5.1.1. Frase verbal

Diz-se frase verbal a toda a frase cujo núcleo é um verbo ou uma forma verbal.

Exemplos 11

Xichangana:	Juze anyikile n'wana pawa.	"O José deu pão à criança."
Cicopi:	Mami atsula nthumoni.	"A mamã vai ao serviço."

4.5.1.2. Frase não verbal

A frase não verbal é aquela cujo núcleo é uma categoria lexical diferente do verbo. Esse núcleo pode ser um nome (frase nominal), uma cópula (frase copulativa) ou um ideofone (frase ideofónica), como se mostra no esquema e nos exemplos mais abaixo.

Exemplos 12

a) Nominal

Ciyaawu:	Nguku diciila asi.	"Estão aqui cem galinhas."
Xirhonga:	Hi leyi homo.	"Está aqui o boi."

b) Copulativa

Cinyaja:	N'nyamata uyu ndi munthu.	"Este rapaz é pessoa."
Xichangana:	Muhlophe i munhu munene.	"O Muhlophe é boa pessoa."

c) Ideofónica

Xichangana:	Maphisani ategeeee!	"O Maphisani está refastelado."
Citshwa:	Cibuku leci cihwa ca mina.	"Este espelho parece meu."

4.5.2. Polaridade da frase simples nas línguas moçambicanas

Para além da classificação quanto à natureza do núcleo, a frase pode ser classificada quanto à polaridade, isto é, frase afirmativa e frase negativa. Geralmente, afirmativa é aquela produzida naturalmente, ao passo que a negativa sempre é marcada. Nas línguas moçambicanas, a marcação da frase varia de língua para língua. Pela vastidão das estratégias de marcação da frase negativa nas línguas moçambicanas, aqui mostraremos apenas alguns exemplos.

Exemplos 13

Cicopi:

Afirmativa:	Mami abhikite nyama.	“A mamã cozinhou carne”
Negativa:	Mami nkh abhika nyama.	“A mamã não cozinhou carne”

Cinyungwe:

Afirmativa:	Ife tatsuka manja.	“Nós lavamos as mãos”
Negativa:	Ife tiribe kutsuka manja.	“Nós não lavamos as mãos”

Ciyaawo:

Afirmativa:	Lisu uwe tucapile m’piika.	“Ontem nós lavámos a panela”
Negativa:	Lisu ngan itucapa m’piika.	“Ontem nós não lavámos a panela”

4.6. Sistema de Concordância

Tal como vimos no primeiro capítulo, uma das características das línguas moçambicanas é o seu sistema de concordância. Os nomes regem a concordância de todos os elementos da frase com eles relacionados (verbos, qualificadores, quantificadores, possessivos e demonstrativos). Esta concordância é feita através de marcas de concordância. Conforme já referenciado, nas línguas moçambicanas os nomes estão organizados em classes, de acordo com os seus prefixos nominais e as marcas de concordância.

Actividade 7



Trabalho de grupo

Preste atenção ao quadro abaixo. No seu grupo linguístico, traduza as frases dadas para a sua língua moçambicana.

Em Português	Na sua língua moçambicana
O meu gato pariu.	
Os meus gatos pariram.	
O Manuel e a Joana estão doentes.	
O cabrito e o coelho comem capim.	

Tabela 12: Exercício de aplicação em grupo sobre o sistema de concordância

1. O que aprenderam realizando este exercício?
2. A que conclusões chegaram sobre a concordância verbal?
3. Qual é a vossa proposta para ensinar a concordância verbal com base em técnicas participativas?

Durante a tradução deve ter notado que temos frases que exibem um sujeito nominal simples (aquele que é constituído por apenas um nome) e um sujeito complexo (aquele que é constituído por dois ou mais nomes ligados por uma conjunção ou por um sinal de pontuação).

Se prestou atenção, observou que:

- ◆ As frases traduzidas mostram que, na sua língua, quando o sujeito nominal é simples, existe um tipo de marca de concordância que se altera quando o mesmo sujeito passa a ser complexo ou quando passa para o plural.
- ◆ A concordância nas línguas moçambicanas não é um assunto simples. Por exemplo, se os elementos que constituem o sujeito pertencerem a classes nominais diferentes, a concordância tomará padrões diferentes para cada língua particular.
- ◆ Existem marcas de concordância próprias e estabelecidas na língua conforme a natureza dos seres que corporizam o sintagma nominal na posição de sujeito.



Resumo

Nas línguas moçambicanas, a frase pode ser verbal ou não verbal. A frase verbal é aquela em que o núcleo é uma forma verbal, ao passo que a não verbal tem como núcleo uma categoria lexical diferente do verbo, que pode ser nome, ideofone ou cópula. A concordância verbal é regida pela natureza do nome ou nomes que ocupam a posição de sujeito da frase. As estratégias de marcação da polaridade (afirmativa ou negativa) da frase variam de língua para língua. Umam usam a forma sintética, em que a marca da negação aparece acoplado ao verbo, e outras usam a forma analítica, através de um segmento lexical.



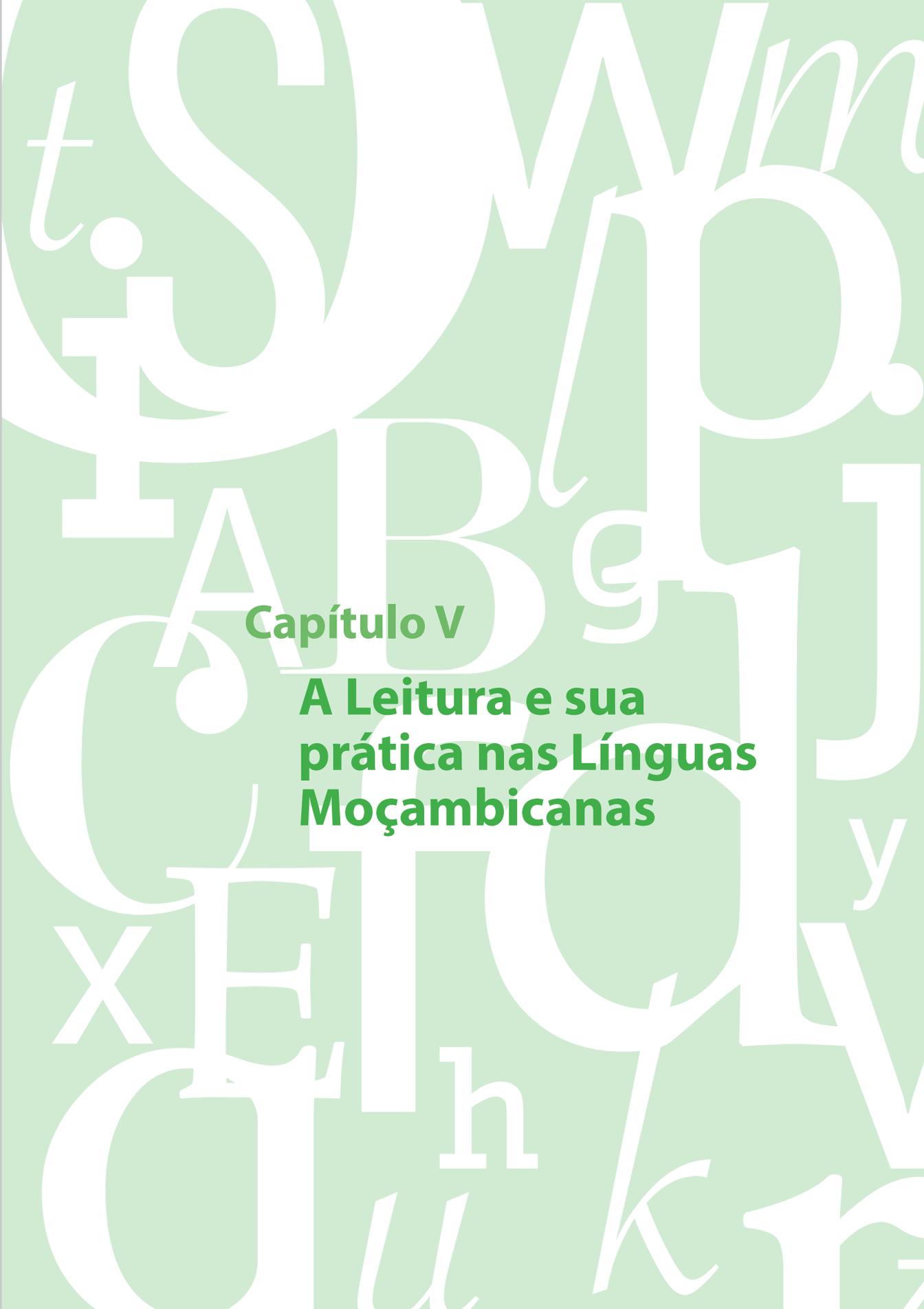
Exercícios de auto-avaliação

1. Escreva três frases verbais e não-verbais na sua língua moçambicana de trabalho e explique por que são verbais e não-verbais.
2. Explique, recorrendo a exemplos, a concordância gramatical na sua língua moçambicana de trabalho.
3. Será que, na sua língua moçambicana, a concordância verbal com nomes de classes diferentes é pacífica? Justifique a sua resposta, apresentando alguns exemplos.
4. Qual seria a melhor forma para ensinar este conteúdo para os alunos do Ensino Primário?
5. Que técnica(s) participativa (s) poderia (m) tornar o ensino deste conteúdo mais fácil e mais atractivo para crianças?



Bibliografia

- Cunha, C. & Cintra, L. (1989). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ª Edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Ngunga, A. (2014). *Introdução à Linguística Bantu*. 2ª Edição. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, A. (org.). (2009). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Coleção as Nossas Línguas I. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM.
- Sitoe, B. & Ngunga, A (orgs). (2000). *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO – Universidade Eduardo Mondlane.

The background of the page is a solid light green color. Overlaid on this background are large, white, stylized letters of various fonts and sizes, including 'S', 'M', 't', 'i', 'A', 'B', 'g', 'C', 'J', 'y', 'X', 'E', 'h', 'u', 'k', 'r', and 'v'. These letters are scattered across the page, creating a dense, abstract pattern.

Capítulo V

**A Leitura e sua
prática nas Línguas
Moçambicanas**

Ao terminar este capítulo, você vai ser capaz de ler correctamente e interpretar diferentes textos na sua língua moçambicana de trabalho, por forma a ter uma visão diferenciada dos contextos socioculturais a eles associados, preparando-se de modo consciente para usar criativamente estas línguas



No final deste capítulo, você deverá:

- ◆ Comunicar com fluidez na sua língua moçambicana de trabalho, tendo em conta o seu interlocutor;
- ◆ Ler textos simples e complexos com fluência e compreensão na língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Criar o gosto pela leitura de diversos géneros textuais em línguas moçambicanas;
- ◆ Desenvolver competências de leitura em línguas moçambicanas para o ensino primário e educação de adultos.



Espera-se que, ao terminar este capítulo, você:

- ◆ Leia com desenvoltura na sua língua moçambicana;
- ◆ Participe em jornadas e concursos de leitura em línguas moçambicanas;
- ◆ Crie o jornal da turma em línguas moçambicanas com os seus colegas;
- ◆ Elabore um projecto ou plano de leitura de animação no seu grupo linguístico;
- ◆ Organize concursos de leitura em línguas moçambicanas para crianças e adultos no contexto escolar e comunitário.

A Leitura e sua Prática nas Línguas Moçambicanas

Depois de ter aprendido a estrutura e a ortografia das línguas moçambicanas nos capítulos anteriores, chegou a vez de praticar a leitura. Assim, este capítulo tem como enfoque o desenvolvimento das habilidades de leitura na sua língua moçambicana. A actividade de leitura é fundamental, pois a sua prática aperfeiçoa a expressão oral e escrita, favorece o conhecimento e a compreensão, desenvolve o raciocínio, a memória, a imaginação, o sentido crítico e estético.

A leitura está presente na vida das pessoas desde que passam a compreender o mundo à sua volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que os cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a ficção com a realidade em que vivem, no contacto com um livro, enfim, em todos esses casos, estão de certa forma lendo, embora muitas vezes os indivíduos não se dêem conta disso.

5.1. Conceitos de leitura

No seu percurso estudantil já se deparou, várias vezes, com a leitura.

Reflecta com seu colega ao lado sobre as questões a seguir:

- ◆ *Qual a importância da leitura na vida de uma pessoa (criança ou adulto)?*
- ◆ *E na sua própria vida, como formando/a de hoje e professor/a do amanhã?*

Agora repare na definição que nos é dada pelos autores Moreira & Pimenta (1993:38):

Pode-se dizer que a leitura é um processo de interacção entre o leitor e o texto no qual o leitor busca construir o significado do texto. A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido de visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. Pode-se afirmar, portanto, que **ler é ver** (identificar os universos referenciais); **ler é saber ver e compreender** (decifrar o significado e sentido das palavras, entender a mensagem, ...) **ler é fruir e recrear** (sentir os seus problemas e os seus anseios ou ideias reflectidos no texto/livro, apreciar a beleza do texto, sentir prazer da sua leitura, ocupar momentos de lazer, enriquecer o seu conhecimento e desenvolver a sua maturidade)

5.1.1. As habilidades, etapas e tipos de leitura

Saber ler é uma competência imprescindível na vida de qualquer ser humano, permitindo-lhe descodificar mensagens, para compreender e interagir em diferentes situações de comunicação. Quando o aluno lê, os sentidos e valores que possui acerca dos factos do mundo, acerca da vida e das pessoas entram em contacto com os valores e sentidos veiculados nos textos. Com isso, a leitura na sala de aula serve para o aluno aprender a participar das práticas sociais de leitura que acontecem em todos os espaços onde as pessoas circulam. A leitura tem entre outros os seguintes benefícios:

- ◆ **Conhecimento** cultural: através da leitura temos possibilidade de ter contacto com várias culturas diferentes. Sabemos como determinado povo se comporta, os motivos pelos quais age de forma distinta da nossa. Além disso, compreendemos melhor o outro quando passamos a saber a história de vida que o cerca. Consequentemente, lidamos melhor com quem é diferente de nós e não temos uma opinião pobre e geral das circunstâncias.
- ◆ **Desenvolvimento da reflexão:** lendo, tornamo-nos reflexivos, ou seja, formamos uma ideia própria e madura dos factos. Quando temos entendimento dos vários lados de uma mesma história, somos capazes de reflectir e chegar a um consenso, que nos traz crescimento pessoal.
- ◆ **Aquisição de conhecimento:** através da leitura, falamos e escrevemos melhor, sabemos o que aconteceu na nossa história, o porquê de nosso clima e do idioma que falamos, dentre muitas outras possibilidades.
- ◆ **Dinamismo na leitura:** quem lê muito, começa a reflectir mais rápido. Logo, adquire mais agilidade na leitura. Passa os olhos e já entende sobre o que o texto está falando, a opinião do escritor e a conclusão alcançada.
- ◆ **Desenvolvimento do vocabulário:** quem lê tem um repertório de vocábulos muito mais rico do que aquele que não possui essa prática.
- ◆ **Diversão:** a leitura promove diversão, pois quem lê é levado a lugares que não poderia ir “com as próprias pernas”.
- ◆ **Informação:** através da leitura, ficamos informados sobre o que acontece no mundo e na nossa região. A leitura informativa mais usual é o jornal impresso.

5.1.2. As habilidades, etapas e tipos de leitura

Como se realiza a leitura?

Esta é uma pergunta sempre presente quando falamos de leitura, e é muito importante para a actividade do treino de leitura que a seguir fará.

Observe:

A leitura é uma decifração e uma descodificação. O leitor deve, em primeiro lugar, decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, para em seguida descodificar as implicações que o texto tem e, finalmente, reflectir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a descodificação e demais componentes referentes à interpretação, ficam sem interesse.

Portanto, a habilidade de ler não é somente traduzir sílabas ou palavras (signos linguísticos) em sons, isoladamente. A descodificação é muito mais do que isso. A boa leitura deve passar pelas seguintes etapas:

- i) **A descodificação:** Leitura superficial que, apesar de incompleta, é essencial fazê-la mais de uma vez num mesmo texto. É o momento em que o leitor deve anotar as palavras desconhecidas para achar um sinónimo, passo importante para passar para a próxima etapa de leitura, a compreensão do que foi lido.
- ii) **Compreensão:** Após passar pela etapa da descodificação, o leitor deve captar o sentido do texto lido. Deve saber do que se trata no texto, qual a tipologia usada, compreender o que o autor pretendeu passar e ser capaz de resumir em duas ou três frases a essência do texto.
- iii) **Interpretação:** Na terceira etapa da leitura, o leitor deve interpretar uma sequência de ideias ou acontecimentos que estão implícitos no texto.

Que tipos de leitura conhece?

Já deve ter ouvido falar de leitura oral (ou em voz alta) e leitura silenciosa.

Uma leitura pode ser oral (em voz alta) ou visual (silenciosa). Este tipo de leitura ocorre comumente nos primeiros anos de escolaridade. A leitura oral, falada ou ouvida (efectuada em voz alta), processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual ou silenciosa (efectuada mentalmente), sem a interferência dos órgãos vocais, é muito mais comum nas pessoas e permite ainda uma velocidade de leitura maior, podendo o leitor parar onde quiser e recuar para passagens lidas.

5.1.3. Actividades práticas para o desenvolvimento da leitura em línguas moçambicanas

Como ler melhor?

Em primeiro lugar, deve-se dizer que a leitura não é a oralização da escrita, mas um processo próprio que pressupõe um amadurecimento de habilidades linguísticas em partes diferentes das que ocorrem na produção da fala espontânea. Uma leitura em

voz alta, além de levar em conta o que se deve fazer para dizer algo em termos de produção sonora da fala, exige ainda que o leitor acompanhe um raciocínio sobre o pensamento exterior, expresso por outra pessoa, e que ele lê como se fosse o autor.

Uma pessoa que lê necessita de passar pelas etapas normais de produção de sons da fala, ou seja, mudar a respiração, acertar o ritmo, o aceno e a entoação, através da montagem das sílabas, grupos tonais, gerar uma corrente de ar, articular os órgãos do aparelho fonador a nível da laringe, da cavidade bucal, controlar a posição do véu palatino e a configuração dos lábios .

A prática da leitura é uma actividade que deve ser realizada, na sala de aula e na biblioteca, fazendo uso de livros didáticos e literários, revistas, jornais, entre outros, a fim de transformar em qualidade a relação textual com o mundo leitor. O incentivo à leitura deve partir do formando (futuro professor), dos pais e da sociedade, pois assim os alunos passarão a buscar leituras individualizadas.

A leitura e a escrita de crianças e adultos com deficiência ou dificuldades de leitura requerem uma atenção especial do professor. Caso o professor identifique uma criança surda, por exemplo, na sala de aula, deve solicitar auxílio pedagógico para apoiar essa criança a aprender ler na língua de sinais e compreender textos em línguas moçambicanas e portuguesa.

Apresentamos a seguir um conjunto de metodologias e estratégias que podem ajudar no treino da leitura na sua língua moçambicana, nomeadamente o teatro do leitor, a leitura para gravação, a leitura para o desenvolvimento da fluência, a prática da leitura silenciosa, a roda de leitura, a dramatização, o jornal de turma e os clubes de leitura.



Teatro do leitor

O teatro do leitor é uma metodologia interactiva que se baseia no drama, permitindo que os participantes pratiquem a leitura. É usado frequentemente para representar roteiros, promovendo a fluência nos leitores. É uma metodologia muito forte que pode ser usada na exploração de valores e perspectivas pessoais. Esta metodologia é considerada altamente envolvente e importante no desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades de leitura.

Para a prática do teatro do leitor, realizem a actividade que a seguir se apresenta:

CIGARRA E A FORMIGA

Narrador(a): Era uma vez uma Cigarra que vivia saltitando e cantando pelo bosque, sem se preocupar com o futuro. Esbarrando numa Formiguinha, que carregava uma folha pesada, perguntou:



Cigarra: — Ei, Formiguinha, para quê todo esse trabalho? O verão é para a gente aproveitar! O verão é para a gente se divertir!

Formiguinha: — Não, não, não! Nós, Formigas, não temos tempo para diversão. É preciso trabalhar agora para guardar comida para o inverno.

Narrador(a): Durante o verão, a Cigarra continuou se divertindo e passeando por todo o bosque. Quando tinha fome, era só pegar numa folha e comer. Um belo dia, passou de novo perto da Formiguinha carregando outra pesada folha. A Cigarra então aconselhou:

Cigarra: — Deixa esse trabalho para as outras! Vamo-nos divertir. Vamos, Formiguinha, vamos cantar! Vamos dançar!

Narrador(a): A Formiguinha gostou da sugestão. Ela resolveu ver a vida que a Cigarra levava e ficou encantada. Resolveu viver também como sua amiga. Mas, no dia seguinte, apareceu a rainha do formigueiro e, ao vê-la a divertir-se, olhou feio para ela e ordenou que voltasse ao trabalho. Tinha terminado a vidinha boa.

A rainha das Formigas falou então para a Cigarra:

Rainha das formigas: — Se não mudar de vida, no inverno você há de se arrepender, Cigarra! Vai passar fome e frio.

Narrador(a): A Cigarra nem ligou, fez uma reverência para rainha e comentou:

Cigarra: — Hum!! O inverno ainda está longe, querida!

Narrador(a): Para a Cigarra, o que importava era aproveitar a vida, e aproveitar o hoje, sem pensar no amanhã. Para que construir um abrigo? Para que armazenar alimento? Pura perda de tempo.

Certo dia, o inverno chegou, e a Cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater à porta da casa da Formiga. Abrindo a porta, a Formiga viu na sua frente a Cigarra quase morta de frio. Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das Formigas que disse à Cigarra:

Rainha das formigas: — No mundo das Formigas, todos trabalham e se você quiser ficar connosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Narrador(a): Para a Cigarra e para as Formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Adaptado da fábula de La fontaine

Actividade 1



Trabalho em grupo

- ◆ Formem grupos linguísticos de 3 a 4 elementos de ambos os sexos.
- ◆ Elaborem um texto dramático cuja temática é “género e meio ambiente”.
- ◆ O texto deve ter 200 palavras no máximo, mas cada personagem deve ter no mínimo duas ocasiões de actuação.
- ◆ Ensaiem os papéis dos personagens sem memorizarem o texto.
- ◆ Apresentem o vosso teatro do leitor perante a turma.

Durante a apresentação do teatro do leitor, os restantes membros da turma tomam notas para potenciais questionamentos, acréscimos e observações.



Dramatização

A dramatização é a teatralização de uma situação real ou inspirada na realidade e que pode ser explorada pedagogicamente. Recorre-se à dramatização para animar algumas aulas e concretizar alguns conteúdos. É um exercício que permite dar vida às personagens de uma história, de situação de diálogo, ou cenas do dia-a-dia. Constitui, também um bom exercício para o desenvolvimento da oralidade, pois permite explorar tanto situações da vida real, assim como situações imaginárias ou lidas num texto.

Actividade 2



Trabalho em grupo

1. Formem grupos linguísticos de 10 a 12 formandos de ambos os sexos;
2. Adaptem o texto “Quem sou eu?” do Capítulo I e encenem uma dramatização;
3. Devem recriar o texto de modo a que os 10 ou 12 formandos possam representar;
4. Distribuam as personagens pelos formandos do grupo;
5. Em caso de grupos com menor número de formandos(as), alguns podem desempenhar dois papéis;
6. Ensaaiem a dramatização antes de apresentarem à turma;
7. Apresentem à turma.

Nesta actividade, devem ser criativos, pois terão muitas personagens.



Leitura para gravação

A leitura para gravação é também uma estratégia importante para desenvolver a habilidade de leitura. De um modo geral, esta estratégia é mais adequada para a leitura de contos para a gravação em CD ou outra componente áudio. É uma metodologia que requer muito ensaio, desde a adequação do texto ao grupo alvo (ouvintes), a atenção à colocação da voz, até às correcções constantes e à incorporação de enfeites sonoros (por exemplo, uma música de fundo ou sons de enfeite).

Actividade 3



Trabalho em grupo

1. Dois a dois, elaborem um texto publicitário sobre culturas e saberes locais, na vossa língua moçambicana;
2. O texto deve ser preparado com o intuito de ser gravado;
3. Ensaaiem a leitura até sentirem que já está pronta para a gravação;

4. Usando um gravador ou mesmo um celular, gravem a leitura do vosso texto;
5. Podem repetir a gravação, tantas vezes quantas forem possíveis, até ela sair muito bem;
6. apresentem o texto gravado à turma para um pequeno debate sobre a qualidade da leitura na gravação



Leitura para o desenvolvimento da fluência

A fluência de leitura advém do desenvolvimento das representações fonológicas das palavras e da capacidade em processá-las rapidamente. É a ponte que liga a leitura à compreensão dos textos, sendo avaliada por três indicadores: a velocidade de leitura de palavras por minuto; o número de erros (que deve ser inferior a 5% das palavras lidas) e a prosódia, que se refere à entoação e ao ritmo da leitura

Actividade 4



Estudo independente

1. Na sua língua moçambicana de trabalho, elabore um texto sobre identidade e respeito à diferença no contexto de formação de professores;
2. Troque o seu texto com um colega falante da mesma língua que a sua.
3. Corrija todos os aspectos sobre a ortografia e a pontuação;
4. Ensaie a leitura do seu texto, em voz alta. Pode ensaiar com um colega;
5. Apresente à turma;
6. Cronometre e indique o tempo de duração da leitura.

O propósito deste exercício é garantir fluidez na leitura e não avaliar a capacidade de decorar com facilidade.



Leitura silenciosa

Tal como referimos no início deste capítulo, a leitura silenciosa é a que se faz visualmente, sem o uso da voz. Favorece uma relação mais directa leitor-autor e uma captação mais efectiva do significado do texto. Nas actividades práticas de leitura, esta modalidade é utilizada para avaliar a compreensão. A sua avaliação pode ser feita através de um questionário oral ou escrito.

Actividade 5



Trabalho em grupo: Concurso de leitura

Prestem atenção ao texto que se segue.

Tudo na vida tem jeito!

Você é uma pessoa que faz sempre as mesmas coisas? Vai sempre aos mesmos lugares, conversa sempre com as mesmas pessoas, até o seu problema é igual? Conta sempre a mesma história, ri da mesma piada? Há gente que é assim. Será que você não é? Parece uma fotografia, fica eternamente parada naquilo. Por que uma pessoa fica assim igual com tanta coisa curiosa na vida? Às vezes, é porque ela está a aprender a ser segura, a ser organizada. Então, ela passa por um período de monotonia. Fica meio parada, meio engasgada consigo mesma por um período longo.

Que esquisito, pois com tanta coisa acontecendo nesse mundo moderno, tão dinâmico, a pessoa fica sempre igual. Está sempre com o mesmo cabelo. Mas o povo é assim. Tem aquela que troca de cor de cabelo toda semana. Ela também exagera. Toda hora está trocando de cara porque é mais fácil trocar a cor do cabelo do que mudar de atitude.

Mas tudo tem a sua hora. Cada um está exercitando, de algum jeito, o seu modo de criar, de viver. Veja, por exemplo, a questão do destino, que toca a todos nós. Todo mundo quer forçar o destino a realizar o seu sonho, para que dê certo no amor, na carreira.

Acho que a gente pode mesmo fazer o destino e tem uma certa consciência disso. Nem sempre sabe como fazer, mas a gente quer forçar. Faz o possível para as

coisas irem de um jeito e não de outro, embora a gente erre, porque não sabe bem como fazer o destino funcionar. E, às vezes, a pessoa tenta tanto que passa a ser autoritária e arrogante:

- Eu quero assim, porque tem que ser assim!

Não aceita que seja diferente. Acho que isso é descontrole. Mas, no fundo, a pessoa está apenas querendo a felicidade. Você já pensou que tudo que você faz, de certo ou de errado, é porque pensa que isso vai levá-lo à felicidade? Aquele que rouba, que mente, que é sincero, tudo que o pessoal faz é pensando que vai trazer a felicidade.

Que força tem a busca da felicidade em nós! A gente quer viver, quer realizar-se. Uns com dinheiro, outros com amor, com a esperança de que aquela pessoa vá fazê-la feliz. Quantos sonhos de felicidade todos nós temos. E quando a gente se decepciona, porque não consegue, então, não quer sonhar mais. Quer brigar, quer chorar. E quanto maior a revolta, mais mostra que o desejo da felicidade é grande, pois se o desejo fosse pequeno, a revolta seria pequena.

E a gente vê que também o revoltado, o agressivo, o amargo quer a felicidade. Sorte daquele que sabe parar para analisar e ficar só olhando tudo, sem emoção.

Vai fundo e, daí é que descobre as coisas. Quando fica só contemplando, se liga na consciência cósmica, começa a entender as coisas.

- Quer dizer, então, que o conhecimento de tudo está dentro de nós?

- Está mesmo. Se a natureza nos põe para viver, tem que pôr também o conhecimento para termos condições de fazer as coisas. É que você é muito emotivo, muito indisciplinado e não pára para ir fundo. Então, as coisas ficam confusas. Feliz daquele que sabe parar e ficar calmo, só olhando a situação, abrindo a mente e o coração na boa vontade para entender: esse vai dominar a vida e vai ser feliz.

Tudo que consegui de bom na vida foi assim. Mas a gente fica doido, desesperado, emocionado e fica repetindo o que já fez. Uai, se já fez e não deu certo, por que repete? Tem que parar, contemplar, ir fundo, acreditar que tem jeito. Tudinho tem jeito. Pare de ficar desesperado que isso não leva a nada. Só dá dor de cabeça!

Tudo tem jeito. Tem sim, tem muito jeito. Tudo é aprendizagem.

Aquele que está aflito está aprendendo a movimentar sua energia de ação. Aquele que está encruado, parado na vida, está aprendendo a usar o breque. Aquele que está trabalhando, está aprendendo a usar as suas faculdades.

Aquele que trabalha com a moleza, com a preguiça, está aprendendo o valor do tempo, a trabalhar sem stresse.

[...]

Você gosta de se queixar da vida porque ela não é do jeito que você queria. Sinto muito dizer, mas está certo. É você que fica achando erro. Toda crueldade, tudo está certinho. É bom você parar de se queixar e tentar entender, se quer mesmo ser feliz. É preciso entender os porquês, mas você não procura, então por que diz que é difícil?

A vida não esconde nada. É você que não quer ver.

Vamos sair desse delírio de enganos e erros, de obstáculos e pessimismo? Vamos viajar juntos e descobrir isso tudo?

Extraído e adaptado do livro “UM DEDINHO DE PROSA” Calunga.

https://www.pensador.com/textos_literarios_prosa/

O texto “Tudo na Vida tem um Jeito” tem 790 palavras, o que significa que um leitor adulto regular pode ler em 5 minutos.

- ◆ Leiam o texto silenciosamente, mais do que uma vez, se for necessário.
- ◆ Organizem-se em pares linguísticos,
- ◆ Traduzam o texto na vossa língua moçambicana de trabalho,
- ◆ Treinem a leitura do texto fluentemente,
- ◆ Leiam um para o outro,
- ◆ No fim cada um apresenta o texto trazido à turma.



Roda de leitura

A roda de leitura é uma actividade em que se conversa sobre as leituras que vocês realizam fora das aulas. Nesta actividade, abre-se um espaço para que indiquem um livro ou um texto que tenham lido para outros colegas, levando em conta as características da obra e as preferências de leitura dos amigos. Ao ser inserida na vossa rotina, esta actividade pode ajudar a construir uma comunidade de leitores. Pode criar múltiplas oportunidades de exploração de novos livros, escolha de leituras, análise de leituras e recomendação de mais leituras, em suma, fazer mais leituras interessantes, desenvolvendo, ao longo do processo, gostos e preferências por obras, géneros e autores.

Actividade 6



Trabalho de grupo

1. Formem grupos linguísticos de 6 formandos de ambos os sexos. Cada grupo é uma roda de leitura,
2. Os grupos devem escolher um texto ou um livro, na sua língua moçambicana, para ler, de acordo com seus critérios pessoais de apreciação,
3. Uma vez escolhido e lido, os formandos devem organizar-se numa roda de leitura, tendo os textos escolhido,
4. Cada um dos formandos partilha a leitura feita, fazendo comentários apontando critérios de escolha, aspectos interessantes do texto, de modo a que a roda se informe a respeito do texto lido.

Esta actividade é realizada fora da sala de aula



Resumo

A leitura é uma actividade que envolve muitos processos. Ela subdivide-se em oral e silenciosa. A descodificação, a compreensão e a interpretação são consideradas as três principais etapas da leitura. O teatro do leitor, a dramatização, a leitura para gravação, a leitura para o desenvolvimento da fluência, a prática da leitura silenciosa, a roda de leitura e o Jornal da turma, são algumas sugestões de estratégias para a prática e desenvolvimento da leitura, no geral, e nas línguas moçambicanas, em particular.





Bibliografia

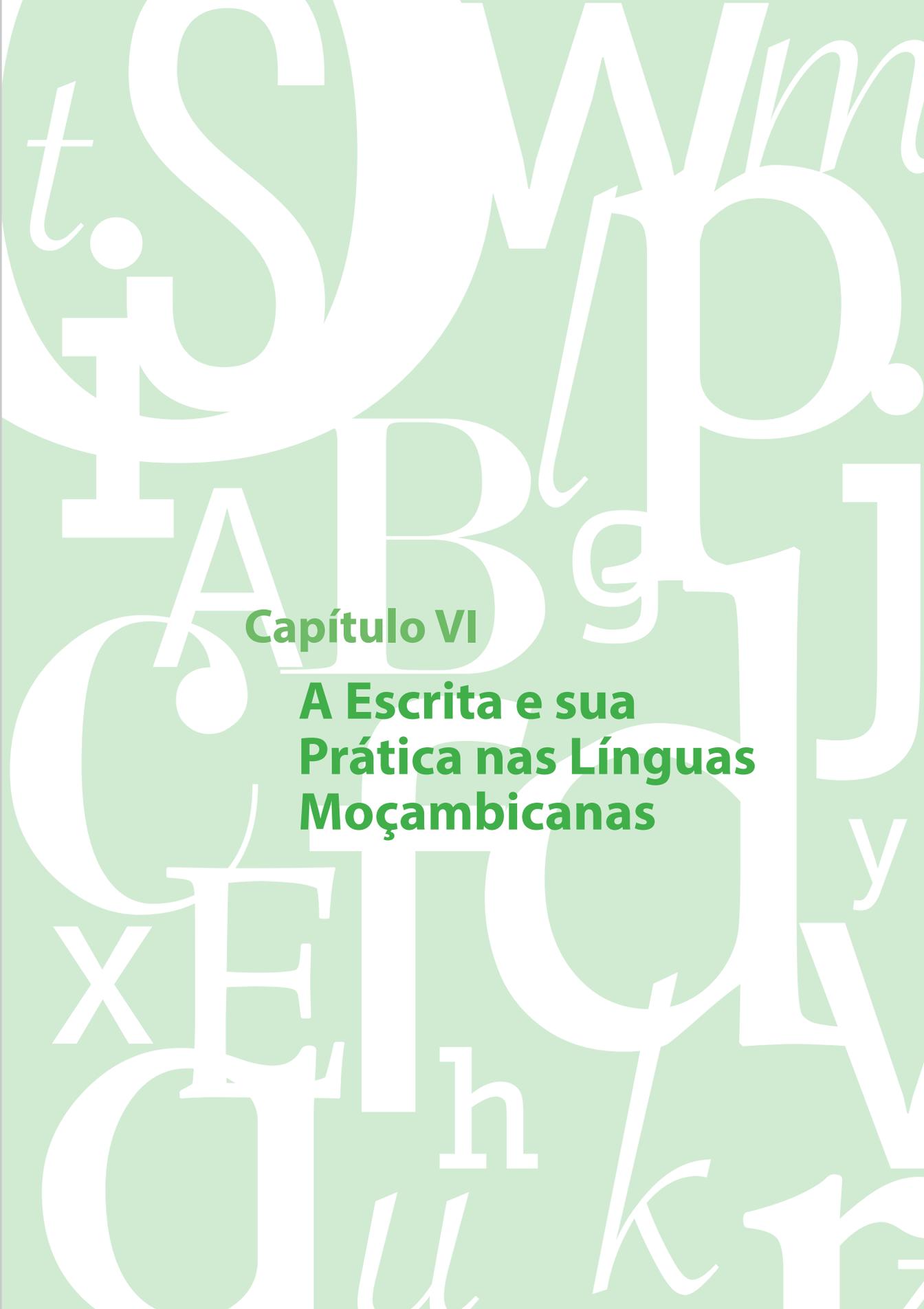
Alarcão, M. de L. (1995). *Motivar para a Leitura: Estratégias de Abordagem do Texto Narrativo*. Lisboa: Texto Editora.

Amor, E. (1999). *Didáctica do Português*. Lisboa: Texto Editora.

Cagliani, L. C. (1993). *Alfabetização e Linguística*. 6ª Edição. São Paulo: Scipione.

Moreira, V & Pimenta, M (1993). *Dimensões do Português*. 10º Ano Português B. Porto: Porto Editora.

Vilson, J. L. (1996). *Aspectos da Leitura*. Porto Alegre: Sagra.

The background of the page is a solid light green color. Overlaid on this background are large, white, stylized letters and characters from various alphabets, including Latin, Cyrillic, and African scripts. The letters are of different sizes and orientations, creating a dense, abstract pattern. Some recognizable letters include 'S', 'M', 'D', 'A', 'B', 'C', 'X', 'E', 'T', 'O', 'Q', 'Y', 'h', 'u', 'k', 'r', 't', 'i', 'g', 'j', 'v', and 'z'.

Capítulo VI

**A Escrita e sua
Prática nas Línguas
Moçambicanas**



Ao terminar o presente capítulo você será capaz de produzir e apresentar diversos textos escritos de utilidade didáctica, individual e comunitária, obedecendo às regras ortográficas e gramaticais da sua língua moçambicana. Usará estes diferentes textos na abordagem de várias temáticas de interesse social, como nutrição, saúde e bem-estar, inclusão social, entre outras.



Ao terminar este capítulo, você deverá:

- ◆ Comunicar, por escrito, com a fluidez necessária para ser entendido(a) pelos seus interlocutores e formandos, crianças e adultos, na sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Escrever textos simples e complexos devidamente estruturados, observando as regras de ortografia padronizada e tendo em conta o seu interlocutor.



Espera-se que, no final deste capítulo, você:

- ◆ Produza discursos escritos formais e académicos na sua língua moçambicana;
- ◆ Escreva diferentes tipos de textos na sua língua moçambicana, com correcção linguística e aplicando técnicas de composição apropriadas aos diferentes géneros textuais;
- ◆ Produza jornais de turma na sua língua moçambicana de trabalho;
- ◆ Elabore projectos de produção textual na sua língua moçambicana sobre diferentes temas, incluindo as transversais, propostos no Manual.

A ESCRITA E SUA PRÁTICA NAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

A escrita, assim como outras habilidades linguísticas já aprendidas, é muito importante na aprendizagem de uma língua. Enquanto habilidade linguística, a escrita é o culminar das aprendizagens que vem adquirindo sobre uma dada língua. É por isso que, em contextos de educação formal, a leitura e a escrita são duas das habilidades fundamentais sobre as quais depende a avaliação do desempenho do aluno.

O aluno que não apresente um domínio aceitável de leitura e de escrita precisa de mais apoio do professor para que possa desenvolver outras habilidades do conhecimento. Adultos que não tiveram a oportunidade de aprender a ler ou escrever na infância podem ter limitada mobilidade socioeconómica. Para que todas as crianças consigam sucesso escolar na leitura e na escrita, o professor precisa de usar estratégias de ensino diferenciadas para alunos com deficiência ou com dificuldades de aprendizagem. Também é importante que o professor adopte metodologias centradas no aluno, actuando como mediador e inspirando os seus alunos para participar na aula. Os professores primários precisam de cuidar também da equidade de género, criando oportunidades para estimular e elogiar ambas (os) as raparigas e os rapazes, por cada avanço nas suas habilidades de leitura e escrita.

O rendimento na escrita, mais que outro indicador, é considerado o principal indicador de desempenho escolar do aluno e dos sistemas educativos. É por isso que, quando a maior parte dos alunos não tem bom desempenho na leitura e escrita, a qualidade do sistema educativo é questionada, o que pode levar à perda da sua credibilidade.

Como formando(a) hoje e professor(a) primário(a) do amanhã, você deve saber desenvolver e aprimorar a sua habilidade de escrita na sua língua moçambicana. Para que isso seja possível, deve praticar constantemente a escrita na sua língua moçambicana de trabalho, partindo de textos simples a complexos, textos de natureza diversa, com temáticas de interesse individual, colectivo ou social, de modo a construir uma aprendizagem significativa.

Actividade 1



Trabalho aos pares

Acabou de ler um texto sobre a escrita. Vamos pensar juntos:

1. Será que podemos separar a escrita da leitura ou da oralidade?
2. Dialogue com o seu colega de carteira sobre isso. A que ponto chegaram?

É verdade que a oralidade, a leitura e a escrita são habilidades linguísticas que se entrelaçam, sendo difícil separar uma da outra. Quando tratamos da escrita, a leitura está implicitamente presente e vice-versa.

A actividade de leitura é fundamental, pois a sua prática aperfeiçoa a expressão oral e escrita, favorece o conhecimento e a compreensão, desenvolve o raciocínio, a memória, a imaginação, o sentido crítico e estético.

Depois de conhecermos os princípios básicos da escrita e, considerando que você já aprendeu o suficiente sobre as regras de escrita na sua língua moçambicana de trabalho, vamos passar para actividades que promovam as duas habilidades e.

Actividade 2



Estudo independente

1. Procure um texto escrito na sua língua, na biblioteca do IFP ou noutro lugar. Leia-o atentamente e faça o seu resumo. Lembre-se que aprendeu a fazer resumo na disciplina de Língua Portuguesa. O resumo deve conter:
 - ◆ Um título,
 - ◆ As ideias principais do texto,
 - ◆ Os detalhes.
2. *O que achou da actividade?*
3. *Sabe que tipo de escrita desenvolveu ao elaborar o resumo do texto?*
4. *Faça uma história livre, de 5 linhas no máximo, e ilustre-a.*

6.1. Tipos de escrita

A escrita pode ser subdividida em duas modalidades, a saber: a compositiva e a não compositiva. Estas duas modalidades são exploradas a seguir.

6.1.1. A escrita não compositiva

A escrita não compositiva é aquela que não implica necessariamente uma estruturação textual, compreendendo apenas pequenos segmentos ou frases simples. As listas para compras, perguntas para um questionário, uma ficha de leitura e um texto de tomada de notas, a par do resumo, são exemplos de textos não compositivos. Ao resumirmos um texto, por exemplo, também estamos no processo de escrita não compositiva.

Actividade 3



Trabalho em grupo

1. Organizem-se em grupos linguísticos ou de línguas próximas. Cada grupo deve ter uma tarefa específica. Façam o sorteio das actividades através do método par ou ímpar ou por meio de papelinhos.
 - ◆ Grupo 1: Elabora um conjunto de perguntas para uma entrevista com os encarregados de educação sobre a importância do envolvimento da comunidade na vida da escola.
 - ◆ Grupo 2: Elabora uma lista de compras para a festa de encerramento do ano lectivo.
 - ◆ Grupo 3: Toma notas sobre como os restantes grupos estão a trabalhar.
2. Cada grupo deve saber organizar a sua tarefa. A interacção deve ser apenas entre os elementos de cada grupo.
3. No fim, cada grupo apresenta o seu trabalho à turma, seguido de debates sobre o mesmo.

Actividade 4



Trabalho em grupo

É muito importante envolver a comunidade na escola e vice-versa. O que podemos programar em actividades de escrita? A turma pode organizar um debate sobre que actividades de literacia podem realizar com o envolvimento da comunidade através das escolas de Estágio. Organizem-se em grupos e distribuam as tarefas como se segue:

Grupo 1: Organiza o debate;

Grupo 2: -Sintetiza as ideias saídas do debate;

Grupo 3: Operacionaliza as ideias do debate;

Grupo 4: Estabelece o contacto com a Direcção da Escola e o Conselho de Escola para operacionalizar a interacção com a comunidade.

1ª etapa

1. Identifiquem um casal idoso para contar uma história, na língua local, sobre os casamentos na comunidade. Vão tomando notas (nas vossas línguas moçambicanas de trabalho) do que estão a ouvir, discretamente;
2. Depois de ouvirem a história façam perguntas, gentilmente, para entenderem que tipos de casamento ocorrem mais na sua comunidade. É muito importante que tanto o homem como a senhora possam falar;
3. Conduzam a conversa para colher deles a sua opinião sobre uniões prematuras e o papel da sociedade na protecção às meninas da faixa dos 10 aos 17 anos contra esse tipo de união;
4. No fim, agradeçam o casal pela sua participação na actividade de interacção com a escola e digam que esperam contar com eles em próximas ocasiões.

2ª etapa

1. Em grupos de línguas mutuamente inteligíveis, organizem as vossas notas;
2. Troquem as notas entre os grupos para enriquecerem cada tomada de notas;
3. Façam um texto expositivo-argumentativo, nas vossas línguas moçambicanas de trabalho, sobre as uniões prematuras. Consultem o vosso Manual de Língua Portuguesa para saberem mais sobre como elaborar um texto deste tipo.

3ª etapa

1. Entreguem os trabalhos ao (à) formador(a) para correcção;
2. Os melhores trabalhos serão afixados no mural da turma.

6.1.2. A escrita compositiva

Contrariamente à escrita não compositiva, a compositiva é a que requiere maior rigor na estruturação textual, desde a selecção vocabular, a selecção dos articuladores, a coesão e coerência textual. A maior parte dos géneros textuais pertencem a esta modalidade de escrita. Por exemplo, os textos administrativos, os literários, multiuso, jornalísticos, de chamada de atenção e os normativos são de natureza compositiva. Para mais informações, também poderão consultar o Manual de Língua Portuguesa. É esta modalidade que vai ser trabalhada e praticada nesta secção.

Actividade 5



Trabalho independente

Hoje vão fazer uma actividade divertida relacionada com a escrita compositiva. Vão compor uma música na vossa língua moçambicana de trabalho. Sigam as seguintes etapas para orientação do vosso trabalho. Também podem recorrer aos músicos da comunidade próxima do vosso IFP ou Escola de Estágio. Para escrever canções com sucesso, não basta escrever bem, não basta ser poeta. Você tem que ser muito aberto(a) e soltar a imaginação.

Seguem-se as 3 etapas para você escrever, de forma divertida, as suas primeiras canções na sua língua moçambicana.

1ª etapa

1. Cantarolem ou toquem uma melodia infantil conhecida e, depois, tentem adaptar a essa melodia algo escrito por vocês, em prosa ou em verso, na vossa língua moçambicana de trabalho;
2. Escrevam uma letra sem rima e façam coincidir cada nota com uma sílaba;
3. Apontem uma lista de títulos não muito sérios, que descrevam a primeira linha de vosso texto com pelo menos sete sílabas;
4. Escrevam alguns títulos mais sérios com o mesmo número de sílabas dos títulos não muito sérios;
5. Escolham um dos títulos sérios e escrevam em prosa e em poucas linhas, a história por detrás do título, tendo sempre presente que não deve rimar;
6. Utilizando a informação da história, escrevam uma letra sem rima para a melodia infantil escolhida;
7. Por fim, escrevam a letra definitiva e séria com a história e as rimas.

2ª etapa

- ◆ Procurem, na vossa comunidade, uma compositora ou um compositor para vos ajudar a compor a vossa canção.

3ª etapa

1. Organizem um concurso para a apresentação das canções no vosso IFP;

2. Organizem um júri com os membros da comunidade escolar e local.

Divirtam-se!

6.2. Textos administrativos

Na disciplina de Língua Portuguesa, aprendeu a natureza e tipos de textos administrativos. Por exemplo, já sabe o que é e como se faz um requerimento, uma acta e um relatório. Estes são alguns exemplos de textos administrativos. O objectivo aqui não é definir estes tipos de texto, mas sim produzi-los na sua língua moçambicana de trabalho.

Actividade 6



Estudo independente

Imagine que uma organização juvenil de que você faz parte, pretende levar a cabo uma actividade cívica de sensibilização contra o uso e/ou consumo de álcool e drogas entre jovens em formação no IFP onde você se está a formar:

- ◆ Redija um requerimento, na sua língua moçambicana de trabalho dirigido ao(à) Director(a) do Instituto a pedir permissão para a realização do evento.
- ◆ Consulte o seu Manual de Língua Portuguesa (págs.14 a 16) para rever os passos sobre como elaborar o seu requerimento;
- ◆ No final da actividade, troquem os trabalhos, corrijam-nos e reescrevam-nos, de acordo com as sugestões dos(as) colegas.

Actividade 7



Estudo independente

1. A partir das sessões de reunião da turma, elabore um relatório informativo, na sua língua moçambicana, sobre o que aconteceu no encontro;
2. Troque o relatório com um(a) colega que fale a mesma língua que a sua ou que fale uma língua próxima;

3. Faça as correcções linguísticas e de conteúdo necessárias no seu relatório, tendo em conta as alterações ou emendas sugeridas pelo (a) colega;
4. Reescreva o seu relatório, inserindo as correcções e observações sugeridas pelo(a) colega;
5. Em seguida apresentem os relatórios à turma;
6. Coloquem os relatórios na vitrina da turma para partilha e divulgação.

6.3. Textos literários

Os textos literários são uma construção textual com normas literárias, objectivos e características próprias. A sua principal marca é o uso de uma linguagem elaborada, de forma a causar emoções no leitor. São exemplos o conto, a novela, o romance, a poesia e a peça teatral. Os textos literários podem ser escritos (literatura escrita) ou orais (literatura oral).



Texto

A mulher na escrita de Paulina Chiziane



Paulina Chiziane (Manjacaze, Gaza, 4 de Junho 1955) é uma escritora moçambicana. Cresceu nos subúrbios da Cidade de Maputo, anteriormente chamada Lourenço Marques. Nasceu numa família protestante, onde se falavam as línguas Copi e Rhonga. Aprendeu a língua portuguesa na escola de uma missão católica. Começou os estudos de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane

sem, porém, ter concluído o curso. Iniciou a sua actividade literária em 1984, com contos publicados na imprensa moçambicana. Com o seu primeiro livro, *Balada de Amor ao Vento*, editado em 1990, tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance.

A partir da leitura do conjunto da obra da escritora, percebe-se a sua preocupação com o feminino, de um modo geral, e com a mulher moçambicana, em particular. A escritora demonstra conhecer em profundidade as demandas político-jurídicas e sociais relacionadas às mulheres de seu país, sem perder de vista questões histórico-culturais muito importantes, como a poligamia. Esta prática social está retratada no conjunto de sua obra. Algumas vezes, como em Balada de Amor ao Vento, para questionar a cultura imposta pelo colonizador, pois Sarnau amava Mwando, queria viver ao lado dele, e não se importava em ser a sua segunda esposa. Este, totalmente assimilado à cultura ocidental cristã, prefere o casamento monogâmico. Vê-se que a leitura do feminino em Moçambique, a partir das obras da escritora Paulina Chiziane, requer, além do estudo das ideias feministas pós-coloniais - que privilegiam as reflexões de raça e género, cidadania e identidade - uma pesquisa acerca das práticas sociais e culturais das diversas etnias que habitam o território moçambicano, abrangido pelo vasto espectro ficcional da obra da autora. Requer ainda um maior conhecimento de aspectos antropológicos e historiográficos do país e a disposição de percorrer caminhos nem sempre seguros, já que as fontes são, em última instância, também interpretações, nem sempre de vivências e experiências. As personagens dos livros de Paulina são “forjadas” e “temperadas” na e pela dor, o que nos permite afirmar que as acções desenvolvidas por elas, por um lado, representam os sofrimentos, os desejos e as angústias das mulheres moçambicanas, mas também as crenças e esperanças de dias melhores.

Rio de Janeiro, v.1, n. 2, pp. 62-70, jan/jul 2010.

Actividade 8



Trabalho em grupo

- ◆ Quem já ouviu falar de Paulina Chiziane?
 - ◆ Quem já leu algum livro dela?
 - ◆ Vamos conhecer mais esta escritora moçambicana através do texto: “A mulher na Escrita da Paulina Chiziane”
 - ◆ Façam a leitura silenciosa do texto e respondam às questões que se seguem, oralmente, na vossa língua moçambicana de trabalho:
1. De acordo com o texto, como é que a mulher é retratada nos livros de Paulina Chiziane?

2. O que é poligamia? O que acham sobre esta prática na nossa sociedade?
3. Quando a poligamia envolve uniões prematuras, o que acontece com as meninas envolvidas?
4. A dado momento, no texto pode ler-se a seguinte passagem: "...queria viver ao lado dele, e não se importava em ser a sua segunda esposa..."
 - a. Que comentários fazem sobre esta passagem?
 - b. O que acham desta atitude em relação ao modo de vida moderno?
 - c. O que diz o texto acima sobre este assunto?
5. Apontem três acções que podem ser desenvolvidas para se discutir as questões sobre poligamia e uniões prematuras no nosso país.
6. Pesquisem sobre o prémio internacional recebido pela escritora Paulina Chiziane: tipo específico de prémio; o ano e o fórum em que lhe foi atribuído.
7. Na sua língua moçambicana de trabalho, elabore um texto de 500 palavras sobre a vida de uma escritora ou um (a) escritor (a), um (a) cantor (a), um(a) escultor(a) moçambicano(a), à sua escolha. Troque o texto com os colegas para corrigirem, antes de entregarem ao (à) formador(a). No fim, coloquem na vitrina da turma, com o apoio do (a) formador(a).

Actividade 9



Trabalho aos pares

1. Em pares mistos (uma formanda e um formando), façam um poema, na vossa língua moçambicana de trabalho, sobre um dos seguintes temas:
 - ◆ Uniões prematuras entre jovens;
 - ◆ Ser professor(a) em Moçambique;
 - ◆ Identidade e línguas africanas.
2. Façam um concurso de declamação dos poemas;
3. Afixem os melhores poemas nas vitrinas do IFP.



Texto

Nutrição, saúde e bem-estar

Todos nós procuramos o bem-estar e qualidade de vida no dia-a-dia. Todos queremos viver com mais saúde. Bem-estar é estar de bem com a vida. É procurar sempre o equilíbrio entre o corpo e a mente. Este equilíbrio propicia uma vida saudável. A nossa alimentação é um indicador do nosso bem-estar. Uma alimentação saudável é por si só um caminho para um estado de saúde adequado. Comer bem não é comer muito e muito menos comer pouco. Comer bem significa comer alimentos variados todos os dias. Para além dos alimentos básicos, é importante comer frutas e legumes. As frutas e legumes protegem o corpo contra as doenças. É preciso comer alimentos variados todos os dias. Alguns pratos da comunidade são saudáveis. Também é muito bom saber aproveitar os produtos locais como frutas, legumes que nos protegem contra doenças.

Actividade 10



Trabalho independente

Leia silenciosamente o texto sobre nutrição, saúde e bem-estar.

1. Faça uma tradução contextualizada do texto para a sua língua moçambicana.
2. Que hábitos alimentares são mais comuns na sua zona de origem?
3. Qual a importância da boa alimentação para aprendizagem da criança na escola?
4. Ficou sensibilizado com o texto que acabou de ler? Vai mudar os seus hábitos alimentares? Porquê? O que vai fazer para mudar os seus hábitos alimentares?

Actividade 11



Trabalho em grupo

1. Organizem-se em grupos linguísticos de 5 formandos de ambos os sexos;

2. Elaborem um texto dramático, criativo e sugestivo sobre a obesidade. Não se esqueçam de:
 - a. Indicar os personagens;
 - b. Organizar os momentos de acção (intervenção de cada personagem);
 - c. Indicar o local da representação (encenação);
 - d. Especificar o ambiente da encenação;
3. No fim , encenem o texto para a turma! Divirtam-se muito!

Actividade 12



Trabalho independente

1. Escreva um texto narrativo, na sua língua moçambicana de trabalho, sobre a importância da Alfabetização e Educação de Adultos, na sua comunidade.
2. Leia o texto para a turma;
3. Depois de corrigido, exponha-o na vitrina da turma.

6.4. Textos multiuso

Os textos multiuso são de utilidade múltipla, ou seja, são textos usados para diferentes fins. São exemplos os textos informativos (jornal, reportagem, crónica); textos expositivos (explicativos e argumentativos).

Actividade 13



Trabalho aos pares

1. Forme um par com um colega que fale a mesma língua moçambicana que a sua ou que fale uma língua próxima à sua;
2. Leiam, atentamente, o texto sobre o acesso a contraceptivos;
3. Extraíam do texto termos técnicos e/ou palavras que considerem de difícil compreensão;
4. Procurem o seu significado/explicação ou definição num dicionário de Português;

5. Traduzam o texto para a vossa língua moçambicana de trabalho;
6. Juntem-se a outro par de colegas que tenham a mesma língua moçambicana de trabalho que a vossa, comparem os textos, corrijam e façam a reescrita dos mesmos;
7. Depois afixem os textos na vitrina da turma ou do IFP para que os outros colegas os leiam.



Texto

ACESSO A CONTRACEPTIVOS AINDA ABAIXO DA META

O Ministério da Saúde (MISAU) estima em 27% o uso de todos os métodos contraceptivos em mulheres casadas, na faixa etária de 15 aos 49 em Moçambique.

No entanto, evidências científicas mostram que, se o país conseguisse proporcionar o acesso a contraceptivos para as mulheres que queiram adiar a gravidez ou parar de ter filhos reduziriam em 73% os casos de gravidez não planificada, assim como baixariam em 25 a 35% as mortes maternas.

Segundo os dados do MISAU, se as mulheres tivessem meios adequados para espaçar a gravidez por um período de três anos, poder-se-ia evitar a morte de

18% de crianças que morrem até aos 28 dias, de 24% de recém-nascidos que perdem a vida até ao primeiro ano de vida.

A informação foi revelada pela Chefe do Departamento de Saúde da Mulher e da Criança no MISAU, Páscoa Wate, que falava recentemente por ocasião do Dia Mundial da Contraceção, que se assinalou a 26 de Setembro.

A contraceção constitui, segundo Wate, um conjunto de métodos químicos ou mecânicos que permitem que as mulheres previnam a gravidez. Ela integra os serviços oferecidos no âmbito do planeamento familiar a homens e mulheres de todas as idades a fim de definirem o número e a altura para ter filhos, assim como o seu espaçamento.

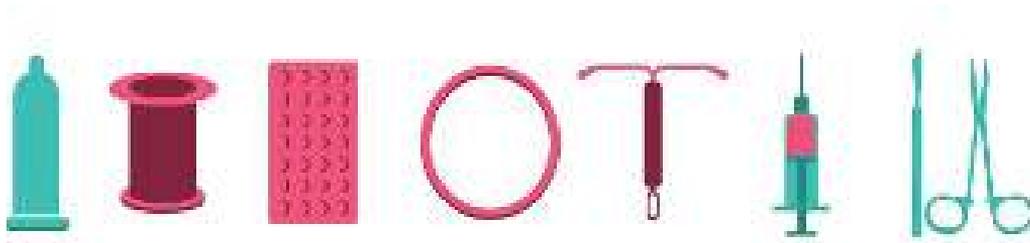
Segundo a fonte, existem métodos de curta duração (o preservativo e a pílula), a injeção com uma duração de três meses; o dispositivo intra-uterino (DIU), mais conhecido por “aparelho”, que pode ir até aos 12 anos. Há também os permanentes, aconselháveis para as pessoas com muitos filhos e que não querem mais procriar.

No entanto, problemas como a dificuldade de acesso às unidades sanitárias, crenças de ordem cultural no contexto familiar, associadas à limitação do sector da saúde, minam o sucesso deste método.

Páscoa Wate apontou, como exemplo, que não obstante a cobertura da rede sanitária estar um pouco acima de 60%, as dificuldades são ainda enormes.

Enquanto nos centros urbanos a distância até a uma unidade sanitária é curta, o mesmo não se pode afirmar em relação ao meio rural, onde, nalguns casos, as pessoas têm que percorrer 30 a 40 quilómetros para encontrar uma unidade sanitária. Aliás, nestas regiões dificilmente existe transporte público para levar os doentes ao hospital (...)

In: Jornal Notícias, 04 de Dezembro de 2017, adaptado



Actividade 14



Trabalho independente

Com base no tema “educação, ética e trabalho”:

1. Elabore um texto de natureza expositiva (argumentativo ou explicativo) na sua língua moçambicana de trabalho;
2. Troque o texto com um colega falante da mesma língua moçambicana que a sua ou de uma língua próxima à sua;
3. Faça as correcções necessárias no texto do colega e apresente sugestões para o melhoramento do mesmo;
4. Reescreva o seu texto, corrigindo-o ou inserindo as sugestões apresentadas pelo colega;
5. Apresente-o à turma em actividades de leitura.

Os melhores textos serão expostos na vitrina da turma ou da escola para consumo público.

6.5. Textos de chamada de atenção

Os textos de chamada de atenção constituem um grande grupo de textos técnicos, pois requerem um conhecimento específico de redacção para cada um deles. Estes visam advertir ou comunicar uma novidade, seja por via oral ou por escrito. São exemplos o aviso, o regulamento, a convocatória, a circular, o ofício e o memorando.

Actividade 16



Trabalho aos pares

Uma empresa de distribuição de livros escolares não conseguiu entregar a tempo os livros numa escola primária. A mesma pretende endereçar uma carta à referida escola, na língua falada localmente, para esclarecer o ocorrido.

1. Dois a dois, elaborem uma carta comercial, na vossa língua moçambicana dirigida ao director dessa escola;
2. A carta deve ter: data, vocativo, explanação do assunto, fecho e assinatura;
3. Podem trocar as cartas com outros pares para correcções e sugestões.;
4. Reescrevam as vossas cartas e afixem-nas na vitrina da turma.



Jornal da turma

O jornal da turma é uma ferramenta para a produção e recolha de notícias em línguas moçambicanas para serem afixadas e lidas pela comunidade escolar. É uma obra do grupo que participa activamente da edição. A proposta tem mais impacto que o jornal da escola como um todo, onde as turmas participam apenas com alguns textos e o processo de edição fica distante.

Actividade 17



Trabalho em grupo

1. Formem grupos linguísticos de 5 formandos e formandas;
2. Cada grupo deve preparar uma notícia, na sua língua moçambicana de trabalho, sobre acontecimentos internos do IFP;
3. As notícias preparadas devem ser afixadas no quadro da turma para uma posterior leitura;
4. De uma forma rotativa, os grupos devem apresentar as notícias recolhidas durante a semana. Esta actividade pode ser semanal;
5. Os outros colegas devem acompanhar as notícias para possíveis questionamentos ou comentários sobre as mesmas, e posterior debate de algumas na turma.

Actividade 18



Trabalho independente

1. Elabore o seu curriculum vitae (CV) na sua língua moçambicana. O CV deve seguir as regras de redacção deste tipo de documento, nomeadamente:
 - ◆ Partes principais do CV;
 - ◆ Linguagem clara e simples;
 - ◆ Linguagem objectiva;
 - ◆ Inclusão da informação essencial.
2. Depois troque o seu CV com um(a) ou dois(duas) colegas que falam a mesma língua que a sua. A partir das correcções, e sugestões dos colegas, reescreva o seu CV. Pode apresentar o seu CV ao Projecto Clube de Leitura em Línguas Moçambicanas

Actividade 19



Trabalho em grupo

Imaginem que devem preparar materiais didácticos e precisam de contos em línguas moçambicanas, para ensinar a leitura e a escrita nestas línguas. Vocês vão precisar de material local, relevante ao vosso futuro público-alvo, crianças e adultos. Vocês não possuem a matéria-prima que são os textos, mas precisam de produzi-los.

1. Organizem-se em grupo;
2. Façam o plano de recolha de 4 contos: dois infantis e dois para a educação de adultos;
3. Peçam permissão para gravar e fotografar (se for o caso);
4. Gravem os contos;
5. Transcrevam e editem os contos;
6. Ilustrem os contos;
7. Publiquem uma brochura da turma com contos de diferentes línguas moçambicanas.



Resumo

A escrita é um dos principais indicadores do desempenho escolar. Ela é subcategorizada em compositiva e não compositiva. A prática da escrita é uma actividade que deve ser contínua para o aprimoramento da sua escrita e dos seus futuros alunos e alunas, e, também, alfabetizando e alfabetizadas, jovens e adultos (as). Lembre-se, a escrita pode ser autónoma, mas é mais interessante quando deriva de outras actividades como a oralidade e a leitura.



Bibliografia

- Cassany, D. (2009). *La Composición Escrita em E/ELE*. MONOGRÁFICOS marco ELE nº 9. Didáctica del Español como Lengua Extranjera – EXPOLINGUA 1999
- Coimbra, I. & Coimbra, O. M. (2011). *Gramática Activa I*. Explicação e Exercícios de Gramática de Auto-aprendizagem. 3ª edição. Lisboa: LIDEL.
- Cunha, C. & Cintra, L. (1989). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ª Edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- De Andrade, M. M. & Henrique, A. (2004). *Língua Portuguesa: Noções Básicas para Cursos Superiores*. 7ª edição. São Paulo: ATLAS Editora.

**CHAVES DE
CORRECÇÃO
DOS EXERCÍCIOS**

Capítulo I



Soluções dos exercícios

Terminado o primeiro capítulo, compare as respostas dadas nas actividades propostas ao longo do mesmo com as sugestões apresentadas nesta chave de correcção.

ACTIVIDADE 1

1. A partir das discussões tidas no grupo, os formandos apresentam um texto relacionando os conceitos de língua e comunicação
2. O grupo deve estabelecer as semelhanças e diferenças entre língua e variante. Para tal, pode recorrer (i) às definições de língua e variante que o Manual apresenta (ii) pode basear-se noutros materiais propostos pelo formador para consulta ou que o formando tenha consultado. Os exemplos sobre variante linguística vão de acordo com a língua de trabalho do formando.
3. O grupo pode enumerar os meios de comunicação que conhece. Por exemplo, gestos, sons, imagens, telefone, computador, internet, TV.
- 4 e 5. Respostas de acordo com a localização geográfica da zona de origem do formando.
6. Respostas de acordo com a localização geográfica da zona de origem do formando, desde que a resposta inclua aspectos distintivos da pronúncia e suas consequências.

ACTIVIDADE 2

Esta é uma actividade de desenvolvimento contínuo de aprendizagem. É muito mais de compreensão textual e sua correcção depende muito mais da compreensão textual e da reflexão do formando.

ACTIVIDADE 3

A actividade depende do grupo formado. Porém, cada elemento do grupo deve fornecer a informação real do contexto linguístico da sua família

ACTIVIDADE 4

Esta é uma actividade de debate e reflexão e visa estimular a habilidade de argumentação dos formandos a partir do tema inclusão educacional. Por isso, esta actividade depende totalmente da criatividade, posicionamento, articulação de ideias e argumentação com relação à sua tese.

ACTIVIDADE 5

1. O formando elabora um pequeno texto relacionando os conceitos de língua e comunicação, com destaque para o contexto moçambicano.
2. A resposta depende da língua do formando. O importante é indicar todas as variantes dessa língua, recorrendo aos relatórios de padronização da ortografia das línguas moçambicanas (I, II e III).
3. O formando elabora um mapa linguístico da sua zona de origem (distrito e província).
4. O formando elabora um quadro resumo sobre as principais características das línguas moçambicanas, nomeadamente:
 - i) As classes devem associar-se regularmente em pares que opõem o singular do plural de cada género. Há, no entanto, classes em que esta regularidade não ocorre, isto é, classes sem oposição do singular e plural, por exemplo as classes locativas e do infinitivo verbal (cl. 15);
 - ii) Não há correlação entre género e a noção sexual ou qualquer outra categoria semântica claramente definida;
 - iii) Ter um vocabulário comum a outras línguas, a partir do qual se pode formular uma hipótese sobre a possível existência de uma língua ancestral comum.

ACTIVIDADE 6

Esta é uma actividade de reflexão e análise, pelo que depende muito do raciocínio do formando. Todavia, a reflexão deve estar em torno da relação entre a língua e identidade do indivíduo (por exemplo, quando alguém fala Shimakonde, a primeira leitura que se faz é que ele é pertencente à etnia Makonde) e sobre como a(s) língua(s) concorre(m) para o desenvolvimento do país (contexto local) e a relação com os outros/relacionamento internacional (contexto global).

ACTIVIDADE 7

Esta actividade tem a ver com uma parte da actividade anterior (actividade 6), nomeadamente sobre a influência ou contributo das línguas no desenvolvimento do país. Os grupos terão que elaborar os textos que versam sobre as áreas de desenvolvimento apresentados no exercício.

ACTIVIDADE 8

Actividade de reflexão e acção. O formando, partindo do conhecimento que tem sobre o contexto sociolinguístico de Moçambique reflecte sobre a relação língua e intervenção social, propõe as línguas para os três contextos apresentados nos exercícios e partilha-os com seus colegas da turma.



Capítulo II

Soluções dos exercícios

Depois de ter feito as tarefas propostas ao longo do capítulo que ora termina, compare as respostas dadas nessas actividades com as sugestões apresentadas nesta chave de correcção:

ACTIVIDADE 1

Esta actividade é de indução para a aprendizagem da ortografia das línguas moçambicanas. O(a) formando(a) traduz ou escreve as palavras sugeridas na sua língua moçambicana de trabalho e reflecte sobre as diferentes formas de escrever apresentadas pelos diferentes grupos linguísticos

ACTIVIDADE 2

Esta actividade ainda é de indução para a aprendizagem da ortografia das línguas moçambicanas.

Os(as) formandos(as), comparam a escrita do Português e das diferentes línguas moçambicanas e partilham as suas constatações.

ACTIVIDADE 3

Nesta actividade, o(a) formando(a) compara o alfabeto do Português com o da sua língua moçambicana. Nesta comparação, deve ver as principais diferenças fonéticas e de grafia entre ambas e partilhar com os colegas.

ACTIVIDADE 4

1. Esta actividade visa consolidar os aspectos específicos da ortografia das línguas moçambicanas. Os(as) formandos(as) identificam as modificações das consoantes e as diferenças entre vogais que ocorrem nos dois textos.
2. Os(as) formandos(as) elaboram textos curtos sobre as danças tradicionais da sua zona de origem, respeitando o sistema ortográfico da sua língua moçambicana de trabalho.

ACTIVIDADE 5

Esta actividade é de consolidação da ortografia das línguas moçambicanas.

1. Os(as) formandos(as) fazem o levantamento de palavras com consoantes

combinadas na sua língua moçambicana e confrontam os resultados com as regras sobre a padronização da escrita das línguas moçambicanas.

2. Os(as) formandos(as) elaboram um pequeno texto sobre a paridade entre rapazes e raparigas no acesso à educação;
3. Os(as) formandos(as) fazem o levantamento das palavras com grafemas combinados e treinam a leitura dos mesmos.

ACTIVIDADE 6

Trata-se de uma actividade individual para o treinamento da ortografia padronizada da língua moçambicana de trabalho. O formando traduz o texto proposto e partilha com seus colegas falantes da mesma língua moçambicana ou uma língua próxima. A troca tem como finalidade rever e corrigir o texto traduzido.

ACTIVIDADE 7

Trata-se de uma actividade individual para o treinamento da ortografia padronizada da língua moçambicana de trabalho. O formando traduz o texto proposto e partilha com seus colegas falantes da mesma língua moçambicana ou uma língua próxima. A troca tem como finalidade rever e corrigir o texto traduzido.

ACTIVIDADE 8

Esta actividade é individual e é para a construção da ortografia desenvolvimental. O formando traduz o texto proposto, seguindo as normas estabelecidas na ortografia da sua língua moçambicana. Ao trocar o texto com os colegas, o formando irá aprimorar a escrita na sua língua moçambicana, partindo das observações, correcções e sugestões dos colegas.

EXERCÍCIOS DE AUTO-AVALIAÇÃO

1. A relação existente entre a fala e a escrita é que a segunda (a escrita) é a manifestação física da primeira (da fala). Por outras palavras, a escrita é a representação física da fala através da grafia.
2. A principal diferença entre as vogais e consoantes da língua portuguesa e das línguas bantu é:
 - a) As vogais da língua portuguesa, dependendo do contexto de ocorrência, tomam diferentes realizações fonéticas; elas podem ser sequenciadas e nasalizadas. Ao contrário, nas línguas moçambicanas, as vogais geralmente não são

nasalizadas, não são sequenciadas; têm o mesmo valor fonético em qualquer ambiente de ocorrência e podem ser alongadas.

- b) As consoantes da língua portuguesa não são consistentes, isto é, algumas tomam valores diferentes dependendo dos contextos. Em contraste, nas línguas moçambicanas, independentemente do contexto de ocorrência, as consoantes mantêm o seu valor sonoro. Estas podem ser modificadas ou podem ser combinadas para indicar outros sons da língua. Há consoantes típicas ou especiais em cada língua bantu.
3. A resposta depende da língua de cada formando, desde que as palavras sugeridas apresentem a distinção de significados a partir da aspiração.
4. O formando elabora o texto (crónica, reportagem ou texto expositivo-argumentativo) na sua língua moçambicana, respeitando os princípios e normas de escrita estabelecidas para essa língua. Como referência, o formando pode usar a separata sobre a padronização da ortografia da sua língua.

Capítulo III



Soluções dos exercícios

De entre as várias possibilidades de responder às actividades propostas no capítulo que ora termina, observe as que propomos a seguir para confrontar com as suas respostas:

ACTIVIDADE 1

Esta é uma actividade de indução para o estudo do nome nas línguas moçambicanas. O formando define o conceito de nome tendo em conta o seu conhecimento e caracteriza-o com apoio do aprendido na disciplina de português.

ACTIVIDADE 3

Esta é uma actividade de construção de conhecimento sobre a estrutura do nome nas línguas moçambicanas. Assim, na alínea a) o formando deve traduzir (singular e plural), para a sua língua moçambicana, os nomes constantes no quadro. A seguir tem que descobrir qual é a estrutura desses nomes, ou seja, o que estes nomes exibem no singular e no plural.

Nas alíneas b) e c), a correcção vai depender do posicionamento do formando.

ACTIVIDADE 3

Esta é uma tarefa de consolidação, pelo que os(as) formandos(as), tendo em conta a noção de classe nominal e o princípio de padrões de concordância, indicam nomes que pertencem a, pelo menos, 3 classes nominais diferentes na sua língua moçambicana.

ACTIVIDADE 4

Esta é uma actividade em grupo e visa o aprofundamento do conhecimento sobre o nome nas línguas moçambicanas, o que requer maior participação do formando, principalmente na consulta bibliográfica. Assim, baseando-se nos debates da sala de aula e na pesquisa bibliográfica, o grupo linguístico deve estabelecer a relação das classes nominais existentes na sua língua moçambicana. Depois da realização da actividade, o grupo pode consultar e conferir na Tabela 6: prefixos e classes nominais de línguas moçambicanas.

ACTIVIDADE 5

Esta é uma tarefa de aprofundamento de conhecimento sobre os empréstimos nominais e sua integração nas línguas moçambicanas. Assim, o formando:

1. Escreve como se diz as palavras propostas, usando a ortografia da sua língua moçambicana;
2. Indica as línguas (possíveis) de proveniência de cada uma das palavras;
3. Enquadra esses nomes na sua língua, obedecendo às estratégias de integração de nomes já aprendidos, nomeadamente (i) Critério fonético, (ii) Critério semântico e (iii) Critério do prefixo zero.

ACTIVIDADE 6

Esta é uma actividade de aprofundamento de conteúdo e promove no(a) formando(a) habilidades para a pesquisa em acção no âmbito de línguas em contacto. No seu projecto, o(a) formando(a):

- (i) Apresenta palavras vindas de outras línguas em contacto;
- (ii) Categoriza as palavras de acordo com o critério de sua integração na língua de chegada (língua -alvo)
- (iii) Apresenta um texto escrito com introdução, desenvolvimento, conclusões e as referências bibliográficas.

AUTO-AVALIAÇÃO

Este é um exercício de auto-avaliação. Assim, as respostas do formando não podem estar longe das seguintes propostas:

- a) As principais categorias passíveis de derivar um nome nas línguas moçambicanas são o próprio nome, o verbo e o ideofone.



Capítulo IV

Soluções dos exercícios

De entre as várias possibilidades de resposta às actividades propostas no Capítulo IV, observe as que propomos a seguir para confrontar com as suas respostas:

ACTIVIDADE 1

Esta é uma actividade de compreensão e que leva o formando à reflexão sobre a importância de saber falar uma língua moçambicana, por um lado, e de aprofundamento de conhecimento sobre a escrita das línguas moçambicanas, por outro. Deste modo, as respostas dependem do formando, porém devem estar próximas das sugeridas a seguir:

1. O título é ao critério do formando, desde que esteja no contexto do que se trata no texto;
2. Ao critério do formando, mas o argumento é que dita a aceitação ou não da sua opinião;
3. A resposta a esta pergunta é também ao critério do formando, mas deve-se tomar em consideração o direito de dar e receber informação que a lei assiste ao cidadão;
4. Traduzir o texto na língua moçambicana, respeitando a ortografia estabelecida nessa língua;
5. A principal constatação é que todas as palavras exibem um prefixo verbal e um tema verbal;
6. O(a) formando(a) constrói frases na sua língua moçambicana de trabalho com as palavras traduzidas.

ACTIVIDADE 2

Esta é uma actividade em pares e a resposta ao exercício depende da língua em questão. Cada formando vai traduzir na sua língua e mostrar as palavras que exibem quase o mesmo comportamento..

ACTIVIDADE 3

Esta é uma actividade de aprofundamento de conhecimentos através da investigação. Cada grupo de formandos, falantes da mesma língua ou de línguas próximas, elabora um trabalho de investigação sobre a formação de novos verbos na(s) sua(s) língua(s). O trabalho deve conter os tópicos sugeridos no exercício (i, ii, iii, iv) e outros que o grupo achar relevantes.

ACTIVIDADE 4

Esta é uma actividade de pesquisa para o aprofundamento do conteúdo sobre extensões verbais. O(a) formando(a) faz o levantamento das extensões verbais existentes na sua língua moçambicana de trabalho; forma dez verbos a partir das extensões verbais existentes na sua língua e, por fim, elabora um texto na sua língua moçambicana de trabalho, respeitando os princípios de escrita dessa língua.

ACTIVIDADE 5

1. O(a) formando(a) escreve três frases (passado, presente e futuro) na sua língua moçambicana de trabalho, respeitando os princípios da ortografia dessa língua. Poderá notar que as formas verbais exibem partículas com informação de tempo e de pessoa gramatical;
2. O formando troca o seu caderno com o seu colega e corrige o que o colega escreveu. A correcção deve obedecer à escrita padronizada da língua moçambicana em questão;
3. Recorrendo à redacção conjunta, os formandos, aos pares, elaboram um pequeno texto a partir das frases que construíram.

ACTIVIDADE 6

O(a) formando(a) traduz, para a sua língua de trabalho, as frases propostas no quadro e encontra as particularidades sobre o núcleo de cada frase.

ACTIVIDADE 7

O (a) formando(a) traduz para a sua língua de trabalho, as frases propostas no quadro e encontra as particularidades sobre a concordância verbal.

EXERCÍCIO DE AUTO-AVALIAÇÃO

1. A frase verbal distingue-se da não verbal por esta ter como núcleo uma forma verbal e a outra ter como núcleo outros elementos lexicais, como nome, cópula, ideofone, entre outros. O formando terá que sustentar a sua resposta com exemplos da língua Bantu que fala.
2. O formando vai apresentar as principais formas de concordância verbal na sua língua. Vai sustentar as respostas com exemplos da língua Bantu que fala.
3. A resposta a esta questão está relacionada com o número anterior. Mas a questão central é que nas línguas Bantu há conflitos de concordância quando os elementos (nomes) que constituem o sintagma na posição de sujeito pertencerem a classes diferentes.

Capítulos V e VI



Chaves de correcção

As actividades destes capítulos são práticas, para o desenvolvimento da leitura em línguas moçambicanas. Assim, na execução de cada uma delas, tanto individualmente, como em grupo, deve-se ter em conta este fim, lembrando que as actividades de leitura e escrita são integradas. Nos trabalhos a realizar, deve-se observar sempre a correcção linguística e de conteúdos.